

# Censo da População em Situação de Rua – Joinville/SC

## 2023



**PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE/SC SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA  
SOCIAL**

**DIAGNÓSTICO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DE  
JOINVILLE/SC**

**2023**

**JOINVILLE/SC**

**Contratante:** Secretaria de Assistência Social

**Contratada:** Qualitest Inteligência em Pesquisa

**Contrato:** Pregão Eletrônico, SEI Nº 0013676376/2022 - SAP.UPR

**PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE/SC**

**GESTÃO MUNICIPAL 2021/2024**

**ADRIANO SILVA**

Prefeito

**REJANE GAMBIN**

Vice-Prefeita

**FABIANA RAMOS DA CRUZ CARDOZO**

Secretária de Assistência Social

**COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO DO CONTRATO Nº 740**

Ângela Andrea de França

Elizabeth Deglmann da Costa

Jaciane Geraldo dos Santos

Monica Salete Inthurn Marcomini

Rafael Feijó Vieira Vecchietti

## **LISTA DE SIGLAS**

**BPC** - Benefício de Prestação Continuada

**BI** - Business Intelligence

**CTPS** - Carteira de Trabalho e Previdência Social

**CRAS** - Centro de Referência da Assistência Social

**Ipea** - Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada

**SAS** - Secretaria de Assistência Social

**SES** - Secretaria da Saúde

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantidade de pessoas recenseadas nas ruas e nos centros de acolhida .....	21
Gráfico 2 - Distribuição da população em situação de rua em Joinville por raça/cor	23
Gráfico 3 - Distribuição da população em situação de rua em Joinville por sexo .....	23
Gráfico 4 - Distribuição da população em situação de rua em Joinville por faixa etária .....	25
Gráfico 5 - País de Nascimento dos estrangeiros em situação de rua em Joinville/SC - Verão.....	25
Gráfico 6 - País de Nascimento dos estrangeiros em situação de rua em Joinville/SC - Inverno .....	26
Gráfico 7 - Tempo em que os não-naturais de Joinville estavam em situação de rua na cidade - Verão .....	28
Gráfico 8 - Tempo em que os não-naturais de Joinville estavam em situação de rua na cidade - Inverno.....	28
Gráfico 9 - Tempo em que os entrevistados estavam em situação de rua/acolhimento - Verão.....	29
Gráfico 10 - Tempo em que os entrevistados estavam em situação de rua/acolhimento - Inverno.....	29
Gráfico 11- Se os entrevistados não-naturais de Joinville pretendiam ficar morando na cidade ou se estavam de passagem – Verão.....	30
Gráfico 12 - Se os entrevistados não-naturais de Joinville pretendiam ficar morando na cidade ou se estavam de passagem – Inverno .....	30
Gráfico 13 - Motivo de vinda para Joinville - Verão .....	31
Gráfico 14 - Motivo de vinda para Joinville - Inverno.....	31
Gráfico 15 - Documentos que os entrevistados tinham, mesmo que não estivessem com eles – Verão .....	33
Gráfico 16 - Documentos que os entrevistados tinham, mesmo que não estivessem com eles - Inverno.....	33
Gráfico 17 - Participação das pessoas em situação de rua em alguma atividade de vida civil - Verão .....	34
Gráfico 18 - Participação das pessoas em situação de rua em alguma atividade de vida civil - Inverno.....	35

Gráfico 19 - Impedimento de entrar em locais e detalhamento dos locais – Verão...	36
Gráfico 20 - Impedimento de entrar em locais e detalhamento dos locais - Inverno .	36
Gráfico 21 - Se os entrevistados sofreram algum tipo de violência desde que estavam em situação de rua e qual tipo de violência – Verão.....	38
Gráfico 22 - Se os entrevistados sofreram algum tipo de violência desde que estavam em situação de rua e qual tipo de violência - Inverno.....	38
Gráfico 23 - Indicação dos autores das violências praticadas contra as pessoas em situação de rua entrevistadas – Verão .....	39
Gráfico 24 - Indicação dos autores das violências praticadas contra as pessoas em situação de rua entrevistadas - Inverno .....	39
Gráfico 25 - Doenças ou problemas de saúde indicados pelas pessoas em situação de rua .....	41
Gráfico 26 - Locais ou serviços que as pessoas em situação de rua procuraram para resolver seus problemas de saúde.....	42
Gráfico 27 - Deficiências ou dificuldades sensoriais declaradas pelas pessoas em situação de rua - Verão .....	43
Gráfico 28 - Deficiências ou dificuldades sensoriais declaradas pelas pessoas em situação de rua - Verão .....	43
Gráfico 29 - Deficiências ou dificuldades sensoriais declaradas pelas pessoas em situação de rua - Verão .....	44
Gráfico 30 - Deficiências ou dificuldades sensoriais declaradas pelas pessoas em situação de rua – Inverno .....	44
Gráfico 31 - Deficiências ou dificuldades sensoriais declaradas pelas pessoas em situação de rua – Inverno .....	44
Gráfico 32 - Deficiências ou dificuldades sensoriais declaradas pelas pessoas em situação de rua – Inverno .....	45
Gráfico 33 - Frequência do uso de preservativos pelas pessoas em situação de rua .....	46
Gráfico 34 - Uso de álcool ou outras drogas pelos entrevistados antes de estarem em situação de rua.....	47
Gráfico 35 - Uso de álcool ou outras drogas pelos entrevistados após estarem em situação de rua.....	47
Gráfico 36 - Frequência do uso de álcool e outras drogas pelos entrevistados – Verão.....	48

Gráfico 37 - Frequência do uso de álcool e outras drogas pelos entrevistados - Verão .....	48
Gráfico 38 - Frequência do uso de álcool e outras drogas pelos entrevistados - Inverno .....	49
Gráfico 39 - Frequência do uso de álcool e outras drogas pelos entrevistados - Inverno .....	49
Gráfico 40 - Principais atividades de trabalho desenvolvidas pelas pessoas em situação de rua antes de estarem em situação de rua – Inverno .....	51
Gráfico 41 - Principais atividades de trabalho desenvolvidas pelas pessoas em situação de rua antes de estarem em situação de rua – Verão .....	51
Gráfico 42 - Tempo decorrido desde a última vez em que os entrevistados trabalharam com registro em carteira.....	52
Gráfico 43 - Situação atual dos entrevistados em relação ao trabalho .....	53
Gráfico 44 - Atividades desenvolvidas pelas pessoas em situação de rua para obter renda .....	54
Gráfico 45 - Recebimento de benefícios sociais pelas pessoas em situação de rua	55
Gráfico 46 - Renda das pessoas em situação de rua.....	55
Gráfico 47 - Com o que os entrevistados haviam gastado dinheiro no dia da entrevista.....	56
Gráfico 48 - Grau de escolaridade das pessoas em situação de rua - Verão .....	57
Gráfico 49 - Grau de escolaridade das pessoas em situação de rua - Inverno.....	58
Gráfico 50 - Locais em que os entrevistados nas ruas dormiram nas últimas semanas - Verão .....	59
Gráfico 51 - Locais em que os entrevistados nas ruas dormiram nas últimas semanas - Inverno.....	60
Gráfico 52 - Declaração de atendimento nos serviços listados durante os últimos 6 meses - Verão .....	60
Gráfico 53 - Declaração de atendimento nos serviços listados durante os últimos 6 meses - Inverno.....	61
Gráfico 54 - Onde os entrevistados se alimentaram no dia da entrevista - Verão.....	62
Gráfico 55 - Onde os entrevistados se alimentaram no dia da entrevista - Inverno ..	63
Gráfico 56 - Onde os entrevistados costumavam conseguir os alimentos que consumiam – Verão.....	64

Gráfico 57 - Onde os entrevistados costumavam conseguir os alimentos que consumiam - Inverno .....	64
Gráfico 58 - Onde os entrevistados costumavam conseguir água para consumo geral: banho, lavar roupa e beber - Verão .....	65
Gráfico 59 - Onde os entrevistados costumavam conseguir água para consumo geral: banho, lavar roupa e beber - Inverno .....	66
Gráfico 60 - Onde os entrevistados costumavam tomar banho ou se limpar - Verão	66
Gráfico 61 - Onde os entrevistados costumavam tomar banho ou se limpar - Inverno .....	67
Gráfico 62 - Locais onde os entrevistados costumavam defecar - Verão.....	67
Gráfico 63 - Locais onde os entrevistados costumavam defecar - Inverno .....	68
Gráfico 64 - Onde os entrevistados costumavam receber ou ter acesso a roupas limpas - Verão .....	68
Gráfico 65 - Onde os entrevistados costumavam receber ou ter acesso a roupas limpas - Inverno .....	69
Gráfico 66 - Como os entrevistados conseguiam calçados - Verão .....	69
Gráfico 67 - Como os entrevistados conseguiam calçados - Inverno.....	70
Gráfico 68 - Se as pessoas que menstruavam usavam absorventes - Verão .....	70
Gráfico 69 - Se as pessoas que menstruavam usavam absorventes – Inverno.....	71
Gráfico 70 - O que os entrevistados faziam para se divertir - Verão .....	71
Gráfico 71 - O que os entrevistados faziam para se divertir – Inverno.....	72
Gráfico 72 - Motivos que levaram à situação de rua - Verão.....	73
Gráfico 73 - Motivos que levaram à situação de rua - Inverno .....	74
Gráfico 74 - Tempo em que os entrevistados deixaram de ter uma moradia convencional – Verão .....	75
Gráfico 75 - Tempo em que os entrevistados deixaram de ter uma moradia convencional – Inverno .....	75
Gráfico 76 - Locais para onde os entrevistados foram quando perderam a condição de ter uma moradia própria convencional - Verão.....	76
Gráfico 77 - Locais para onde os entrevistados foram quando perderam a condição de ter uma moradia própria convencional - Inverno .....	76
Gráfico 78 - Tempo em que os entrevistados passaram a viver nas ruas ou nos centros de acolhida – Verão .....	77

Gráfico 79 - Tempo em que os entrevistados passaram a viver nas ruas ou nos centros de acolhida - Inverno .....	77
Gráfico 80 - Com quem os entrevistados viviam antes da situação de rua - Verão ..	78
Gráfico 81 - Com quem os entrevistados viviam antes da situação de rua - Inverno	78
Gráfico 82 - - Com quem os entrevistados viviam após estarem em situação de rua – Verão .....	79
Gráfico 83 - Com quem os entrevistados viviam após estarem em situação de rua - Inverno .....	79
Gráfico 84 - Passagem por instituições ao longo da vida - Verão .....	81
Gráfico 85 - Passagem por instituições ao longo da vida - Inverno.....	82
Gráfico 86 - Passagem pelo sistema socioeducativo ou prisional - Verão .....	82
Gráfico 87 - Passagem pelo sistema socioeducativo ou prisional - Inverno.....	83
Gráfico 88 - Para onde os entrevistados foram quando deixaram o sistema prisional - Verão .....	84
Gráfico 89 - Para onde os entrevistados foram quando deixaram o sistema prisional – Inverno .....	84
Gráfico 90 - Motivos para permanecerem no mesmo lugar - Verão .....	85
Gráfico 91 - Motivos para permanecerem no mesmo lugar – Inverno.....	86
Gráfico 92 - Motivos que levam as pessoas em situação de rua a ficarem mudando de lugar - Verão .....	86
Gráfico 93 - Motivos que levam as pessoas em situação de rua a ficarem mudando de lugar – Inverno .....	87
Gráfico 94 - O que mais ajudaria os entrevistados a superarem a situação de rua - Verão .....	87
Gráfico 95 - O que mais ajudaria os entrevistados a superarem a situação de rua - Inverno .....	88

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Divisão territorial do município de Joinville em Distritos Censitários .....	17
Mapa 2 - Distribuição espacial da população em situação de rua - Verão (Pontos de Concentração).....	22
Mapa 3 - Distribuição espacial da população em situação de rua - Inverno (Pontos de Concentração).....	22

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tabela 1 - Estado de nascimento das pessoas em situação de rua em Joinville - Verão .....	27
Tabela 2 - Tabela 1 - Estado de nascimento das pessoas em situação de rua em Joinville - Inverno .....	27

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. METODOLOGIA .....	16
3. PRINCIPAIS RESULTADOS .....	21
3.1 Perfil demográfico da população em situação de rua em Joinville .....	21
3.2 Exercício da cidadania .....	32
3.3 Indicadores de saúde .....	40
3.4 Trabalho e renda .....	50
3.5 Educação .....	57
3.6 Assistência social .....	59
3.7 Segurança alimentar e nutricional e Satisfação das necessidades básicas ....	62
3.8 Motivos para estar em situação de rua.....	73
3.9 Vínculos familiares .....	78
3.10 Acolhimento em Instituições.....	81
3.11 Local de permanência nas ruas.....	85
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
5. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....	104
ANEXO I.....	106

## 1. INTRODUÇÃO

O Relatório Diagnóstico da População em Situação de Rua de Joinville, no estado de Santa Catarina, é a conclusão de um projeto que teve como objetivo principal elaborar o “(...) diagnóstico Social e Comportamental da População em Situação de Rua do Município de Joinville/SC”, tendo sido contratado pela Secretaria de Assistência Social.

Este projeto previu a realização de uma pesquisa censitária para obter o número e a localização territorial das pessoas em situação de rua na cidade de Joinville/SC. Além disso, foi realizada uma pesquisa amostral para traçar o perfil da população em situação de rua na cidade. O levantamento incluiu informações sociodemográficas, participação em movimentos sociais e cidadania, indicadores de saúde, trabalho, renda e educação, assistência social, trajetória de vida e vida nas ruas, e indicadores de segurança pública. Também foram identificadas as principais características dos locais onde as pessoas em situação de rua são encontradas pernoitando, como ruas, praças e outros locais da cidade.

Uma característica que distingue este diagnóstico de outros realizados em diferentes cidades é a execução da pesquisa em duas etapas. A primeira etapa ocorreu no período de calor, entre o final da primavera e o início do verão de 2022, e a segunda etapa ocorreu no período de frio, durante o inverno, no mês de julho de 2023. A pesquisa em duas etapas teve como objetivo conhecer e comparar os movimentos da população em situação de rua na cidade e sua sazonalidade ao longo do ano. Os resultados revelaram características distintas das pessoas em situação de rua nos dois períodos, o que será demonstrado ao longo do texto.

A finalidade do diagnóstico é apoiar a organização das políticas públicas e privadas no município, voltadas para a população em situação de rua. Nesse sentido, a cidade de Joinville se destaca. Em 2022, o Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) publicou uma estimativa, baseada em dados do CadÚnico, indicando que haveria 281.472 pessoas vivendo em situação de rua no Brasil. Além disso, a pesquisa mais abrangente realizada no país sobre o tema data de 2007. Intitulada ‘Pesquisa Nacional Sobre a População em Situação de Rua’, este estudo recenseou 78 cidades com mais de 300 mil habitantes. Naquela ocasião, foram contabilizadas

---

31.922 pessoas em situação de rua, excluindo-se as cidades de São Paulo, Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre, que não participaram da contagem por estarem realizando suas próprias pesquisas na época. (IPEA, 2022, BRASIL, 2008)

Desde então, poucas cidades realizaram pesquisas e possuem dados precisos sobre as características de sua população em situação de rua. Recentemente, apenas as cidades de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Fortaleza (CE) e o Distrito Federal conduziram seus censos. Portanto, Joinville faz parte do pequeno grupo de cidades onde pesquisas foram realizadas.

Ter um diagnóstico é fundamental para a organização da política de atendimento. Dessa forma, este relatório possibilitará a elaboração de políticas públicas e privadas voltadas para a população em situação de rua, levando em consideração os diversos aspectos que envolvem as necessidades dessa população. Isso é especialmente relevante em relação às áreas de saúde, assistência social, habitação, educação e trabalho.

Uma questão fundamental para a realização deste trabalho é a definição precisa do público-alvo da pesquisa. Neste contexto, adotou-se o conceito de população em situação de rua<sup>1</sup>, de acordo com a definição do Decreto 7.053 de 3 de dezembro de 2009, que considera:

(...) população em situação de rua o grupo populacional **heterogêneo** que possui em comum a **pobreza extrema**, os **vínculos** familiares interrompidos ou fragilizados e a **inexistência de moradia convencional regular**, e **que utiliza os logradouros públicos** e as áreas degradadas como espaço de **moradia e de sustento**, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (grifo nosso).

Este conceito serve como referência para a elaboração de políticas públicas no Brasil, e destaca as principais causas apontadas pelos indivíduos que vivem em situação de rua como motivos para sua condição.

---

<sup>1</sup> A expressão "população em situação de rua" abrange a ideia de heterogeneidade, e indica três características principais desse segmento populacional, a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a utilização dos espaços públicos como alternativa de moradia e sustento, ou a utilização das unidades de acolhimento institucional. A situação de rua não se confunde com o desabrigo ou com outras situações vivenciadas por segmentos populacionais que lhes são muito próximos.

---

Para uma compreensão mais profunda deste relatório, é essencial entender as teorias que orientaram o trabalho, refletidas na estrutura dos questionários. Primeiramente, presume-se que a situação de rua está intrinsecamente ligada a aspectos macroestruturais, como as condições econômicas de um país específico - por exemplo, a taxa de desemprego, especialmente o desemprego de longa duração - e a redução das políticas sociais (SILVA, 2009). No entanto, entende-se que a situação de rua também está conectada a aspectos individuais, como as trajetórias de vida e as características subjetivas dos indivíduos, como a maneira que cada um reage às adversidades da vida. Além disso, existem aspectos relacionais que se referem às relações que os indivíduos estabelecem em família, na comunidade, e as oportunidades que essas relações oferecem.

É importante destacar que a situação de rua não deve ser confundida com o simples desabrigo, pois entende-se que ela ocorre em um processo que pode ser contínuo ou não, sendo mais rápido para alguns e mais demorado para outros (GREGORI, 200). Esta noção de processo é referida por alguns autores como 'processo de rualização'<sup>2</sup> (PRATES, J. C.; PRATES, C.; MACHADO, 2011; MACHADO, 2012) e pode ser caracterizada por diferentes momentos da situação de rua. Esses momentos são marcados por uma certa adaptação dos indivíduos à nova realidade de vida na rua (KASPER, 2006; VIEIRA, BEZERRA & ROSA, 2003; STOFFELS, 1977). Esta complexidade deve ser considerada nos processos de trabalho voltados para a superação da situação de rua. (MEDEIROS, 2010; MARCOLINO, 2012)<sup>3</sup>

Após a explicação do referencial teórico que orientou a pesquisa, a organização do relatório será apresentada a seguir. A organização do trabalho fornece uma explicação resumida da metodologia adotada para a pesquisa, considerando as 4 etapas, sendo 2 censitárias e 2 amostrais. A explicação da metodologia inclui detalhes da fase preparatória da pesquisa e da fase de execução. Após a explicação

---

<sup>2</sup> A primeira fase do processo de rualização é marcada pela perda do abrigo, seja por despejo, perda do emprego, separação, entre outros motivos. Nessa fase, os indivíduos ainda mantêm vínculos com a família e amigos, e buscam alternativas para não dormir na rua, como a casa de parentes e amigos, albergues, entre outros. A segunda fase é marcada pela ruptura dos vínculos familiares e sociais, e os indivíduos passam a dormir na rua. A terceira fase é caracterizada pela adaptação à vida na rua, onde os indivíduos desenvolvem estratégias de sobrevivência, como a busca por alimentos em lixos, a mendicância, entre outros. A quarta fase é marcada pela institucionalização da vida na rua, onde os indivíduos já se consideram parte da população em situação de rua e têm dificuldades para sair dessa situação.

<sup>3</sup> Para aprofundamento sobre esses temas, recomenda-se a leitura de: ARAUJO, CLR de. Gestão Social da População em Situação de Rua na Cidade de Vitória/ES. 2014. 185 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Programa de Pós-graduação em Política Social, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

da metodologia, os resultados da pesquisa serão apresentados. Eles foram organizados, considerando o detalhamento das características da população em situação de rua na cidade, em um único documento que segue a seguinte ordem: apresentação do perfil demográfico da população em situação de rua, informações sobre o exercício da cidadania, indicadores de saúde, trabalho e renda, educação, assistência social, segurança alimentar e nutricional, e motivos para estarem em situação de rua, a questão dos vínculos familiares, internações em instituições e locais de permanência nas ruas. Finalmente, as considerações finais serão abordadas com a síntese dos principais resultados da pesquisa e indicações para a política de atendimento.

---

## 2. METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa envolveu uma fase preparatória e uma fase de trabalho de campo, tanto para a etapa censitária quanto para a etapa amostral. A fase preparatória incluiu a construção de um sistema de referência, a elaboração e implementação dos instrumentos de coleta de informações, os questionários, a seleção e treinamento da equipe de campo, e a realização de um pré-teste. O chamado sistema de referência compreende um conjunto de informações quantitativas e qualitativas coletadas junto à prefeitura. Essas informações possibilitaram a identificação das áreas com presença de pessoas em situação de rua, pontos de maior concentração e indicações sobre o padrão de deslocamento dessas pessoas na cidade. Foram coletadas informações sobre a rede de serviços que atendem pessoas em situação de rua e os locais onde essas pessoas costumam permanecer. Esse material permitiu a elaboração de mapas e roteiros para o trabalho de campo. Assim, foi possível definir os distritos<sup>4</sup> e setores<sup>5</sup> censitários.

Para a realização da contagem censitária, o município foi dividido em 4 distritos censitários. Esses distritos corresponderam a 4 dias de contagem<sup>6</sup>. Por sua vez, eles foram divididos em áreas menores, chamadas setores censitários, conforme o mapa a seguir:

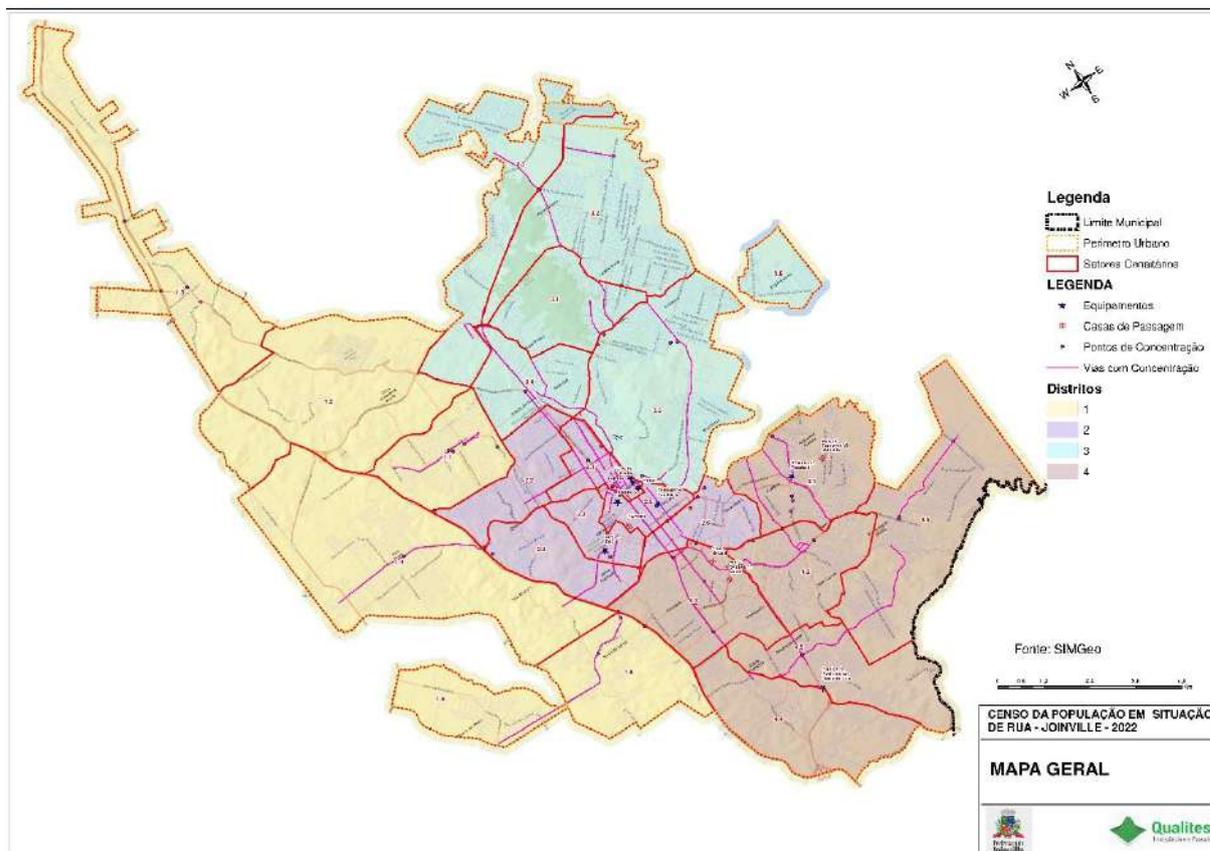
---

<sup>4</sup> Regiões recenseadas em uma única noite

<sup>5</sup> Áreas dos distritos censitários percorridas por uma única equipe de campo em uma noite.

<sup>6</sup> A organização do trabalho de campo em mais de um dia tem sido adotada nas pesquisas censitárias sobre a população em situação de rua. Ver, por exemplo, Glasser, I., Hirsch, E. e Chan, A.Y. (2012). Reaching and enumerating homeless populations. American Statistical Association: Proceedings of the Survey Methods for Hard-to-Reach Conference.

---



Mapa 1 - Divisão territorial do município de Joinville em Distritos Censitários

Os instrumentos de coleta de informações, os questionários, foram elaborados com base no termo de referência e aprovados por técnicos da Secretaria de Assistência Social – SAS e Secretaria da Saúde – SES. Os questionários incluíam informações sobre os locais onde as pessoas em situação de rua foram entrevistadas e sobre o perfil socioeconômico dessas pessoas. Além disso, eles foram elaborados com variações<sup>7</sup> para entrevistas nas ruas e nas casas de passagem nas duas fases da pesquisa: a censitária e a amostral. Posteriormente, esses questionários foram implementados em um software de pesquisa para que os entrevistadores pudessem utilizar recursos tecnológicos durante as entrevistas<sup>8</sup>.

A equipe de trabalho selecionada para a realização da fase censitária foi composta por 30 pesquisadores e 10 supervisores de campo. Na fase amostral, a

<sup>7</sup> Ficha Ponto, com informações sobre o local da entrevista, Ficha Censo – Rua, e Ficha Censo – Serviço de Acolhimento, com questões demográficas sobre os entrevistados e Fichas Perfil Socioeconômico – Rua e Ficha Perfil Socioeconômico – Serviço de Acolhimento, com informações sobre o perfil socioeconômico dos entrevistados.

<sup>8</sup> A Qualitest disponibilizou o sistema de coleta de dados denominado SurveyToGo para a aplicação dos instrumentos de pesquisa que foram utilizados no Censo e na pesquisa de perfil da População de Rua no município de Joinville. O referido sistema permitiu a aplicação de questionários de forma offline/online, o georreferenciamento das entrevistas e outros recursos para garantir a qualidade dos dados. Simultaneamente à coleta de dados, os dados foram enviados para o servidor central da Qualitest para realização de análises de consistência e elaboração dos relatórios. Toda a equipe de supervisores e entrevistadores receberam treinamento adequado para o manuseio correto do sistema.

equipe foi composta por 10 entrevistadores e 2 supervisores, além de profissionais de apoio técnico e logístico que atuaram no planejamento e disponibilização da infraestrutura para a realização das etapas da pesquisa. Entre os profissionais selecionados para o trabalho de campo, houve uma mistura de pessoas com experiência na abordagem da população em situação de rua e pessoas com conhecimento de técnicas de pesquisa. Esses profissionais participaram de um treinamento onde se familiarizaram com os procedimentos para a realização da pesquisa. Parte desses profissionais realizou um pré- teste, onde puderam avaliar os questionários e a metodologia de trabalho.

A segunda fase da pesquisa, conhecida como fase de trabalho de campo, envolveu a execução do trabalho de campo em si nas etapas censitária e amostral, a crítica e análise dos dados coletados, e a elaboração do relatório final.

A execução do trabalho de campo na etapa censitária considerou estratégias distintas para o desenvolvimento da pesquisa nas ruas e nos serviços de acolhimento institucional, de modo a prevenir ocorrências de subenumeração<sup>9</sup> e sobreenumeração<sup>10</sup>. Foi dada especial atenção à identificação<sup>11</sup> das pessoas em situação de rua, ao aspecto da mobilidade<sup>12</sup> dessa população e às suas estratégias de pernoite<sup>13</sup>. O censo foi realizado na primeira contagem entre os dias 07 e 10 de novembro de 2022 e na segunda contagem, entre os dias 04 e 07 de julho de 2023.

As técnicas utilizadas para a pesquisa de campo nas ruas, a varredura e a contagem simples<sup>14</sup>, foram realizadas por duplas de pesquisadores, que foram

---

<sup>9</sup> Quando não se consegue identificar todos os elementos de uma população.

<sup>10</sup> Quando um mesmo elemento é contabilizado mais de uma vez.

<sup>11</sup> A população em situação de rua, por definição, é composta por um grupo de pessoas que não têm endereço fixo e que podem ser confundidas com estratos mais pobres da população do município. A falta de moradia não é muitas vezes passível de observação direta, tornando necessária a realização de abordagem para a correta identificação de um transeunte como pessoa em situação de rua. Para enfrentar essa questão, os pesquisadores adotaram perguntas-filtro.

<sup>12</sup> As pessoas em situação de rua se movem pela cidade, tanto no dia a dia, para realização de atividades cotidianas, como em períodos mais espaçados, em processos migratórios. Esses elementos podem levar tanto a sub como a sobreenumeração. Geralmente, a mobilidade é mais intensa durante o período diurno, no qual a pessoa em situação de rua poderá movimentar-se pela cidade à procura de itens de subsistência. Esta característica exige que o trabalho de campo seja feito rapidamente, a fim de evitar um efeito negativo da mobilidade sobre os resultados. Para enfrentar essa questão, a pesquisa foi realizada em horário noturno, após as 19 horas, e seguiu rigorosa divisão territorial frente à inviabilidade de sua realização em um único dia.

<sup>13</sup> Parte da população em situação de rua dorme nos serviços de acolhimento institucional todas as noites, parte alternar entre os serviços de acolhimento e a rua. Outros ainda se utilizam de outros locais, como pensões e casas de conhecidos, eventualmente. Nas ruas, há os que dormem em grupos e os que pernoitam sozinhos, pessoas que se escondem em locais de difícil identificação ou acesso e pessoas que ficam expostas. Para enfrentar essas questões, a metodologia previu estratégias diferentes para o recenseamento nas ruas e nas casas de passagem. Os pesquisadores receberam instruções para identificar possíveis locais onde as pessoas em situação de rua poderiam ser encontradas.

<sup>14</sup> Consiste em um certo dia e horário no qual os pesquisadores percorreram uma região, identificando e contando as pessoas em situação de rua.

orientados por mapas com a definição dos setores censitários sob sua responsabilidade e a indicação de roteiros de ruas que deveriam ser percorridas. A operacionalização da estratégia de varredura dos roteiros foi realizada a pé e com auxílio de veículos, dependendo da densidade dos pontos de atração e da quantidade esperada de pessoas em situação de rua na região. A pesquisa foi realizada a pé nos locais com alta densidade de pontos de atração ou com expectativa de existência de pessoas em situação de rua, e com o auxílio de veículos em locais com alta dispersão de pontos de atração<sup>15</sup>. Nos roteiros, estavam registrados os limites dos setores e os pontos de atração da população em situação de rua, levantados na construção do sistema de referência. Além de seguirem os roteiros, os pesquisadores realizaram busca ativa para identificação de pessoas em situação de rua na área sob sua responsabilidade, perguntando a comerciantes, transeuntes e às pessoas em situação de rua sobre a existência de locais em que pudessem encontrar pessoas em situação similar.

Nos serviços de acolhimento institucional, os pesquisadores foram alocados em número proporcional à quantidade de pessoas acolhidas. A contagem nos serviços de acolhimento institucional foi realizada no mesmo dia em que a região do respectivo distrito foi contada. Os pesquisadores se dividiam entre a contagem dos indivíduos acolhidos internamente e o registro na porta do serviço, para evitar a contagem duplicada.

Com base nos resultados da primeira contagem censitária, realizada em novembro de 2022, foi calculada uma amostra<sup>16</sup> para a realização de uma pesquisa amostral para traçar o perfil da população em situação de rua na cidade. A amostra levou em consideração o número de pessoas em situação de rua recenseadas na cidade e seus estratos de sexo, faixa etária, localização (se na rua ou em casas de passagem) e distribuição espacial na cidade. A composição da amostra considerou apenas pessoas adultas, maiores de 18 anos, que estivessem em condições de responder ao questionário<sup>17</sup>. Para a seleção dos indivíduos entrevistados, os

---

<sup>15</sup> Áreas com eventual presença de crianças, barracas, mocós, tráfico de drogas, prostituição, áreas comerciais, terminais de transporte público, mercados municipais e serviços que atendem à população de rua, por exemplo.

<sup>16</sup> Em estatística e metodologia da pesquisa quantitativa, uma amostra é um conjunto de dados coletados e/ou selecionados de uma população, através de um procedimento definido.

<sup>17</sup> Os pesquisadores foram orientados a evitar pessoas sob uso abusivo de álcool ou outras drogas, com aparente transtorno mental grave, ou que por algum outro motivo não pudessem dispensar o tempo necessário para responder ao questionário completo.

pesquisadores utilizaram a técnica de sorteio<sup>18</sup>. O planejamento da amostra permitiu que, a partir dos resultados dessa fase da pesquisa, pudessem ser feitas inferências ou extrapolações aplicáveis ao universo da população em situação de rua na cidade, além de permitir que, a partir da teoria estatística, se avaliassem eventuais erros amostrais.

A execução do trabalho de campo na fase amostral ocorreu em duas etapas. A primeira etapa foi realizada entre os dias 12 e 14 de dezembro de 2022. A segunda contagem ocorreu concomitantemente à contagem censitária, ou seja, de 04 a 07 de julho de 2023. Os pesquisadores, seguindo o plano amostral, trabalhavam em duplas e se dirigiam para as regiões indicadas pela equipe de coordenação da pesquisa. Eles percorriam os locais indicados em busca de pessoas em situação de rua ou se dirigiam para os serviços de acolhimento institucional.

Após a coleta de dados, as informações foram enviadas para o servidor da Qualitest. Lá, os dados passaram por uma crítica e análise, seguidos de um tratamento estatístico dos resultados. Finalmente, foi elaborado um relatório utilizando Business Intelligence (BI) e um relatório descritivo.

No relatório descritivo, os dados serão apresentados em um único documento. As informações obtidas nas etapas censitárias terão prioridade em relação às etapas amostrais quando for o caso, como em questões sobre raça/cor e sexo, por exemplo. Na seção de resultados, serão apresentadas informações sobre os resultados da pesquisa realizada no verão e da pesquisa realizada no inverno, tratadas como pesquisas distintas, de modo a preservar as especificidades desses dois momentos de coleta de dados. Nas considerações finais, será apresentada uma síntese dos resultados, considerando a média como se fosse uma única pesquisa. Na descrição dos dados, serão destacados os pontos de divergência entre os resultados das pesquisas realizadas no verão e no inverno, e entre os públicos entrevistados em serviços de acolhimento e nas ruas.

---

<sup>18</sup> Ao chegar no campo, o pesquisador entrevistava a primeira pessoa encontrada no local indicado na amostra (amostragem probabilística sistemática), em seguida saltava três pessoas e entrevistava a quarta pessoa aleatoriamente. Esta metodologia garante a diversidade da amostra e diminui os riscos da incidência de entrevistas realizadas por conveniência. Os supervisores de campo acompanhavam os pesquisadores e auditavam a correta aplicação da técnica.

---

### 3. PRINCIPAIS RESULTADOS

#### 3.1 Perfil demográfico da população em situação de rua em Joinville

As informações sobre o perfil da população em situação de rua em Joinville foram obtidas por meio de pesquisas censitárias e amostrais realizadas em dois momentos distintos: no verão e no inverno. No verão, foram contabilizadas 436 pessoas em situação de rua na cidade, sendo 342 (78,4%) nas ruas e 94 (21,6%) nos serviços de acolhimento institucional. Durante o inverno, foram contadas 428 pessoas, sendo 258 (60,3%) nas ruas e 170 (39,7%) nos serviços de acolhimento institucional. A diferença entre o número de pessoas em situação de rua na cidade no verão e no inverno foi de apenas 1,8%. No entanto, o percentual de pessoas em serviços de acolhimento institucional no inverno foi 83,8% superior ao registrado no verão.

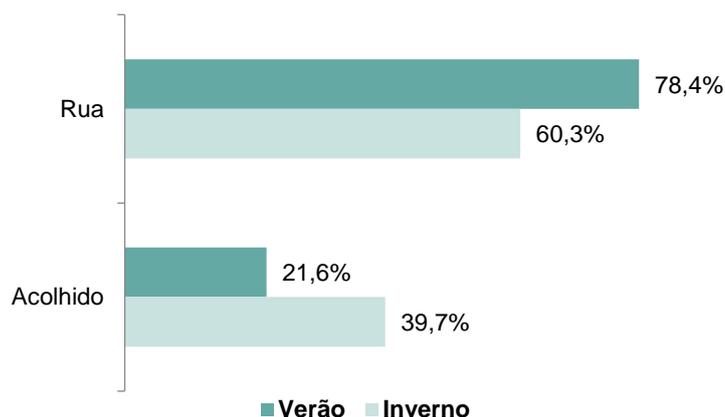
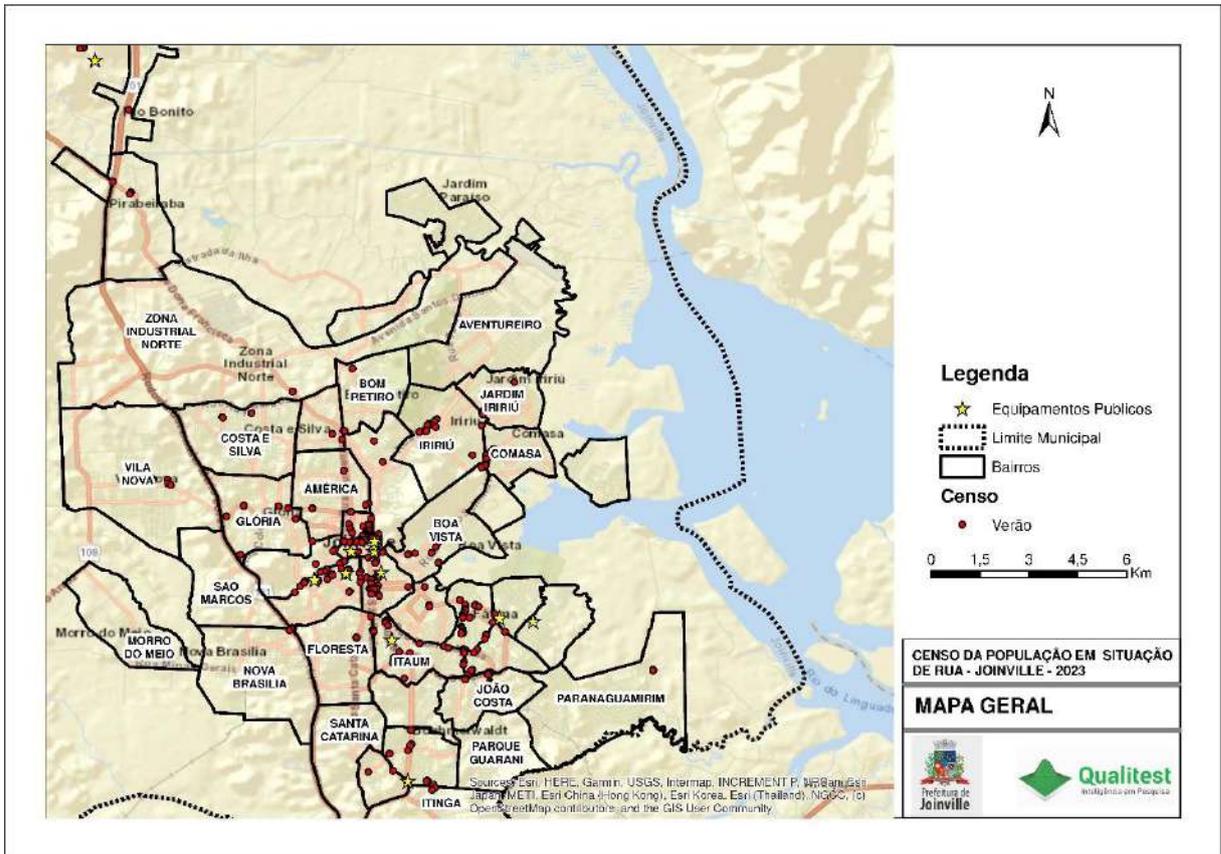
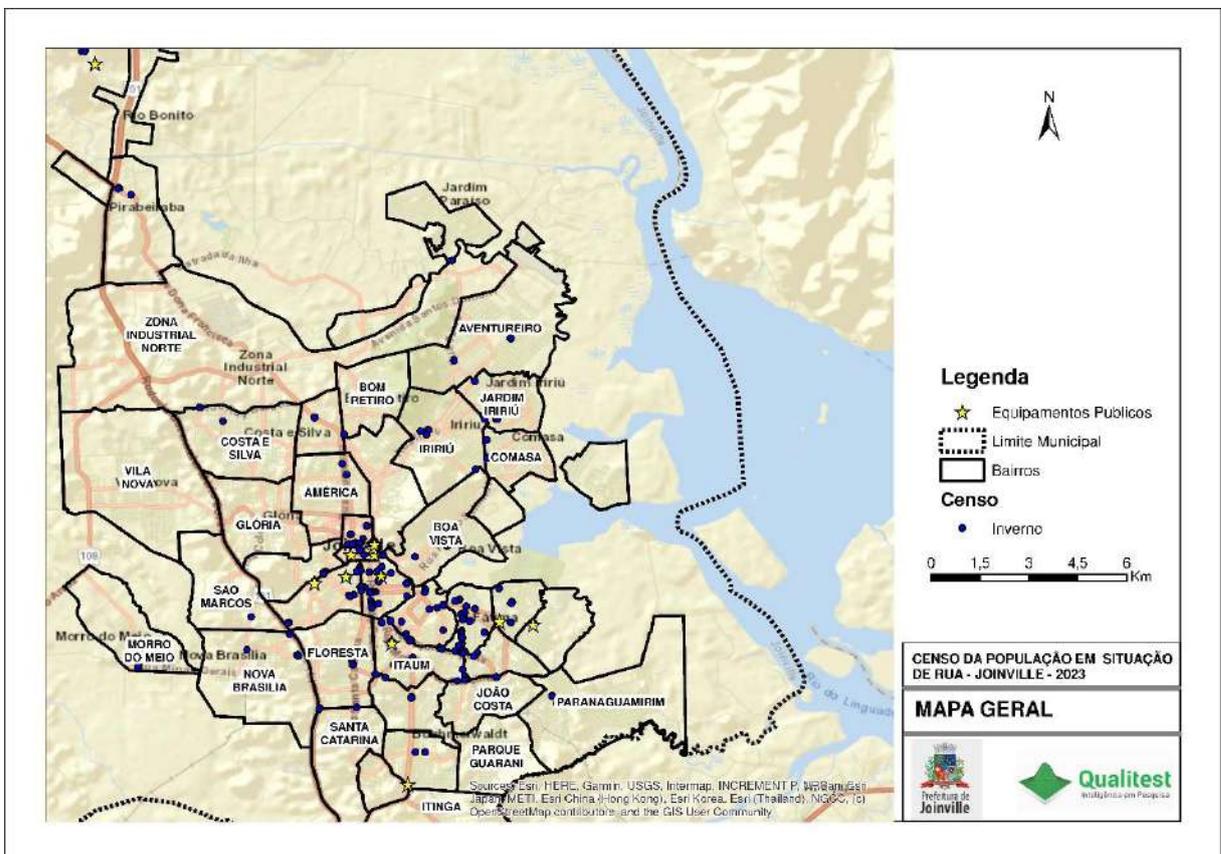


Gráfico 1 - Quantidade de pessoas recenseadas nas ruas e nos centros de acolhida



Mapa 2 - Distribuição espacial da população em situação de rua - Verão (Pontos de Concentração)



Mapa 3 - Distribuição espacial da população em situação de rua - Inverno (Pontos de Concentração)

Na pesquisa realizada durante o verão, 45% das pessoas recenseadas eram brancas, 38,6% eram pardas e 14,1% eram pretas. No inverno, 40,6% eram brancas, 43% eram pardas e 14,9% eram pretas. Observou-se uma variação de 4,4%, tanto na redução do número de pessoas brancas durante o inverno quanto no aumento do número de pessoas pardas.

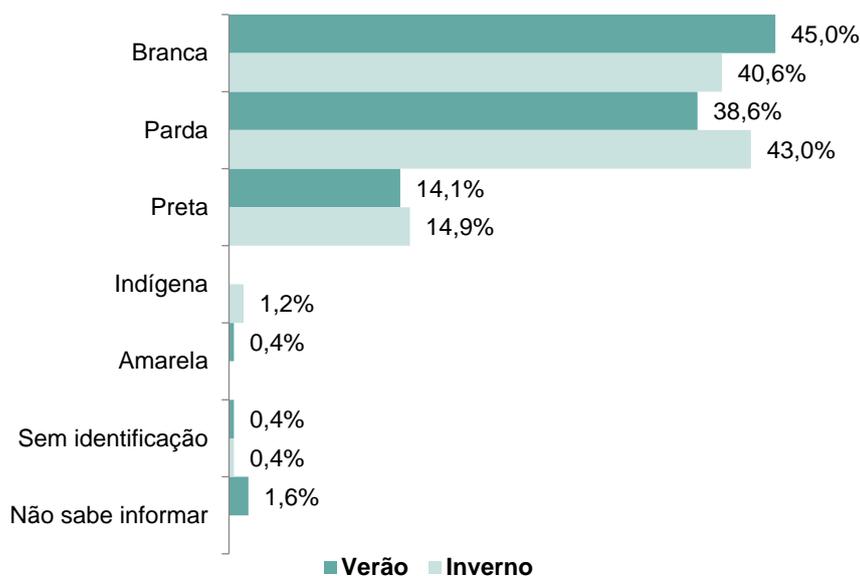


Gráfico 2 - Distribuição da população em situação de rua em Joinville por raça/cor

A divisão por gênero da população em situação de rua revelou que, durante o verão, 14% eram do sexo feminino e 85,1%, do sexo masculino. No inverno, apenas 9,3% eram do sexo feminino e 90,4%, do sexo masculino.

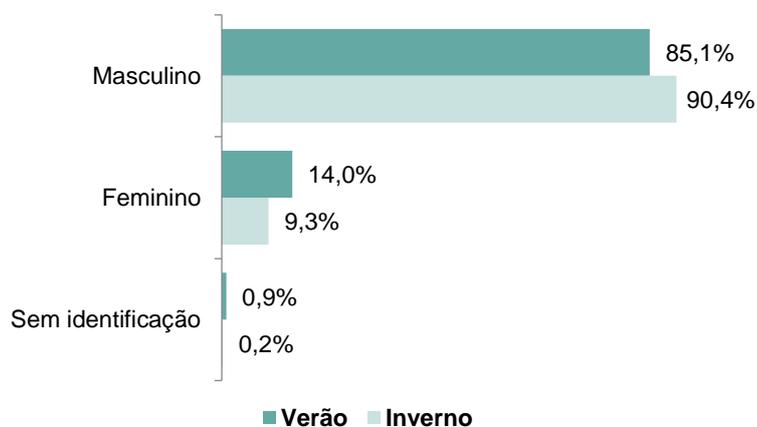


Gráfico 3 - Distribuição da população em situação de rua em Joinville por sexo

Durante a pesquisa amostral, questionou-se aos entrevistados sobre sua orientação sexual e identidade de gênero. Em média, 96,1% se identificaram como heterossexuais e 3,4% como homossexuais. Quanto à identidade de gênero, 86,2% se identificaram como homens cis, 12,3% como mulheres cis, 1% como travestis e 0,5% como mulheres trans. Ao estratificar os dados das pesquisas realizadas no verão e no inverno, destaca-se o registro de 99% de respostas como heterossexuais durante a pesquisa realizada no verão.

A análise da composição etária da população em situação de rua na cidade revelou que a faixa etária mais predominante está entre 31 e 49 anos. No verão, 44,5% dos entrevistados se encontravam nessa faixa etária, enquanto no inverno, esse número era de 38,6%. Considerando as duas etapas da pesquisa, a média de pessoas nessa faixa de idade foi de 41,6%. Na faixa etária entre 50 e 59 anos, havia 14,4% dos entrevistados no verão e 18,5% no inverno. Para a faixa etária acima de 60 anos, os números foram de 3,7% no verão e 5,6% no inverno. Considerando apenas os acolhidos no inverno, os maiores de 60 anos representavam 8,2% da população em situação de rua na cidade. No verão, a média de idade foi de 39,65 anos, com uma mediana de 39 anos e uma idade mínima de 13 anos. No inverno, a idade média foi de 41,36 anos, com uma mediana de 41 anos e uma idade mínima de 10 anos. Entre os acolhidos no inverno, a média de idade foi de 42,8 anos, com uma mediana de 43 anos e uma idade mínima de 10 anos. A idade mínima registrada foi de 10 anos, e a idade máxima foi de 75 anos.

Durante a aplicação da pesquisa, foi observado que alguns menores de 18 anos estavam acompanhados de seus responsáveis, garantindo a supervisão necessária. No entanto, houve casos em que os menores não estavam acompanhados, o que exigiu uma atenção especial da equipe de pesquisa.

---

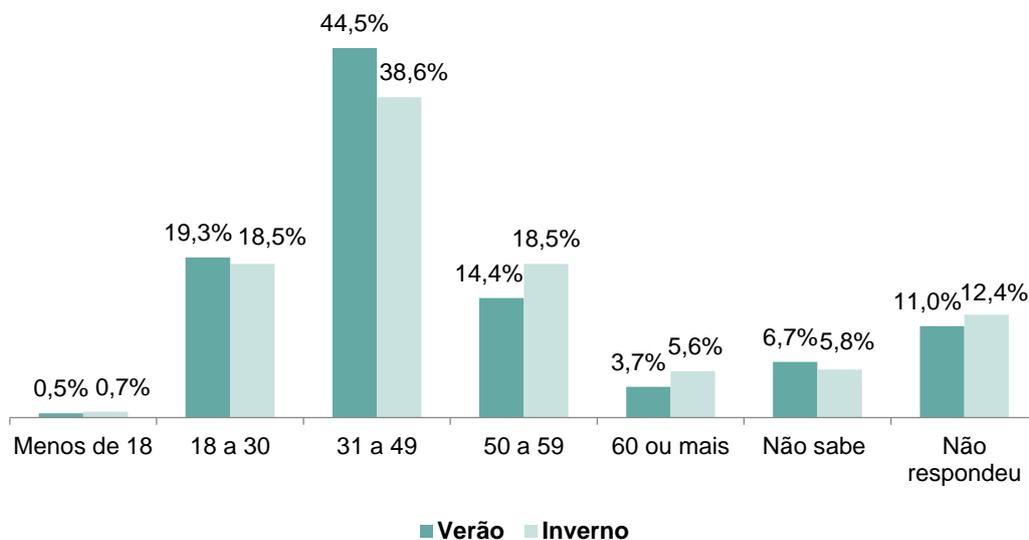


Gráfico 4 - Distribuição da população em situação de rua em Joinville por faixa etária

A grande maioria das pessoas em situação de rua na cidade eram brasileiras, representando 96,8% no inverno e 95,6% no verão. Entre os estrangeiros, a predominância era de indivíduos da Venezuela, que representavam 2,41% no verão e 2,81% no inverno. Os naturais da Argentina compunham 0,40% da população em situação de rua na cidade, tanto no verão quanto no inverno. Além disso, registrou-se a presença de naturais de Angola, Bolívia, Colômbia e Paraguai.

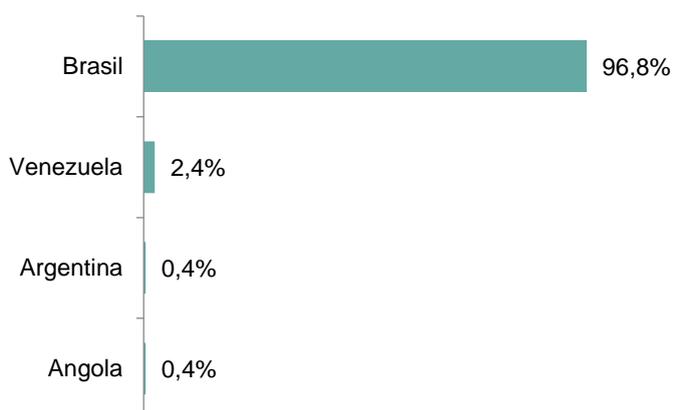


Gráfico 5 - País de Nascimento dos estrangeiros em situação de rua em Joinville/SC - Verão

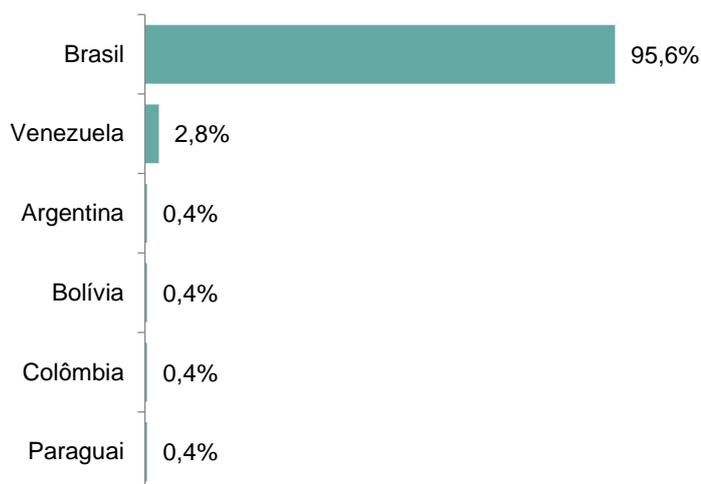


Gráfico 6 - País de Nascimento dos estrangeiros em situação de rua em Joinville/SC - Inverno

Entre os brasileiros, 48% eram naturais do estado de Santa Catarina, sendo que 28,2% eram naturais de Joinville. A participação das outras cidades de Santa Catarina na composição da população em situação de rua é bem distribuída. Os municípios com maior número de indivíduos são São Francisco do Sul (1,9%), Blumenau e Tubarão (ambos com 1,5%), e Jaraguá do Sul (1%). O principal estado de origem dos indivíduos não-naturais de Santa Catarina é o Paraná, que representa 22,5% das pessoas em situação de rua em Joinville, seguido por São Paulo (6,9%) e Rio Grande do Sul (6,3%).

Tabela 1 - Tabela 1 - Estado de nascimento das pessoas em situação de rua em Joinville - Verão

Estado	Nº de pessoas	%
Amapá	1	0,4%
Amazonas	2	0,8%
Bahia	7	2,9%
Ceará	4	1,7%
Goiás	2	0,8%
Maranhão	1	0,4%
Mato Grosso	1	0,4%
Mato Grosso do Sul	1	0,4%
Minas Gerais	6	2,5%
Pará	5	2,1%
Paraíba	1	0,4%
Paraná	54	22,4%
Pernambuco	1	0,4%
Rio de Janeiro	1	0,4%
Rio Grande do Norte	1	0,4%
Rio Grande do Sul	15	6,2%
Santa Catarina	124	51,5%
São Paulo	14	5,8%
<b>Total</b>	<b>241</b>	<b>100,00%</b>

Tabela 2 - Tabela 1 - Estado de nascimento das pessoas em situação de rua em Joinville - Inverno

Estado	Nº de pessoas	%
Amazonas	3	1,3%
Bahia	5	2,1%
Ceará	3	1,3%
Goiás	2	0,8%
Maranhão	4	1,7%
Mato Grosso	1	0,4%
Mato Grosso do Sul	4	1,7%
Minas Gerais	5	2,1%
Pará	6	2,5%
Paraíba	2	0,8%
Paraná	54	22,7%
Pernambuco	5	2,1%
Rio de Janeiro	3	1,3%
Rio Grande do Norte	1	0,4%
Rio Grande do Sul	15	6,3%
Santa Catarina	106	44,5%
São Paulo	19	8,0%
<b>Total</b>	<b>238</b>	<b>100,00%</b>

Em relação ao tempo de permanência na cidade entre os não-naturais de Joinville/SC, a pesquisa revelou que, durante o verão, 24,5% dos entrevistados estavam em situação de rua na cidade há mais de 5 anos, 14,46% entre 1 e 3 anos, e 12,45% entre 1 mês e 3 meses. No inverno, 12,45% estavam em situação de rua na cidade entre 1 semana e 1 mês, 9,24% há mais de 5 anos, e 8,84% entre 1 e 3 anos. A média dos resultados das pesquisas realizadas no verão e no inverno mostrou que 16,87% dos entrevistados estavam em situação de rua na cidade há mais de 5 anos, 11,65% entre 1 e 3 anos, 10,8% entre 1 semana e 1 mês, e 9,44% entre 1 mês e 3 meses.

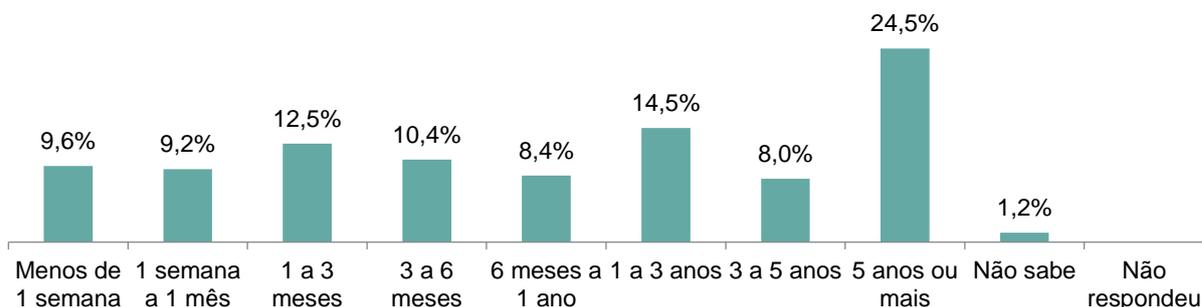


Gráfico 7 - Tempo em que os não-naturais de Joinville estavam em situação de rua na cidade - Verão

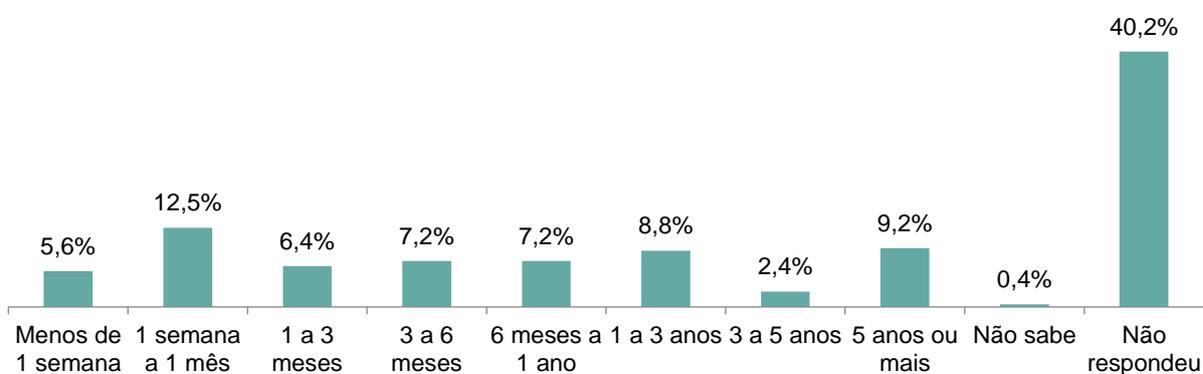


Gráfico 8 - Tempo em que os não-naturais de Joinville estavam em situação de rua na cidade - Inverno

Em relação ao tempo em que os entrevistados estavam em situação de rua, considerando todos os entrevistados, durante o verão, 19,7% disseram estar nas ruas há mais de 10 anos, enquanto 18,5% estavam em situação de rua entre um mês e seis meses. No inverno, 14,1% declararam estar nas ruas entre 1 mês e 6 meses, 10,4% entre 1 semana e 1 mês, e 7,2% há mais de 10 anos. Analisando as duas pesquisas, a média de tempo em situação de rua ou acolhimento foi de 1 mês até seis meses para 16,3% dos entrevistados, e de mais de 10 anos para 13,5%. É importante registrar que a taxa de recusa de resposta às perguntas do censo foi elevada durante o inverno. Entre os que não responderam, os principais motivos apontados pelos pesquisadores foram a negativa do entrevistado (43,2%), estar sob efeito de álcool ou outras drogas (16,76%), ou apresentar sinais de sonolência (8,38%).

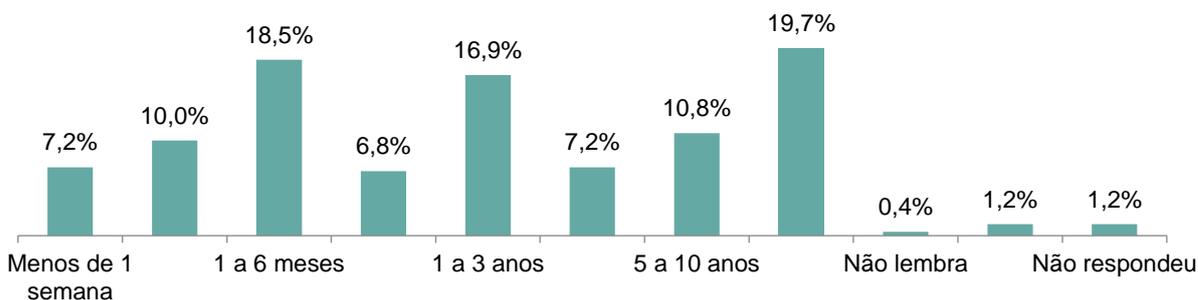


Gráfico 9 - Tempo em que os entrevistados estavam em situação de rua/acolhimento - Verão

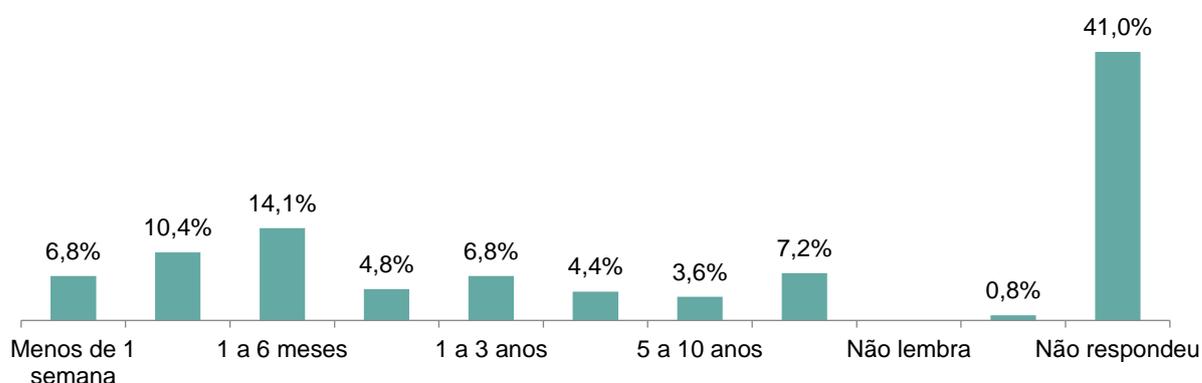


Gráfico 10 - Tempo em que os entrevistados estavam em situação de rua/acolhimento - Inverno

Durante a pesquisa censitária, perguntou-se às pessoas em situação de rua, que não são naturais de Joinville, se pretendiam permanecer na cidade. A resposta variou entre as estações, mostrando que o desejo de permanecer na cidade era mais frequente durante o verão. Nesta estação, 69,5% dos entrevistados pretendiam permanecer na cidade, enquanto 14,9% informaram estar de passagem. No inverno, 39,8% expressaram o desejo de ficar na cidade e 11,6% estavam de passagem. Em média, 54,6% dos não-naturais de Joinville afirmaram que pretendiam permanecer na cidade e 13,3% disseram estar de passagem.

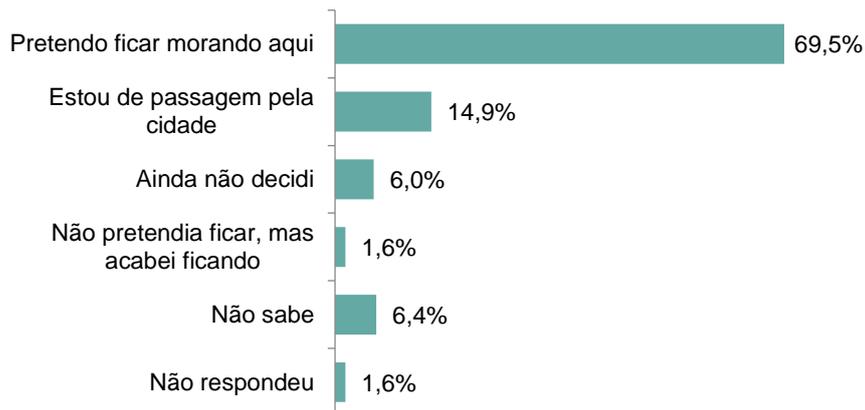


Gráfico 11- Se os entrevistados não-naturais de Joinville pretendiam ficar morando na cidade ou se estavam de passagem – Verão

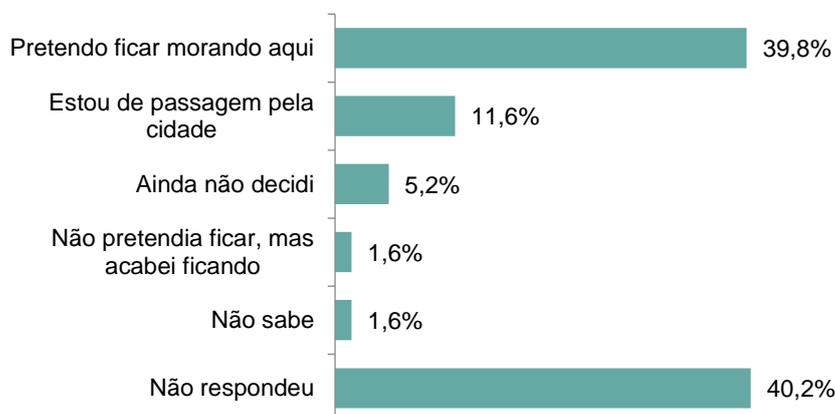


Gráfico 12 - Se os entrevistados não-naturais de Joinville pretendiam ficar morando na cidade ou se estavam de passagem – Inverno

Nas pesquisas amostrais, questionou-se aos entrevistados não-naturais de Joinville sobre o motivo de terem vindo para a cidade. Durante o verão, 44,6% dos entrevistados responderam que vieram para Joinville para procurar trabalho, enquanto 19% acompanhavam amigos ou familiares. No inverno, 54,4% responderam que vieram para procurar trabalho e 8,7% acompanhavam alguém da família ou amigos. Em média, 51,4% dos entrevistados responderam que vieram para Joinville para procurar trabalho, 22,9%, para acompanhar familiares, 5,7% estavam apenas de passagem pela cidade, 5% fugiam de alguma desavença familiar, 2,9% vieram para conhecer a cidade e 2,9%, para fazer algum tratamento de saúde.

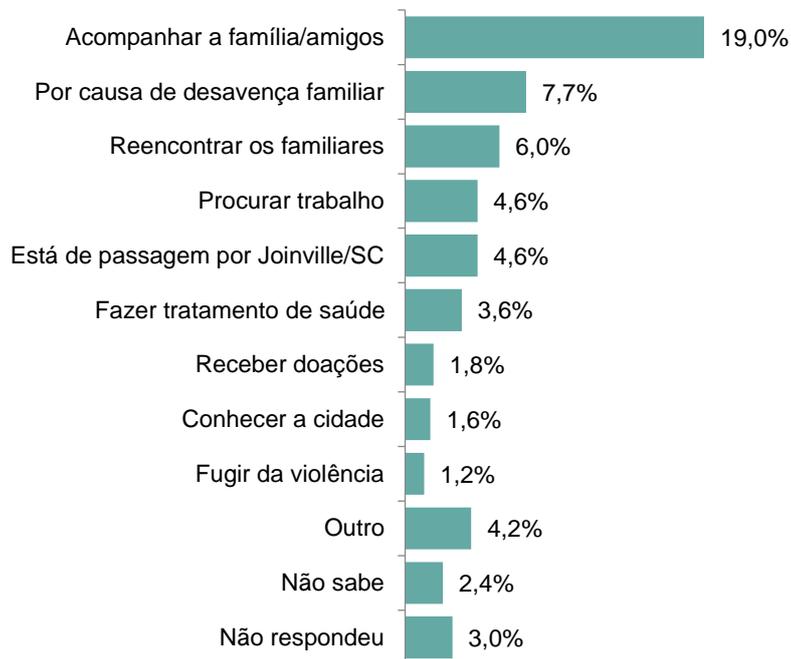


Gráfico 13 - Motivo de vinda para Joinville - Verão

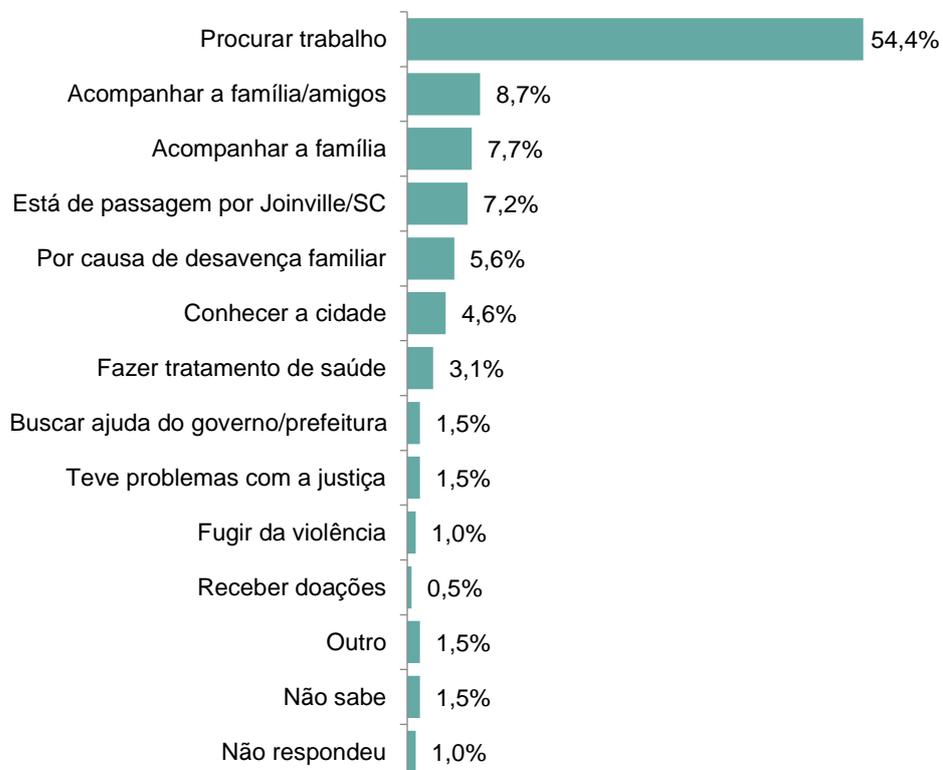


Gráfico 14 - Motivo de vinda para Joinville - Inverno

### 3.2 Exercício da cidadania

No bloco denominado 'exercício de cidadania', agruparam-se questões que envolvem a prática de atividades da vida civil. Essas questões incluem acesso à documentação e lugares, voto e participação social. Além disso, indagou-se se os entrevistados, em algum momento de suas vidas, enquanto pessoas em situação de rua, tiveram sua integridade violada.

Quando questionados sobre a posse de documentos<sup>19</sup>, no verão, 52,4% dos entrevistados declararam possuir documentos e estarem com pelo menos um em mãos, 9,7% afirmaram ter documentos, mas que estes estavam com familiares ou alguma instituição, e 36,9% informaram não possuir documentos. No inverno, 68% dos entrevistados declararam possuir documentos e estarem com pelo menos um em mãos, 12% afirmaram ter documentos, mas que estes estavam com familiares ou alguma instituição, e 20% informaram não possuir documentos. Entre as pessoas acolhidas, 94,7% possuíam documentos e estavam de posse de pelo menos um deles, enquanto entre os que estavam nas ruas, apenas 46,6% possuíam documentos e estavam de posse de pelo menos um deles.

Entre os documentos em posse das pessoas em situação de rua na cidade, no verão, 48,5% possuíam carteiras de identidade, 43,7% tinham Cadastros de Pessoa Física (CPF) e 32% contavam com Carteira de Trabalho. No inverno, 69% possuíam carteiras de identidade, 50% tinham Cadastros de Pessoa Física (CPF) e 26% contavam com Carteira de Trabalho. A média dos resultados das pesquisas realizadas no verão e no inverno mostrou que 58,6% dos entrevistados possuíam carteiras de identidade, 46,8% tinham Cadastros de Pessoa Física (CPF), 29,1% contavam com Carteira de Trabalho, 23,2% tinham Certidão de Nascimento, 14,3% possuíam carteira de motorista e 13,3% tinham certificado de reservista.

---

<sup>19</sup> Essa pergunta permitia mais de uma marcação.

---

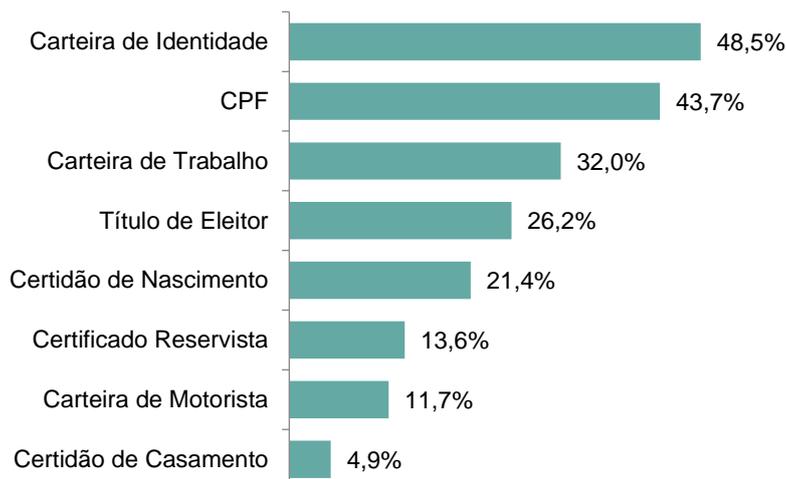


Gráfico 15 - Documentos que os entrevistados tinham, mesmo que não estivessem com eles – Verão

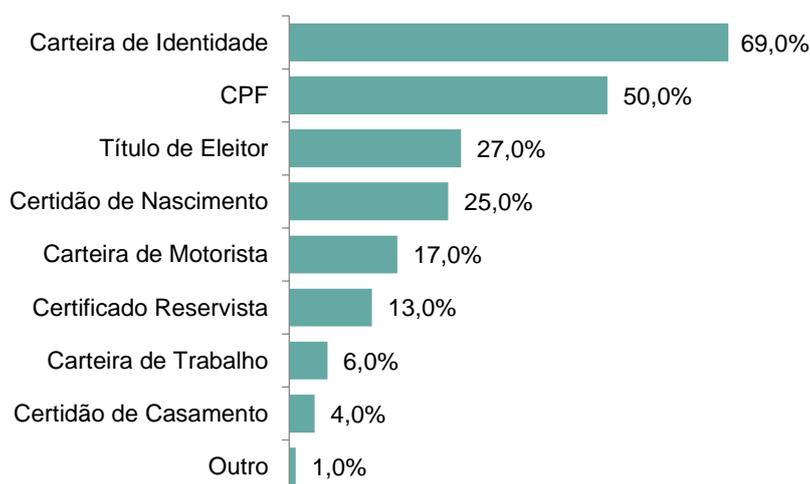


Gráfico 16 - Documentos que os entrevistados tinham, mesmo que não estivessem com eles - Inverno

Os entrevistados também responderam se já haviam perdido documentos e, em caso positivo, se haviam registrado Boletim de Ocorrência na ocasião. No verão, 84,5% dos entrevistados já haviam perdido documentos, e 52,9% dos que perderam documentos haviam registrado boletim de ocorrência. No inverno, 71% dos entrevistados já haviam perdido documentos, e 70,4% dos que perderam documentos haviam registrado boletim de ocorrência. Em relação às obrigações da vida civil, 80,8% dos entrevistados declararam ter votado nas últimas eleições e 66,2% declararam que haviam se alistado para o serviço militar.

Em relação às obrigações da vida civil, 41,2% dos entrevistados no verão e 39,8% no inverno declararam que votaram na última eleição. Entre os acolhidos,

44,7% votaram na última eleição. Já entre os que estavam nas ruas, apenas 38,6% votaram na última eleição. A média dos resultados das pesquisas realizadas no verão e no inverno mostrou que, 40,5% dos entrevistados votaram na última eleição.

Sobre a participação em atividades de relevância social, tais como movimentos, associações, cooperativas e escola, no verão, 81,6% dos entrevistados relataram que não participavam de nenhuma atividade. Entre eles, 10,7% participavam de movimentos de catadores de material reciclável, 9,7% participavam de movimento de população em situação de rua, 8,7%, de movimento de luta por moradia e 2,9%, de alguma associação<sup>20</sup>. No inverno, em geral, a participação foi menor, sendo que 86% dos entrevistados relataram que não participavam de nenhuma atividade, 5% participavam de movimentos de catadores de material reciclável, 3% participavam de movimento de população em situação de rua e 2%, de movimento de luta por moradia. Entre os acolhidos, a participação era bem reduzida, com 7% participando de movimento de catadores de material reciclável, 3,5%, de movimento de luta por moradia, 1,8% participando de movimento de pessoas em situação de rua e 1,8%, de associações. Esse também era o percentual dos que frequentavam escolas.

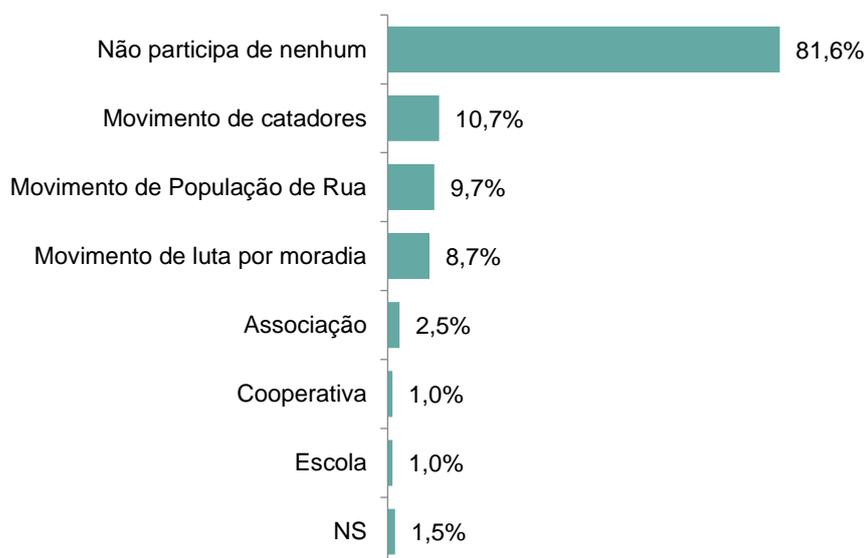


Gráfico 17 - Participação das pessoas em situação de rua em alguma atividade de vida civil - Verão

<sup>20</sup> Aqui não se especifica o tipo de associação. Importa saber se há participação em alguma atividade ou organização civil. A situação de rua frequentemente será associada a processos de isolamento. Participar de atividades sociais é um indicador de condições que podem apoiar o processo de superação da situação de rua.

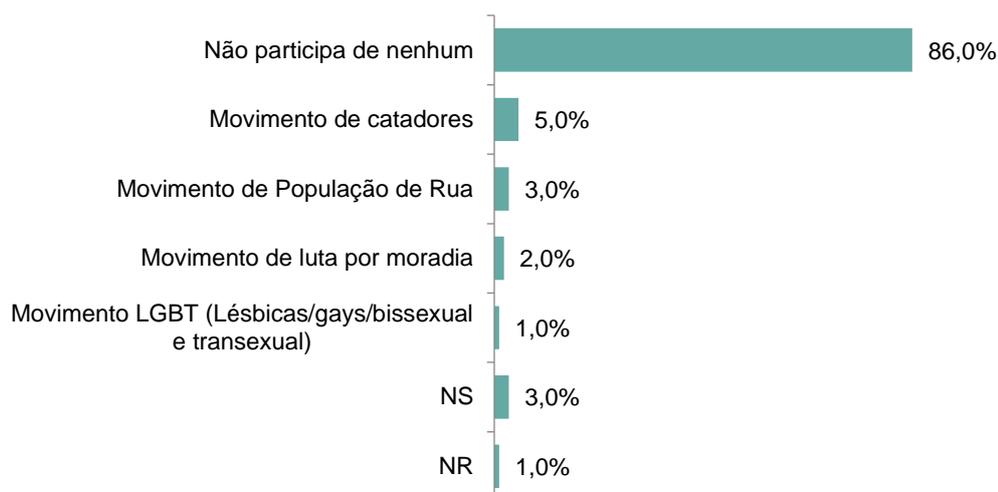


Gráfico 18 - Participação das pessoas em situação de rua em alguma atividade de vida civil - Inverno

Ainda sobre acesso, as pessoas em situação de rua responderam se já haviam sido impedidas de entrar em algum lugar público ou privado, acessível ao público, em função de estarem em situação de rua<sup>21</sup>. Durante o verão, 69,9% dos entrevistados declararam que nunca haviam sido impedidos de entrar em nenhum lugar por estarem em situação de rua. No inverno, 71% declararam que não haviam sido impedidos de entrar em nenhum lugar por estarem em situação de rua. Entre os acolhidos, foram 87,7% os que declararam nunca terem sido impedidos de entrar em algum lugar por estarem em situação de rua, e, entre os entrevistados nas ruas, foram 63,7%.

Entre os que declararam ter sido impedidos de entrar em locais por estarem em situação de rua, os lugares mais mencionados foram: restaurantes, bares ou lanchonetes, com 17,5% no verão e 17% no inverno; shoppings, com 19,4% no verão e 14% no inverno; e bancos, com 10,7% no verão e 7% no inverno.

<sup>21</sup> Essa pergunta permitia mais de uma marcação. Uma mesma pessoa pode ter sido impedida de entrar em mais de um lugar.

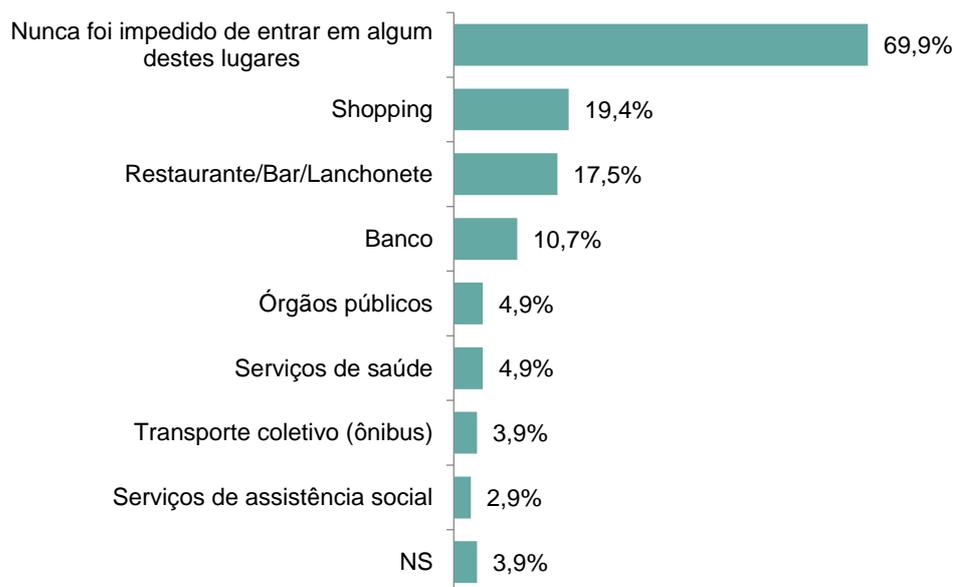


Gráfico 19 - Impedimento de entrar em locais e detalhamento dos locais – Verão

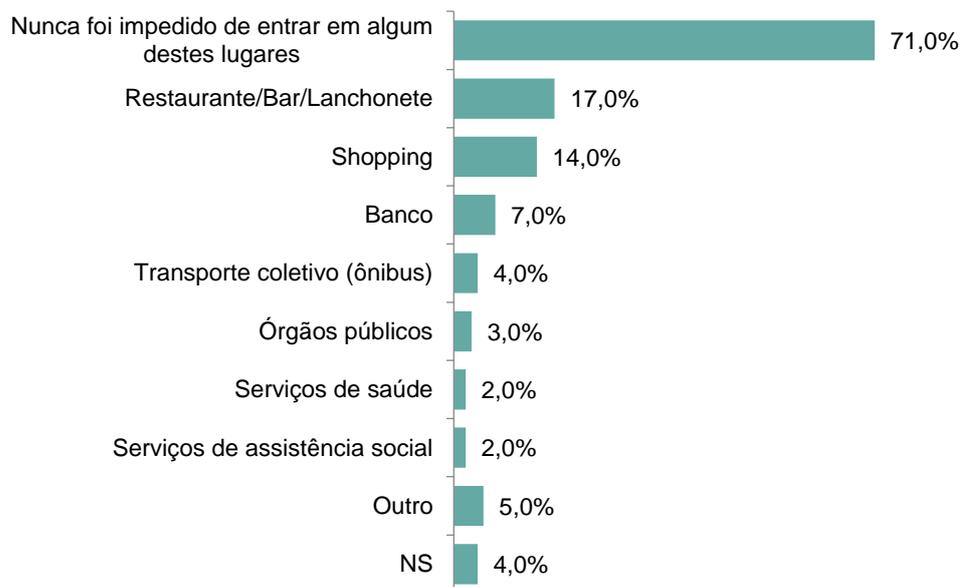


Gráfico 20 - Impedimento de entrar em locais e detalhamento dos locais - Inverno

Além disso, os entrevistados responderam se já haviam sido vítimas de violências físicas ou verbais devido à situação de rua<sup>22</sup>. No verão, 35,9% dos entrevistados declararam que nunca tinham sofrido violências em decorrência da situação de rua, e no inverno, 42% declararam não ter sofrido violência. Entre as

<sup>22</sup> Essa pergunta permitia mais de uma marcação. Uma mesma pessoa pode ter sido vítima de mais de uma violência.

violências mais apontadas pelas pessoas em situação de rua, no verão, 44,7% declararam ter sofrido xingamentos ou outros tipos de humilhação, 26,2% foram vítimas de violências físicas graves, como espancamentos, brigas e lutas corporais, e 19,4% foram furtados ou roubados. No inverno, 42% declararam ter sofrido xingamentos ou outros tipos de humilhação, 29% foram vítimas de violências físicas graves, como espancamentos, brigas e lutas corporais, e 17% foram furtados ou roubados. Entre os entrevistados nas ruas, 51,4% declararam já ter sido vítimas de xingamentos ou outro tipo de humilhação por estarem em situação de rua, 33,6% declararam ter sido vítimas de violências físicas graves, como espancamentos, e 27,4% declararam que nunca foram vítimas de violências em função de estarem em situação de rua. Entre as pessoas do sexo feminino<sup>23</sup>, 26,9% declararam ter sido vítimas de abuso sexual.

Além disso, os entrevistados responderam se já haviam sido vítimas de violências físicas ou verbais devido à situação de rua. No verão, 35,9% dos entrevistados declararam que nunca tinham sofrido violências em decorrência da situação de rua, e no inverno, 42% declararam não ter sofrido violência. Entre as violências mais apontadas pelas pessoas em situação de rua, no verão, 44,7% declararam ter sofrido xingamentos ou outros tipos de humilhação, 26,2% foram vítimas de violências físicas graves, como espancamentos, brigas e lutas corporais, e 19,4% foram furtados ou roubados. No inverno, 42% declararam ter sofrido xingamentos ou outros tipos de humilhação, 29% foram vítimas de violências físicas graves, como espancamentos, brigas e lutas corporais, e 17% foram furtados ou roubados. Entre os entrevistados nas ruas, 51,4% declararam já ter sido vítimas de xingamentos ou outro tipo de humilhação por estarem em situação de rua, 33,6% declararam ter sido vítimas de violências físicas graves, como espancamentos, e 27,4% declararam que nunca foram vítimas de violências em função de estarem em situação de rua. Entre as pessoas do sexo feminino, 26,9% declararam ter sido vítimas de abuso sexual.

---

<sup>23</sup> O gráfico que segue este texto traz as informações gerais referentes aos resultados das pesquisas amostrais realizadas no verão e no inverno. O valor do percentual de pessoas do sexo feminino, vítimas de violência sexual, é obtido por meio de filtros disponíveis no relatório interativo.

---

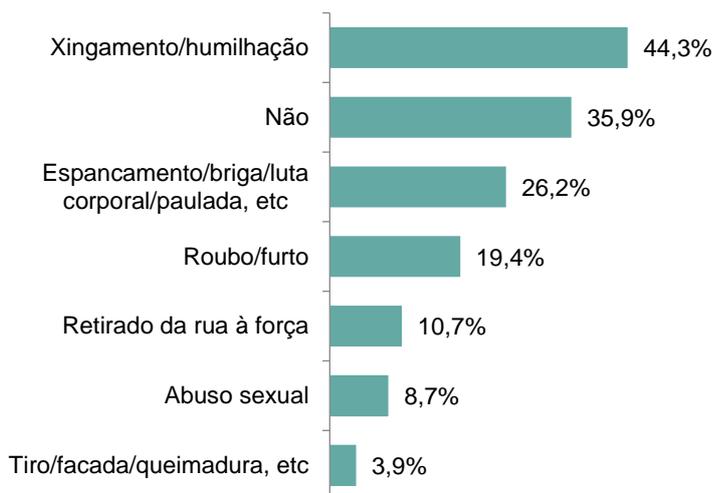


Gráfico 21 - Se os entrevistados sofreram algum tipo de violência desde que estavam em situação de rua e qual tipo de violência – Verão

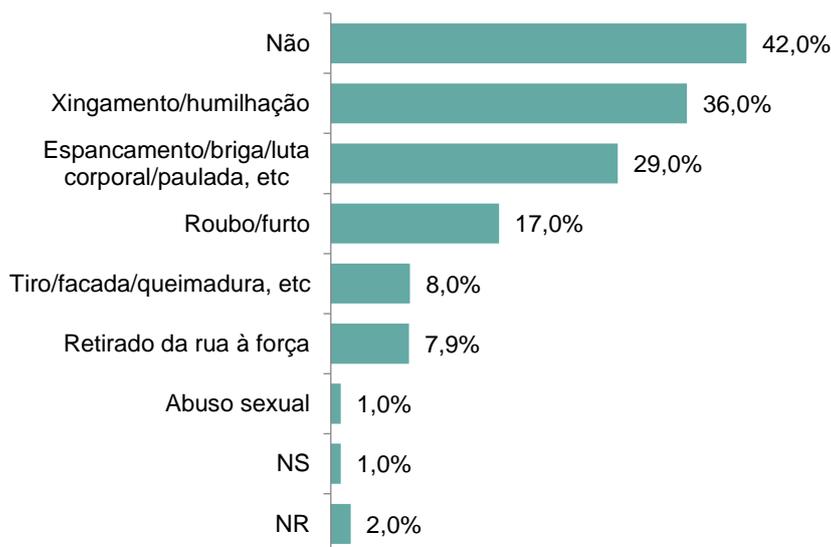


Gráfico 22 - Se os entrevistados sofreram algum tipo de violência desde que estavam em situação de rua e qual tipo de violência - Inverno

Quando perguntado sobre os autores das violências<sup>24</sup>, no verão, 51,7% dos entrevistados apontaram a Polícia como agressor, 41,7% mencionaram outras pessoas em situação de rua, 36,7% apontaram pessoas que passam nas ruas, transeuntes<sup>25</sup>, 10%, a Guarda Municipal, 8%, os comerciantes, 3,3%, os seguranças

<sup>24</sup> Essa pergunta permitia mais de uma marcação. Uma mesma pessoa pode ter sido vítima de mais de uma violência, e a violência pode ser praticada por mais de um autor.

<sup>25</sup> Refere-se a pessoas não-identificadas.

privados e 3,3%, os traficantes. Já no inverno, 39,1% dos entrevistados indicaram a Polícia como agressor, 39,1% mencionaram outras pessoas em situação de rua, 41,3% apontaram pessoas que passam nas ruas, transeuntes, 13%, a Guarda Municipal, 13%, os comerciantes, 6,5%, os seguranças privados e 6,5%, os traficantes.

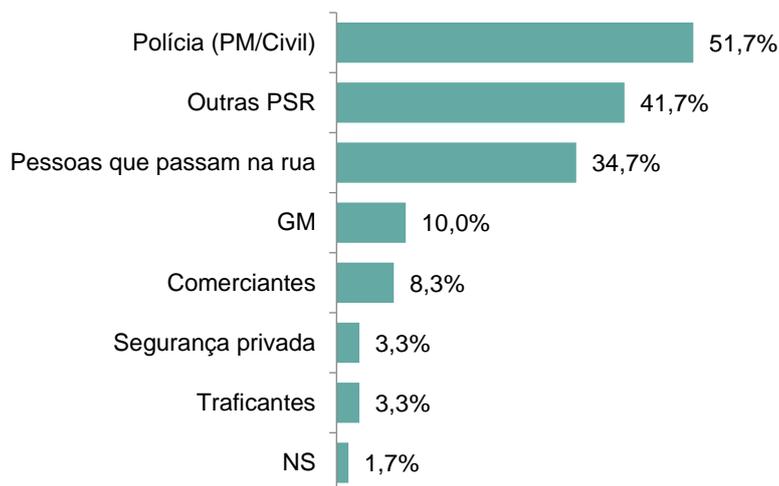


Gráfico 23 - Indicação dos autores das violências praticadas contra as pessoas em situação de rua entrevistadas – Verão



Gráfico 24 - Indicação dos autores das violências praticadas contra as pessoas em situação de rua entrevistadas - Inverno

### 3.3 Indicadores de saúde

No bloco de questões sobre 'saúde', buscou-se conhecer os problemas de saúde das pessoas em situação de rua na cidade. Isso inclui deficiências físicas ou sensoriais, hábitos relacionados ao uso de preservativos e ao consumo de álcool e/ou outras drogas.

Entre as doenças mais relatadas pelas pessoas em situação de rua, registramos no verão doenças respiratórias (12,6%), sequelas de acidentes como consequências de atropelamento (7,7%) e hipertensão arterial (8,7%). No inverno, as doenças mais relatadas foram depressão ou doenças neurológicas (10%), hipertensão arterial (9%) e diabetes (8%).

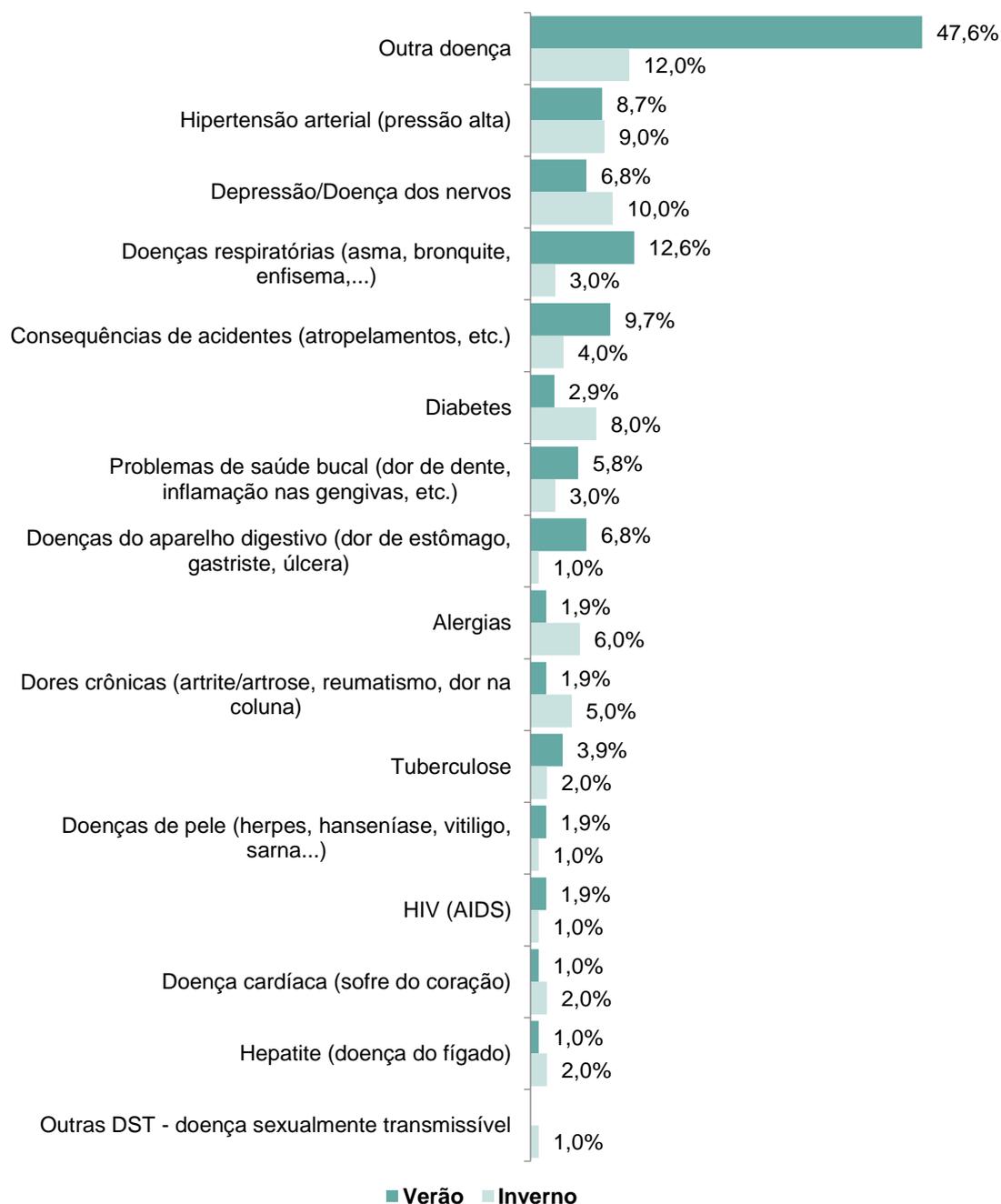


Gráfico 25 - Doenças ou problemas de saúde indicados pelas pessoas em situação de rua

Para resolver seus problemas de saúde, durante o verão, 39,8% dos entrevistados relataram procurar postos de saúde, unidades básicas de saúde ou policlínicas. 32% procuravam prontos-socorros ou hospitais e 27% não faziam nada. Apenas 1,9% procurava o consultório na rua. Já no inverno, 54% procuravam as unidades básicas de saúde, postos de saúde ou policlínicas, 39% procuravam prontos-socorros ou hospitais e 15% não faziam nada. 4% procuravam o consultório na rua.

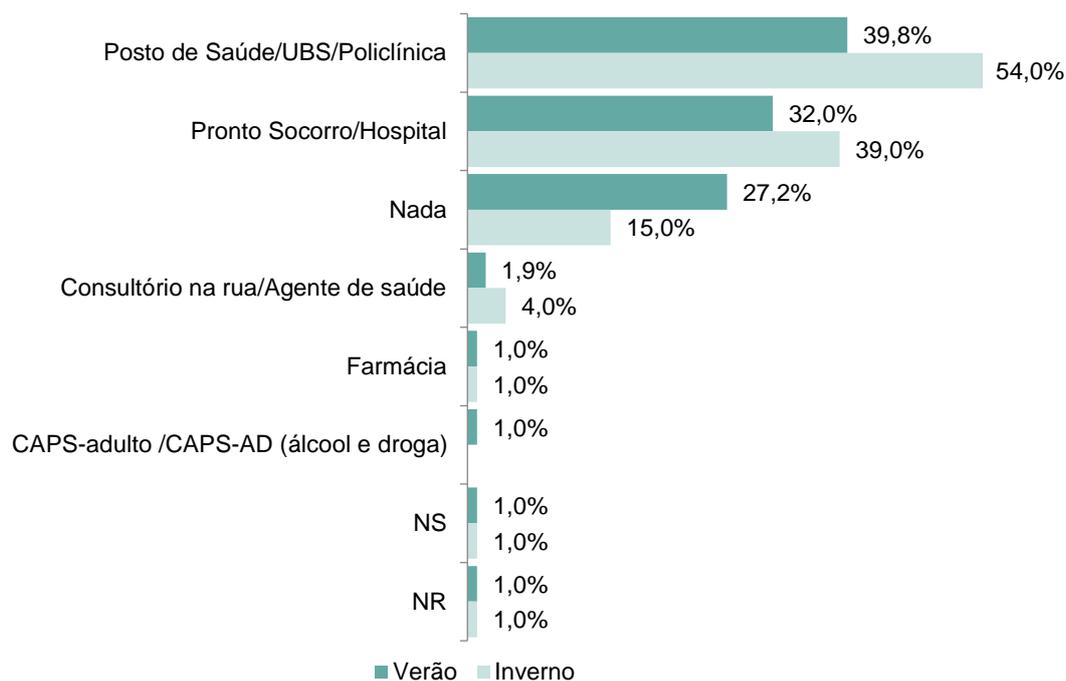


Gráfico 26 - Locais ou serviços que as pessoas em situação de rua procuraram para resolver seus problemas de saúde

Em relação às deficiências físicas ou sensoriais, os entrevistados foram questionados se teriam dificuldade para enxergar, ouvir, subir degraus, ou se eram cadeirantes ou *muletantes*. Durante o verão, 69,9% declararam não possuir nenhuma dificuldade para enxergar, 87,4%, nenhuma dificuldade para ouvir e 85,4%, nenhuma dificuldade para subir degraus. No inverno, 52% declararam não possuir nenhuma dificuldade para enxergar, 80%, nenhuma dificuldade para ouvir e 78%, nenhuma dificuldade para subir degraus.

Entre os que declararam possuir alguma dificuldade sensorial, durante o verão, a soma dos que possuíam dificuldade em algum grau para se locomover, mesmo utilizando algum aparelho auxiliar, foi de 14,6%, e 1,9% dos entrevistados declarou necessitar de cadeiras de rodas ou muletas para se locomover. A soma dos que declararam ter dificuldade em algum grau para enxergar, mesmo usando óculos, foi de 28,2%, e a soma dos que declararam dificuldade em algum grau para ouvir, mesmo usando aparelho auditivo, foi de 12,6%. Já no inverno, a soma dos que declararam possuir dificuldade em algum grau para se locomover, mesmo utilizando algum aparelho auxiliar, foi de 22%, e 6% dos entrevistados declararam necessitar de cadeiras de rodas ou muletas para se locomoverem. A soma dos que declararam ter dificuldade em algum grau para enxergar, mesmo usando óculos, foi de 48%, e a soma

dos que declararam dificuldade em algum grau para ouvir, mesmo usando aparelho auditivo, foi de 20%.

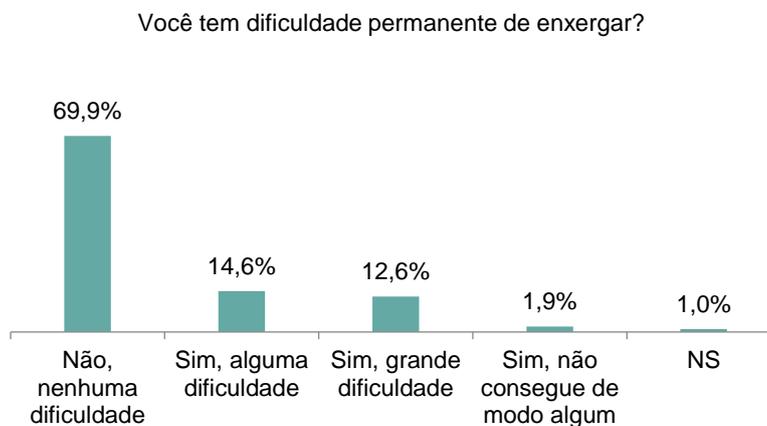


Gráfico 27 - Deficiências ou dificuldades sensoriais declaradas pelas pessoas em situação de rua - Verão

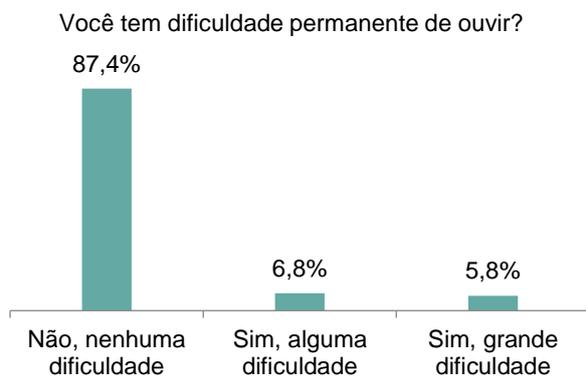


Gráfico 28 - Deficiências ou dificuldades sensoriais declaradas pelas pessoas em situação de rua - Verão

Você tem dificuldade permanente de caminhar ou subir degraus?

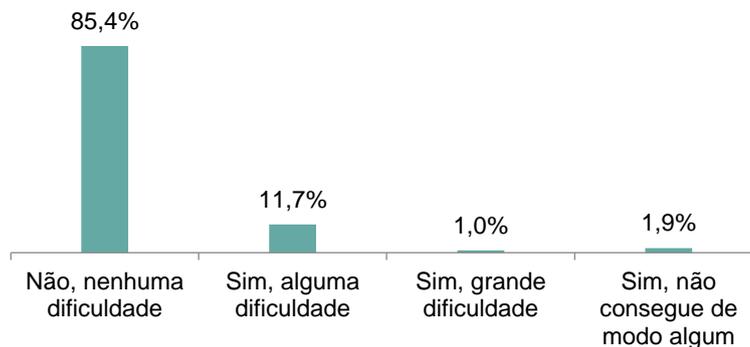


Gráfico 29 - Deficiências ou dificuldades sensoriais declaradas pelas pessoas em situação de rua - Verão

Você tem dificuldade permanente de enxergar?

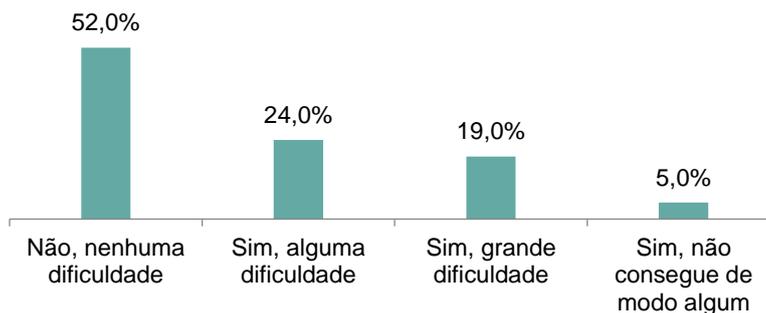


Gráfico 30 - Deficiências ou dificuldades sensoriais declaradas pelas pessoas em situação de rua – Inverno

Você tem dificuldade permanente de ouvir?

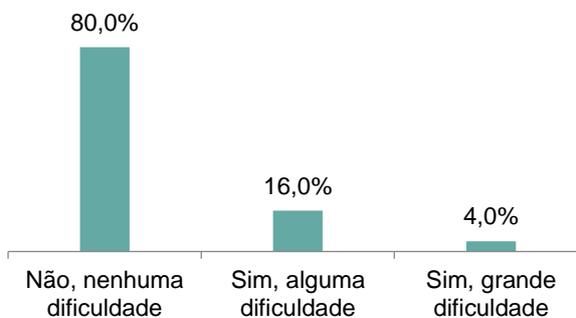


Gráfico 31 - Deficiências ou dificuldades sensoriais declaradas pelas pessoas em situação de rua – Inverno

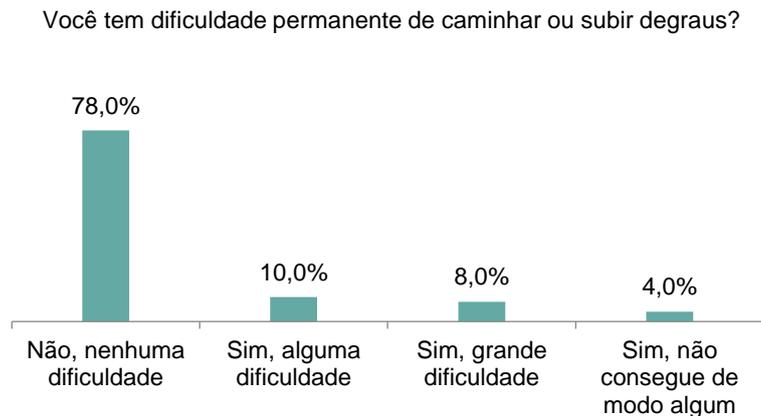


Gráfico 32 - Deficiências ou dificuldades sensoriais declaradas pelas pessoas em situação de rua – Inverno

Os entrevistados foram questionados também sobre o uso de preservativos nas relações sexuais. Durante o verão, 45,6% dos entrevistados declararam sempre fazer uso de preservativos, 19,4% declararam que faziam uso de preservativos às vezes, 9,7% que não utilizavam porque não gostavam, 5,8% não faziam sexo, 6,9% não usavam porque o parceiro ou a parceira não gostava, e 7,8% não sabiam explicar o porquê não usavam. No inverno, 36% dos entrevistados declararam sempre fazer uso de preservativos, 26% declararam que faziam uso de preservativos às vezes, 17% que não utilizavam porque não gostavam, 13% não faziam sexo, 3% não usavam porque o parceiro ou a parceira não gostava, e 1% não sabia explicar o porquê não usava. Em média, entre os acolhidos, 3,5% não faziam sexo, já entre os entrevistados nas ruas, eram 11,6% os que não faziam sexo.

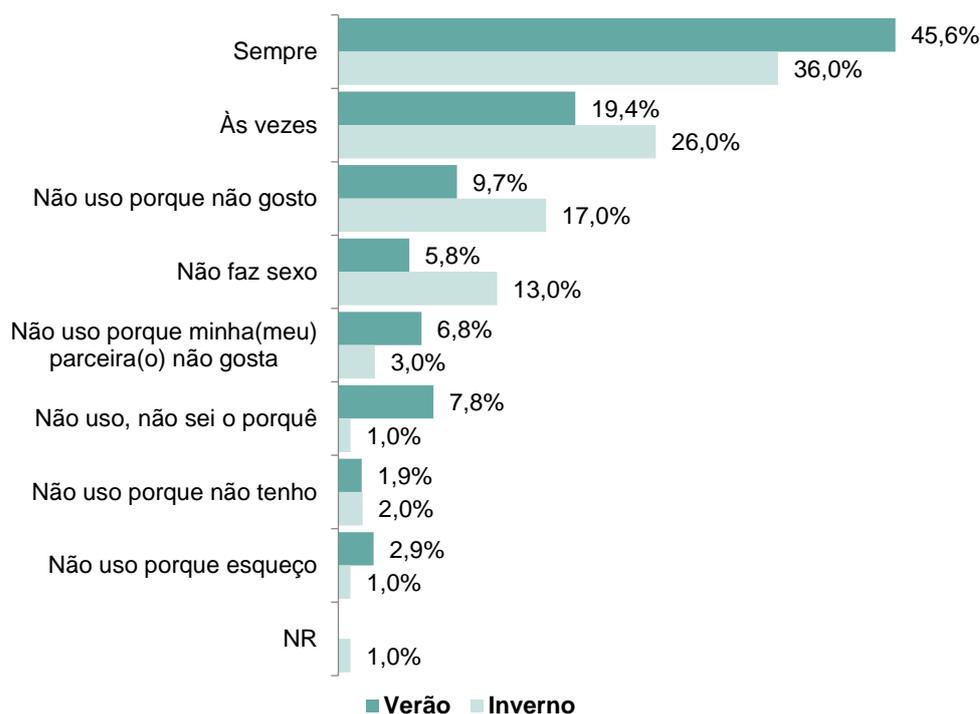


Gráfico 33 - Frequência do uso de preservativos pelas pessoas em situação de rua

Questões relevantes relacionadas ao uso de álcool e outras drogas<sup>26</sup> foram abordadas na pesquisa amostral. Os entrevistados foram questionados sobre o uso de álcool e outras drogas antes e após a situação de rua, bem como a frequência de uso. No verão, antes de estarem em situação de rua, 65% dos entrevistados faziam uso de cigarro, 53,4% faziam uso de bebidas alcoólicas, 36,9%, de maconha, 34%, de crack e 23,3%, de cocaína. 15,5% não faziam uso de nenhuma substância. No inverno, antes de estarem em situação de rua, 65% dos entrevistados faziam uso de cigarro, 72% faziam uso de bebidas alcoólicas, 33%, de maconha, 22%, de crack e 22%, de cocaína. 10% não faziam uso de nenhuma substância. Nota-se que os maiores percentuais de uso são relacionados a substâncias lícitas. As maiores variações entre as pesquisas realizadas no verão e no inverno estão relacionadas ao uso de álcool e crack.

<sup>26</sup> O termo álcool e outras drogas são atualmente utilizados pela política de saúde mental. Vide Portaria de Consolidação Nº 3 de 28 de setembro de 2017 – Consolidação das Normas sobre as redes do Sistema Único de Saúde. Para Organização da Política de Atendimento.

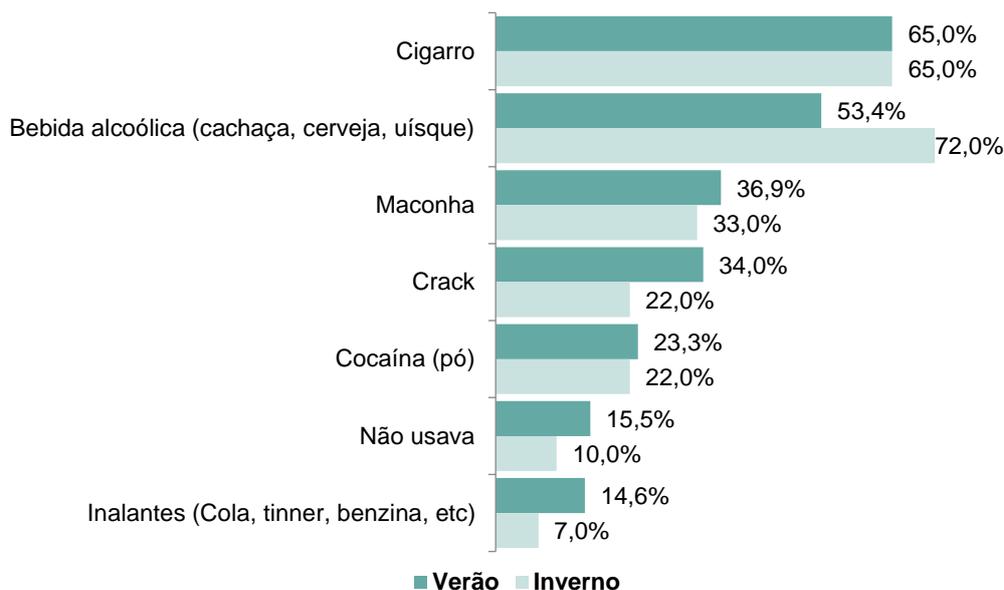


Gráfico 34 - Uso de álcool ou outras drogas pelos entrevistados antes de estarem em situação de rua

Após os entrevistados estarem em situação de rua, houve poucas mudanças no perfil do consumo de substâncias psicoativas. No verão, o percentual dos que usavam cigarro (68%) e crack (35%) foram ligeiramente superiores aos valores registrados antes da situação de rua. No inverno, o consumo de bebida alcoólica (59%) e cocaína (12%) foram inferiores aos registrados antes da situação de rua, e o consumo de crack foi superior (27%).

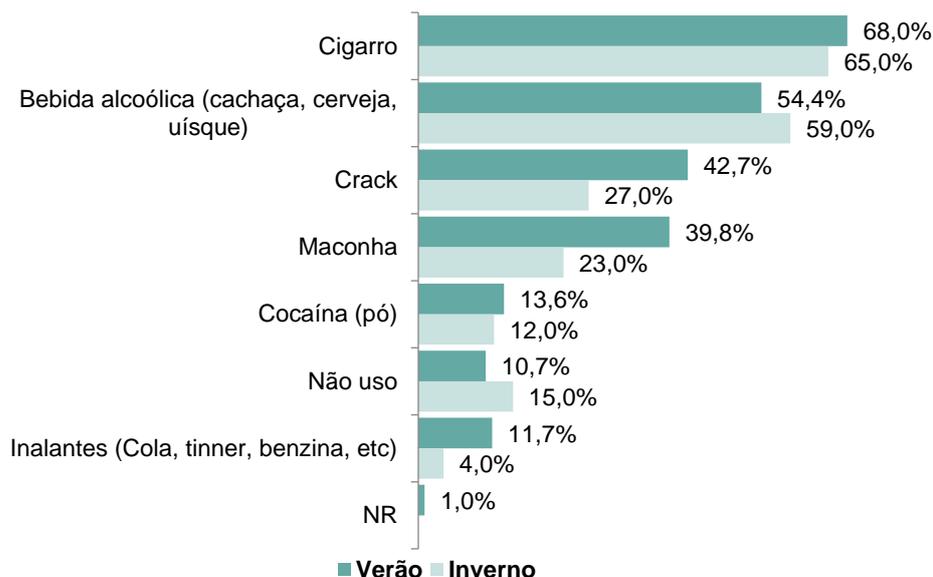


Gráfico 35 - Uso de álcool ou outras drogas pelos entrevistados após estarem em situação de rua

Em relação à frequência de uso, durante o verão, 50% dos entrevistados faziam uso de bebidas alcoólicas todos os dias, 35,7%, alguns dias por semana e 14,3%, menos de uma vez por semana. Já em relação a outras drogas, 65% faziam uso todos os dias, 18,3%, alguns dias por semana e 15%, menos de uma vez por semana. Durante o inverno, 61% dos entrevistados faziam uso de bebidas alcoólicas todos os dias, 33,9%, alguns dias por semana e 5,1%, menos de uma vez por semana. Já em relação a outras drogas, 60,5% faziam uso todos os dias, 34,2%, alguns dias por semana e 5,3%, menos de uma vez por semana.



Gráfico 36 - Frequência do uso de álcool e outras drogas pelos entrevistados – Verão

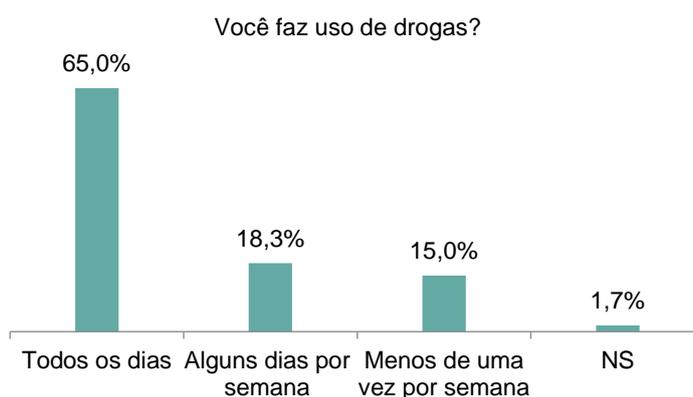


Gráfico 37 - Frequência do uso de álcool e outras drogas pelos entrevistados - Verão

Você faz uso de bebida alcoólica?

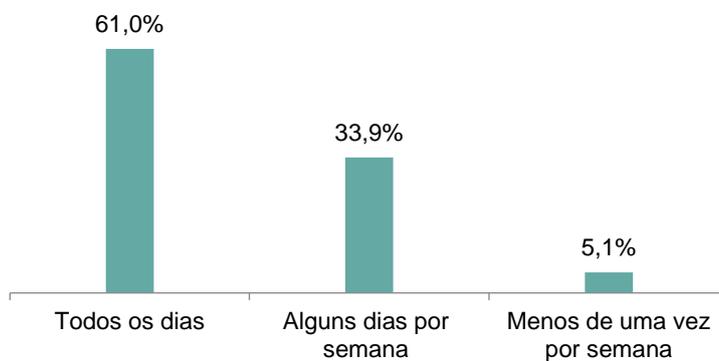


Gráfico 38 - Frequência do uso de álcool e outras drogas pelos entrevistados - Inverno

Você faz uso de drogas?

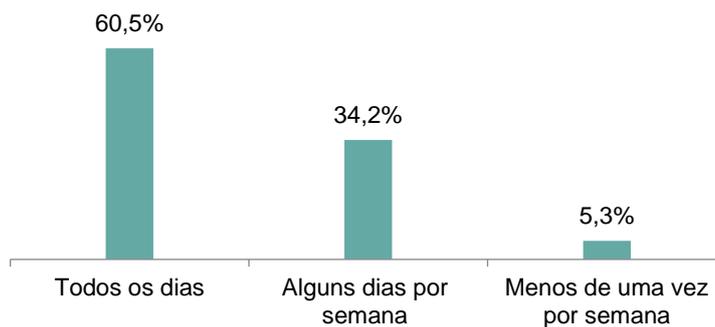


Gráfico 39 - Frequência do uso de álcool e outras drogas pelos entrevistados - Inverno

Outro campo de informações importantes são as relacionadas ao trabalho e à renda, que serão abordadas na próxima seção.

---

### 3.4 Trabalho e renda

No campo sobre trabalho e renda, foram abordadas questões sobre a ocupação das pessoas em situação de rua, registro na Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), tempo decorrido desde o último trabalho com registro, renda, gastos, atividades remuneradas e benefícios recebidos.

Quando questionados sobre o trabalho, em média, 76,8% dos entrevistados responderam que já haviam trabalhado com registro em CTPS antes de se encontrarem em situação de rua. Entre as atividades desenvolvidas antes dessa situação, destaca-se, no verão, a construção civil, exercida por 33% dos entrevistados. Esta é seguida pelos serviços de limpeza e cozinha (16,5%) e pelas atividades de ajudantes gerais (10,8%). No inverno, destacam-se as atividades da construção civil, exercida por 33% dos entrevistados, as da indústria (19%) e as de ajudantes gerais. As principais diferenças entre as pesquisas realizadas no verão e no inverno, em relação às experiências de trabalho antes de estarem em situação de rua, foram a redução do percentual de indivíduos oriundos de atividades da indústria no verão (11,7%) em comparação com o inverno (19%), e o aumento do percentual de indivíduos que atuaram em serviços de limpeza e cozinha (16,5%) e como ajudantes gerais (12,6%), em comparação com o inverno, quando nestas categorias foram registrados 8% em serviços de limpeza e cozinha e 9% em ajudantes gerais. No verão, também foi maior o percentual daqueles que nunca haviam trabalhado (11,7%) em comparação com o inverno (8%).

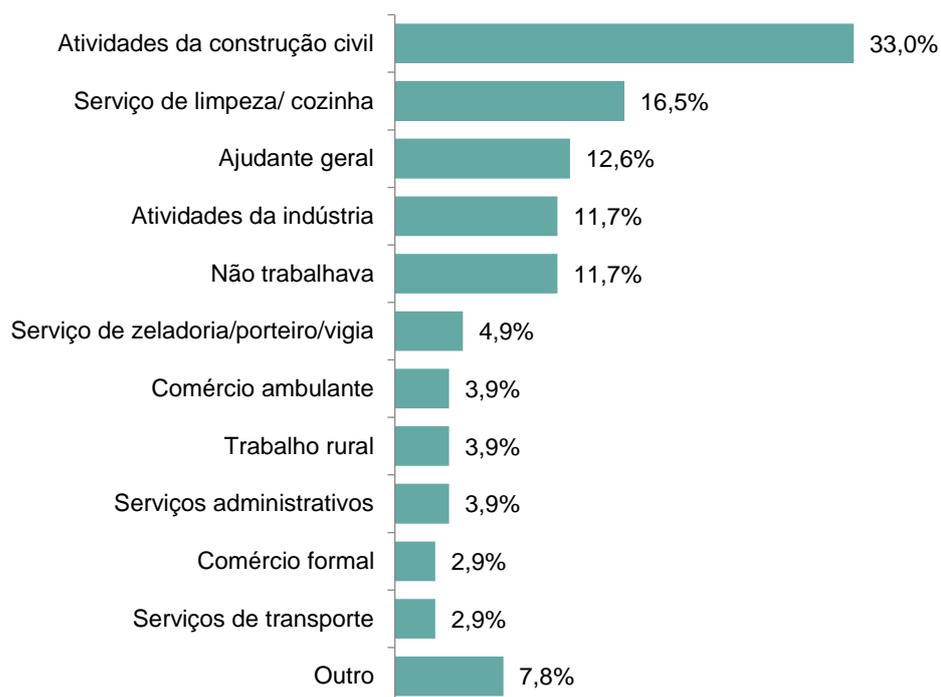


Gráfico 41 - Principais atividades de trabalho desenvolvidas pelas pessoas em situação de rua antes de estarem em situação de rua – Verão



Gráfico 40 - Principais atividades de trabalho desenvolvidas pelas pessoas em situação de rua antes de estarem em situação de rua – Inverno

Os entrevistados foram questionados sobre o tempo decorrido desde o último emprego com registro em CTPS. No verão, 21,9% responderam que haviam trabalhado entre 3 e 5 anos atrás, 20,5% responderam que haviam trabalhado há mais de 10 anos, e 14,5% responderam que haviam trabalhado entre 5 a 10 anos e há menos de 6 meses. No inverno, 28,8% responderam que estavam sem trabalho com registro em carteira há mais de 10 anos, 21,9% entre 3 e 5 anos, e 19,2% entre 5 e 10 anos. Considerando pessoas com menos de um ano sem registro em carteira, no verão, 27,8% estavam nessa condição, enquanto no inverno apenas 16,4% estavam na mesma situação. Por outro lado, no inverno, as pessoas sem registro em CTPS há mais de 3 anos representavam 69,9%, enquanto no verão eram 48,3%. A média dos resultados das pesquisas realizadas no verão e no inverno mostrava que apenas 13,5% estavam sem registro em carteira há menos de 6 meses, e 22,5% estavam sem registro em carteira há menos de 1 ano. Além disso, 58,4% dos entrevistados estavam sem registro em carteira há mais de 3 anos.

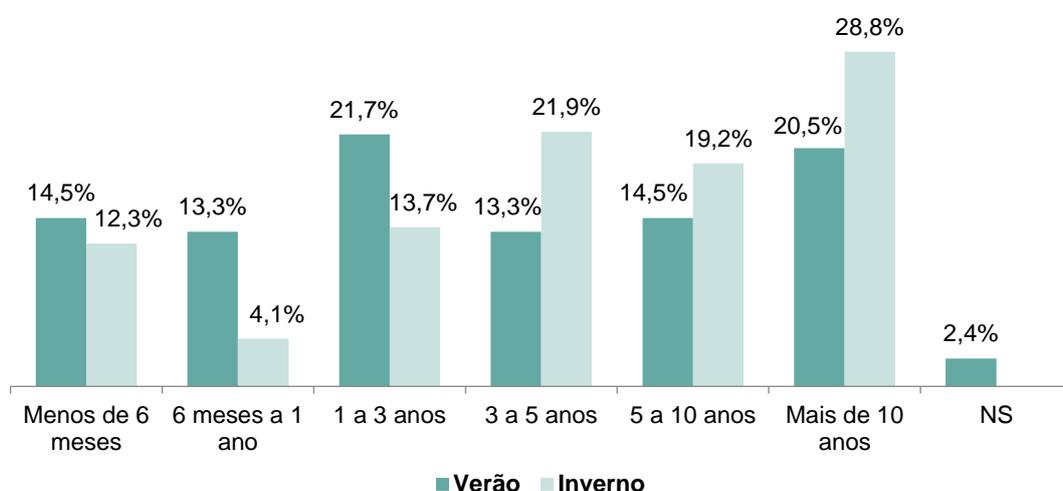


Gráfico 42 - Tempo decorrido desde a última vez em que os entrevistados trabalharam com registro em carteira

Em relação à condição atual de trabalho, no verão, 36,9% dos entrevistados não trabalhavam, 37,9% faziam bicos, 17,5% trabalhavam por conta própria, 5,8% estavam empregados com registro em carteira e 1,9%, empregado sem registro. Já no inverno, 60% dos entrevistados não trabalhavam, 23% faziam bicos, 10% trabalhavam por conta própria, 2% estavam empregados com registro em carteira e

5% estavam empregados sem registro. O percentual daqueles que não trabalhavam no verão foi significativamente inferior ao do inverno<sup>27</sup>.



Gráfico 43 - Situação atual dos entrevistados em relação ao trabalho

Os entrevistados foram questionados sobre as atividades que realizavam para obter renda. De acordo com a pesquisa, no verão, 34% catavam materiais recicláveis, 19,4% trabalhavam na construção civil e 19,4% atuavam no comércio ambulante. No inverno, 20% catavam materiais recicláveis, 17% trabalhavam na construção civil e 17% não faziam nada. Além disso, 16% pediam esmolas. Esses percentuais dos que não faziam nada e dos que pediam dinheiro foram significativamente superiores no inverno, em relação ao verão.

<sup>27</sup> No inverno é maior o percentual dos acolhidos. O aumento do percentual dos que não trabalham no inverno pode estar relacionado ao acolhimento institucional, seja pela redução na necessidade de trabalhar para satisfazer necessidades básicas ou em decorrência de rotinas ou regras dessas instituições.



Gráfico 44 - Atividades desenvolvidas pelas pessoas em situação de rua para obter renda

Os entrevistados foram questionados se recebiam algum benefício, pensão ou aposentadoria. No verão, 49,5% não recebiam nenhum benefício, enquanto no inverno esse número era de 50%. No verão, 42,7% dos entrevistados responderam que recebiam Auxílio Brasil ou Bolsa Família, 1% recebia o Benefício de Prestação Continuada (BPC), 2,9% recebiam aposentadoria ou pensão, 2,9% recebiam auxílio-doença e 1% recebia seguro-desemprego. No inverno, 29% dos entrevistados responderam que recebiam Auxílio Brasil ou Bolsa Família, 15% recebiam o BPC, 5% recebiam aposentadoria ou pensão e 1% recebia auxílio-doença. No verão, era maior o percentual daqueles que recebiam Auxílio Brasil ou Bolsa Família, enquanto no

inverno era mais elevado o percentual daqueles que recebiam BPC e aposentadoria ou pensão (5%).

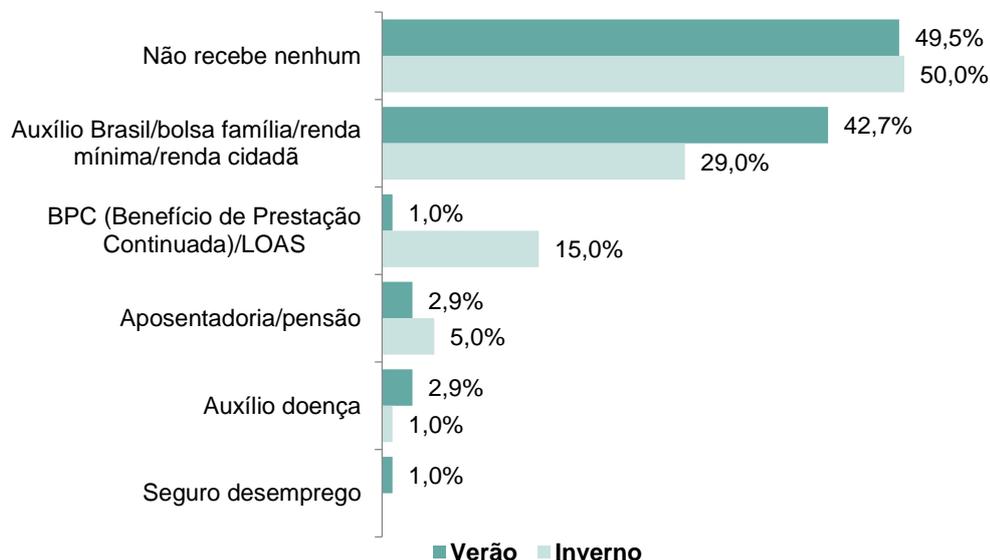


Gráfico 45 - Recebimento de benefícios sociais pelas pessoas em situação de rua

Os entrevistados foram questionados sobre a renda que recebiam. No verão, 26,2% recebiam entre R\$ 606,00 e R\$ 1.211,00; 24,6% recebiam entre R\$ 303,00 e R\$ 605,00; e 21,5% recebiam entre R\$ 1.212,00 e R\$ 2.423,00. No inverno, 27,5% recebiam até R\$ 302,00 por mês; 20% recebiam entre R\$ 303,00 e R\$ 605,00; e 20% recebiam entre R\$ 606,00 e R\$ 1.211,00. A renda das pessoas em situação de rua foi superior no verão em relação ao inverno.

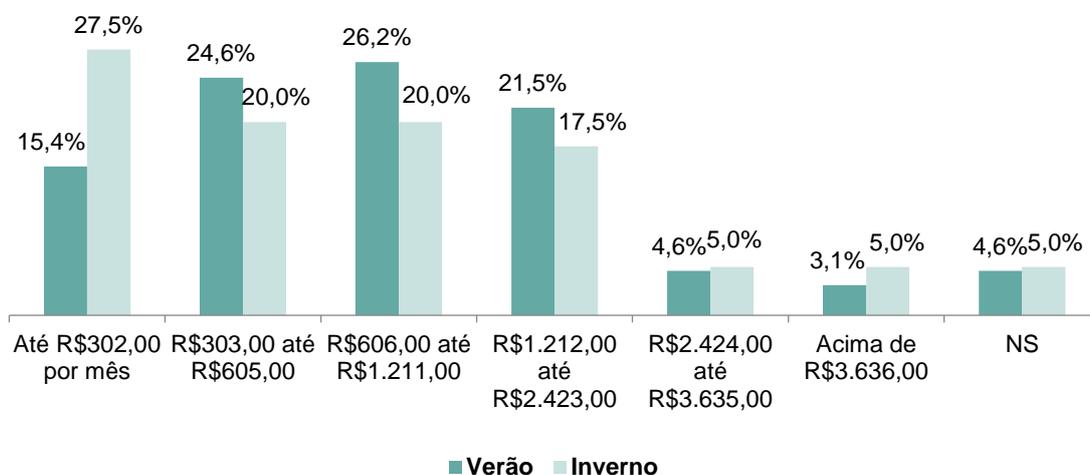


Gráfico 46 - Renda das pessoas em situação de rua

Os entrevistados responderam ainda uma questão sobre com o que haviam gastado dinheiro no dia da entrevista. No verão, 43,7% não haviam gastado dinheiro com nada, 29,1% haviam gastado com comida, 19,4%, com bebida alcoólica, 15,5%, com drogas e 7,8%, com refrigerante, água ou suco. No inverno, 38% não haviam gastado dinheiro com nada, 37% haviam gastado com comida, 23%, com bebida alcoólica, 20%, com drogas e 11%, com refrigerante, água ou suco. No verão, foi menor o gasto com dinheiro em geral em comparação ao inverno.

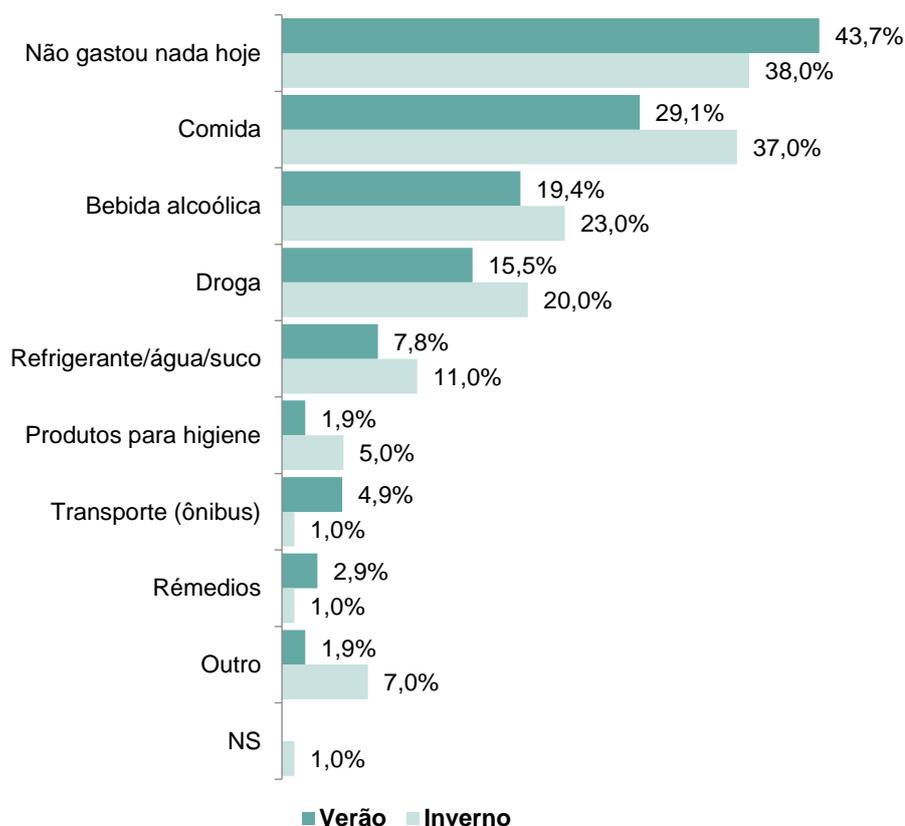


Gráfico 47 - Com o que os entrevistados haviam gastado dinheiro no dia da entrevista

A seguir, serão demonstrados os dados do bloco de questões sobre educação.

### 3.5 Educação

Outro bloco da pesquisa trouxe questões sobre educação. Nesse sentido, a pesquisa revelou que 92,6% dos entrevistados sabiam ler e escrever e que 94,1% haviam frequentado escola. Os percentuais de alfabetizados e de frequência à escola foram maiores no verão, quando 93,2% sabiam ler e escrever e 96,1% haviam frequentado escola, e entre os acolhidos, registrando percentuais de 96,5% de alfabetizados e 96% de frequência à escola.

Quando considerada a escolaridade, no verão, 54,6% dos entrevistados não haviam chegado a concluir o ensino fundamental, e 24,2% haviam concluído esse nível de ensino<sup>28</sup>. Os que haviam finalizado o ensino médio representavam apenas 12,2%, já 3% possuíam ensino superior completo. No inverno, 56,7% não haviam chegado a concluir o ensino fundamental, 22,8% haviam concluído esse nível de ensino, 16,3% haviam concluído o ensino médio e 5,4%, o ensino superior

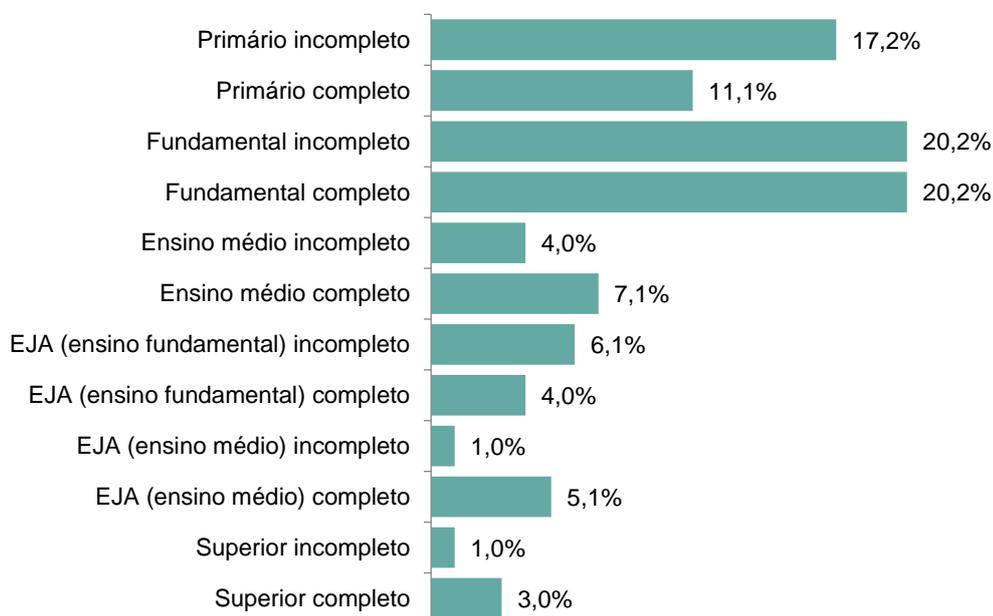


Gráfico 48 - Grau de escolaridade das pessoas em situação de rua - Verão

<sup>28</sup> Somados os que concluíram o ensino regular ou do Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

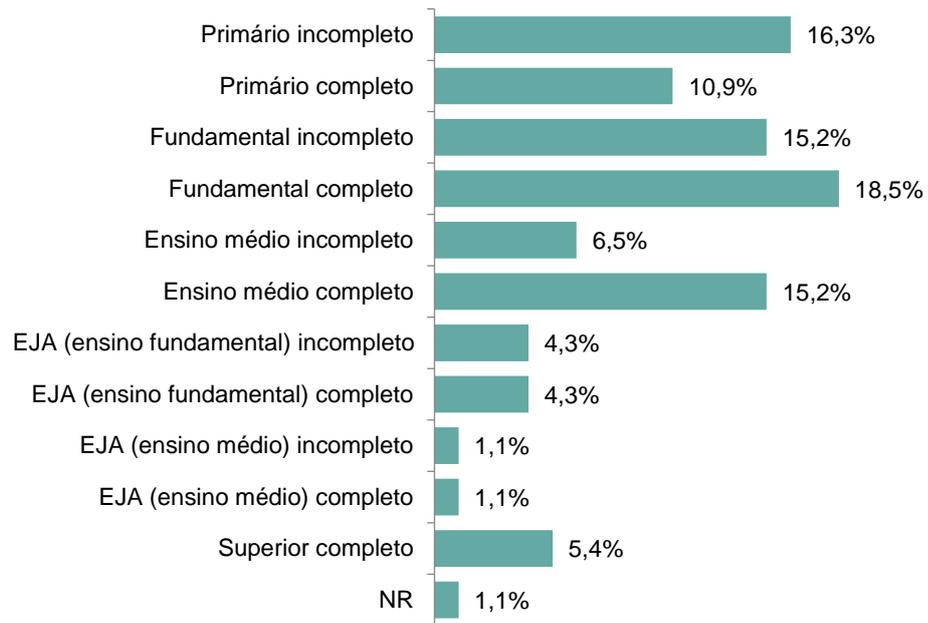


Gráfico 49 - Grau de escolaridade das pessoas em situação de rua - Inverno

### 3.6 Assistência social

No campo de questões específicas sobre a assistência social, buscou-se conhecer aspectos sobre o uso dos serviços. No verão, entre os entrevistados nas ruas, 74,1% já haviam dormido em casas de passagem, e 90,9% dos entrevistados em casas de passagem já haviam dormido nas ruas. Já no inverno, esses números são inferiores, sendo que, entre os entrevistados nas ruas, 56,9% haviam dormido em casas de passagem, e entre os entrevistados nas casas de passagem, 77,1% já haviam dormido nas ruas.

Foi perguntado aos entrevistados nas ruas se, na última semana, haviam alternado o local onde dormiam. No verão, 33,3% responderam que tinham dormido apenas nas ruas, enquanto 24,7% haviam alternado entre dormir nas ruas e em casa de passagem. No inverno, 49,2% tinham dormido apenas nas ruas, enquanto 18,3% haviam alternado entre dormir nas ruas e em casa de passagem, 9,2% haviam dormido em pensões, 6,2%, nas suas residências e 3,1%, em casa de amigos ou parentes. Os dados da pesquisa realizada no inverno mostram mais movimentos de busca por alternativas de locais para dormir, provavelmente em função das condições climáticas mais severas.

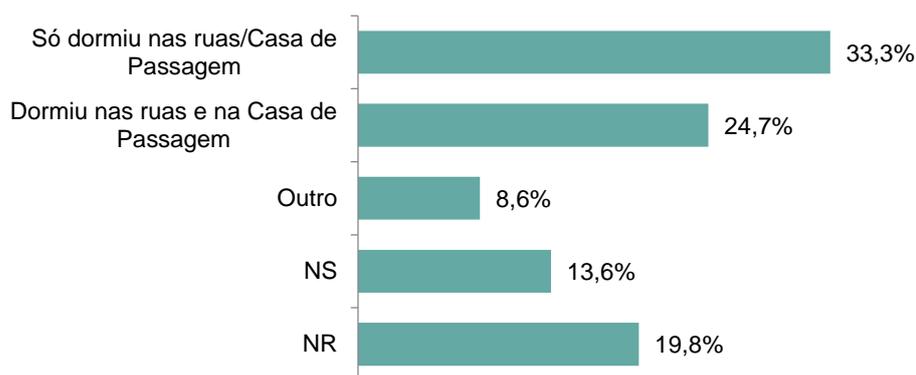


Gráfico 50 - Locais em que os entrevistados nas ruas dormiram nas últimas semanas - Verão

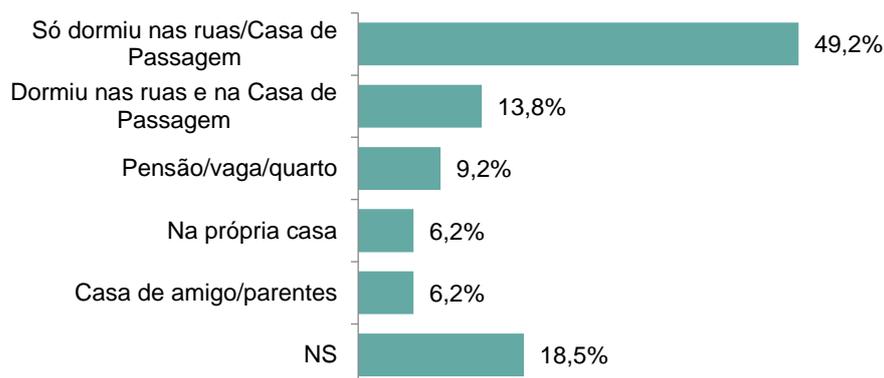


Gráfico 51 - Locais em que os entrevistados nas ruas dormiram nas últimas semanas - Inverno

Os entrevistados foram questionados também se, nos últimos 6 meses, haviam sido atendidos por algum serviço de assistência social ou pelo consultório na rua. Durante o verão, 48,5% foram atendidos, sendo que 29,1% foram atendidos pelo Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e 4,9% pela equipe de abordagem social. No inverno, 55% responderam que foram atendidos pelo centro pop, 43% pelo CRAS, 12% pelo centro de acolhida, 8% pela equipe de abordagem social, 4% pelo Centro de Referência Especializado da Assistência Social e 4%, pelo consultório na rua. Como é possível observar, o atendimento é mais percebido pelos entrevistados durante o inverno .

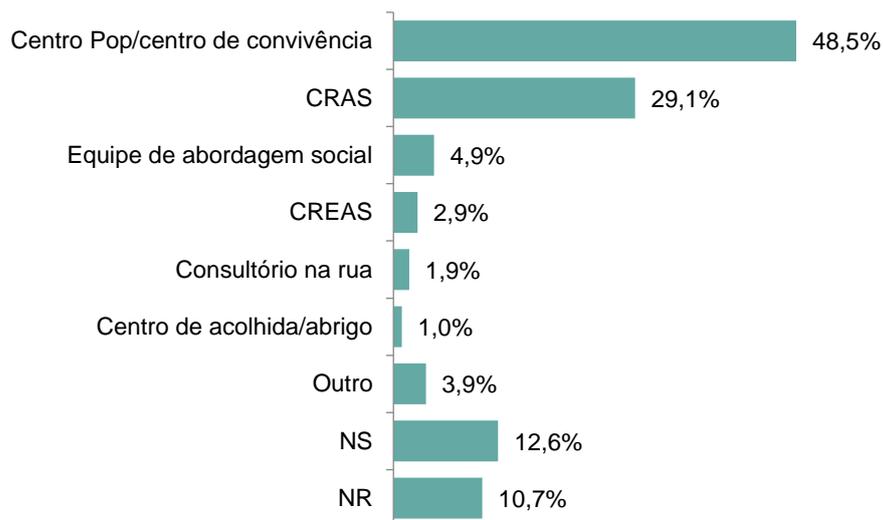


Gráfico 52 - Declaração de atendimento nos serviços listados durante os últimos 6 meses - Verão

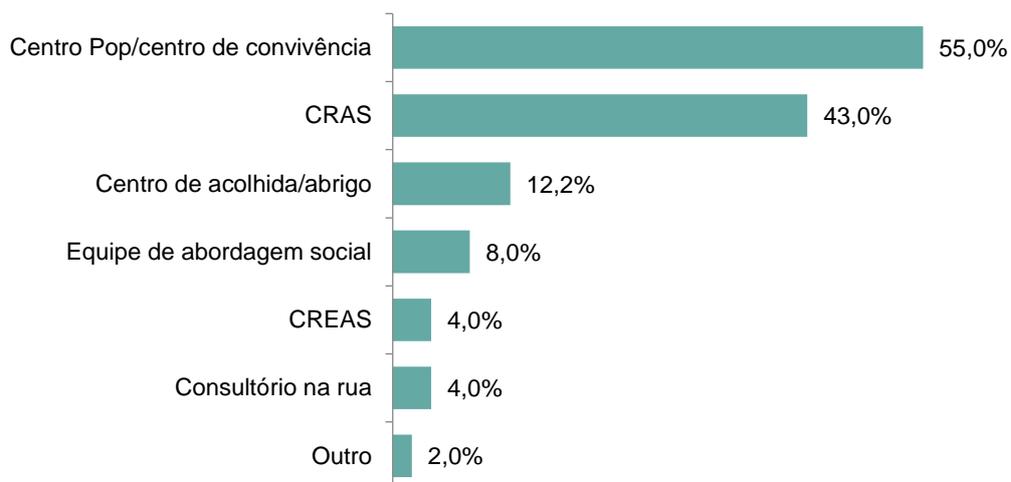


Gráfico 53 - Declaração de atendimento nos serviços listados durante os últimos 6 meses - Inverno

Foi solicitado ainda que os entrevistados fizessem uma avaliação das casas de passagem com base nas classificações “ótimo, bom, regular, ruim e péssimo”. Para 37,2% dos entrevistados no verão, os centros de acolhida eram bons, e para 32,6%, eles eram ótimos. 14% avaliaram os centros de acolhimento como regulares no verão, 7% como ruins e 7% como péssimos. As avaliações positivas somaram 69,8% das avaliações no verão, e as avaliações negativas, 14%. No inverno, 45,8% avaliaram os centros de acolhida como ótimos e 30,6% como bons, 6,9% como regulares, 5,6% como ruim e 5,6% como péssimos. A soma das avaliações positivas no inverno foi de 76,4%, e a soma das avaliações negativas, 11,2%.

### 3.7 Segurança alimentar e nutricional e Satisfação das necessidades básicas

Outro campo de informações levantadas foi relacionado à segurança alimentar e nutricional e à satisfação de outras necessidades básicas, como vestir-se, calçar-se, acesso à água e condições de higiene pessoal. A primeira questão buscou saber se os entrevistados, nos últimos 7 dias, haviam ficado um dia inteiro sem comer porque não haviam conseguido comida. No verão, 36,9% responderam que sim, e no inverno, 35%. Ao considerarmos apenas os entrevistados nas ruas, foram 42% no verão e 47,7% no inverno, que ficaram um dia inteiro sem comer por não ter conseguido comida.

Perguntou-se também onde os entrevistados haviam se alimentado no dia da entrevista. No verão, 21,4% dos entrevistados indicaram que haviam ganhado a comida de restaurante, lanchonete ou bar, 18,4% haviam se alimentado no restaurante popular, 18,4% haviam se alimentado em serviços da prefeitura, já 14,6% não haviam se alimentado no dia da entrevista. No inverno, 44% haviam se alimentado no restaurante popular, 18% haviam ganhado em restaurante, lanchonete ou bar, 15% haviam se alimentado em serviços da prefeitura, e 12% haviam comprado em restaurante, lanchonete ou bar. 7% não haviam se alimentado no dia da entrevista.

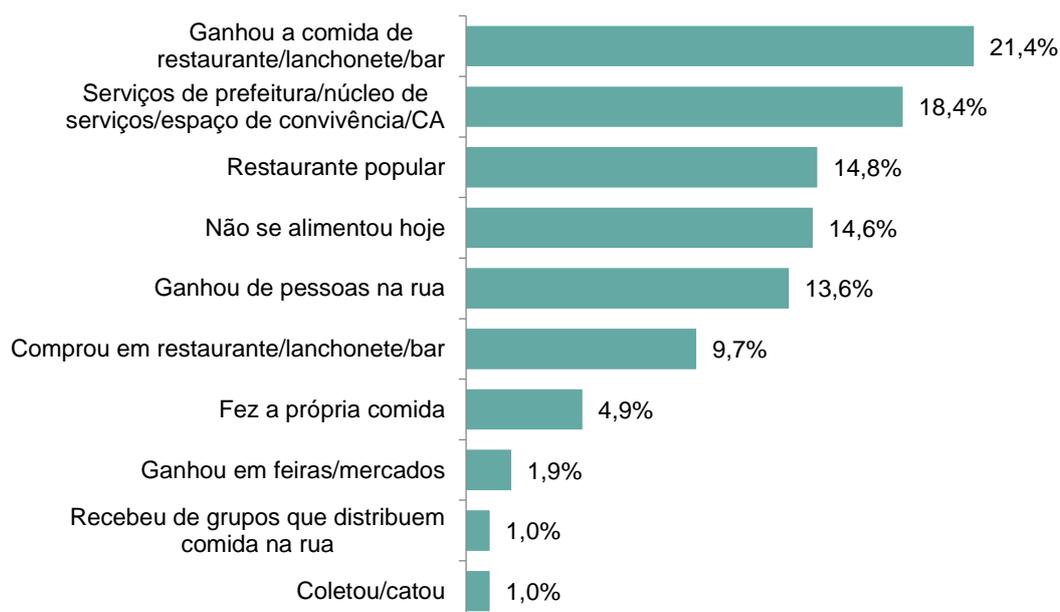


Gráfico 54 - Onde os entrevistados se alimentaram no dia da entrevista - Verão

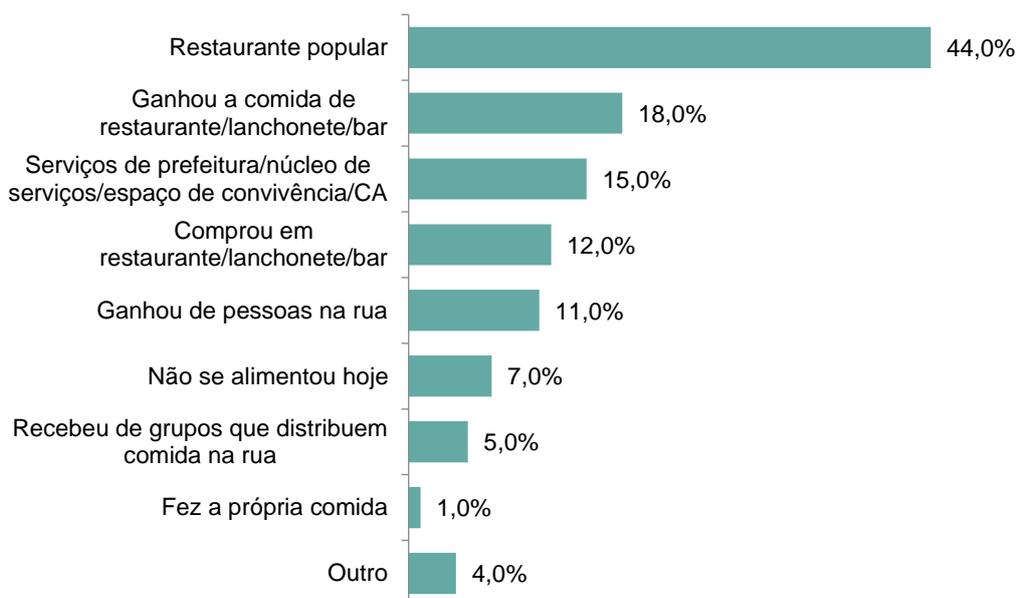


Gráfico 55 - Onde os entrevistados se alimentaram no dia da entrevista - Inverno

Uma questão semelhante buscava saber onde os entrevistados costumavam conseguir os alimentos que consumiam com frequência. No verão, 35,9% dos entrevistados costumavam ganhar a comida em restaurantes, lanchonetes ou bares, 27,2% costumavam comer no restaurante popular, e 21,4% costumavam ganhar de transeuntes. No inverno, 47% costumavam comer no restaurante popular, 26% costumavam ganhar de transeuntes, 22% ganhavam de restaurantes, lanchonetes ou bares, e 21% costumavam comer em serviços da prefeitura.

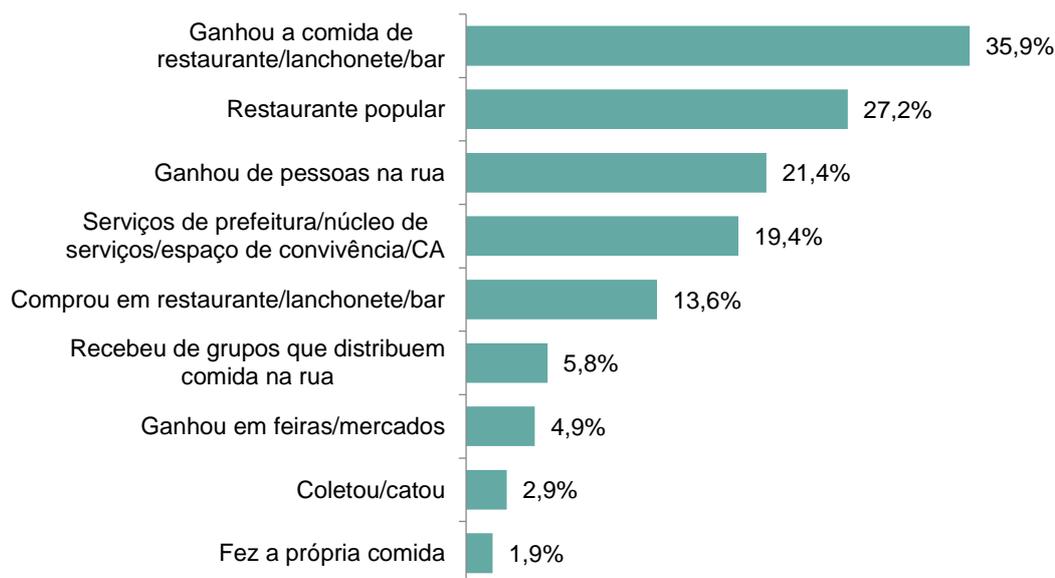


Gráfico 56 - Onde os entrevistados costumavam conseguir os alimentos que consumiam – Verão

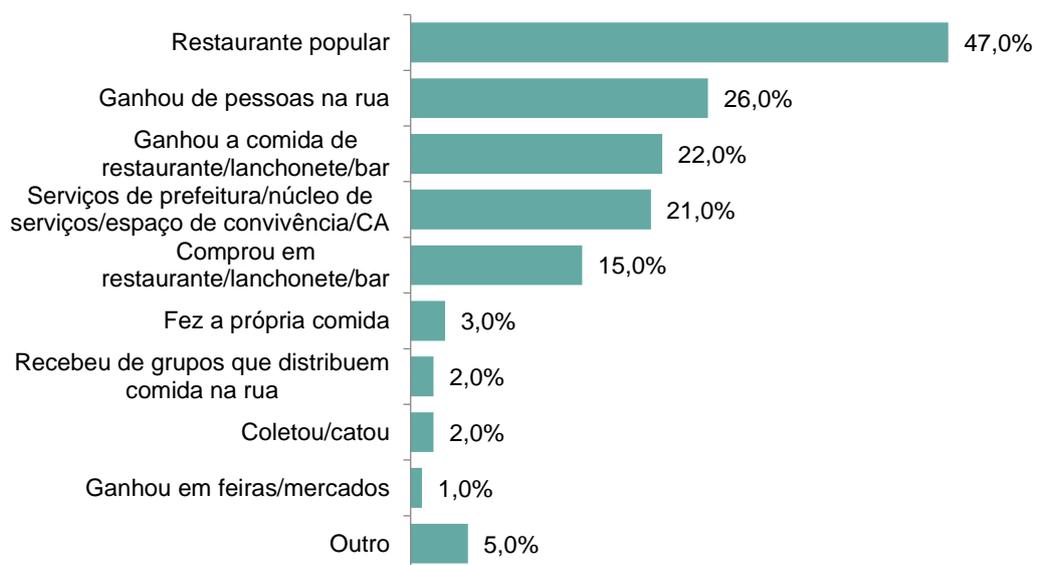


Gráfico 57 - Onde os entrevistados costumavam conseguir os alimentos que consumiam - Inverno

A água é outro insumo essencial. Os entrevistados foram questionados sobre onde conseguiam água para consumo geral, beber, tomar banho e lavar roupas. No verão, 40,8% dos entrevistados conseguiam água em estabelecimentos comerciais e postos de gasolina, 30,1% conseguiam em bicas ou minas de água, 23,3%, nos centros de acolhida e 19,4%, em igrejas. No inverno, 41% conseguiam água em estabelecimentos comerciais e postos de gasolina, 34% conseguiam nos centros de acolhida, 24%, nos serviços da prefeitura e 22%, em bicas ou minas de água.

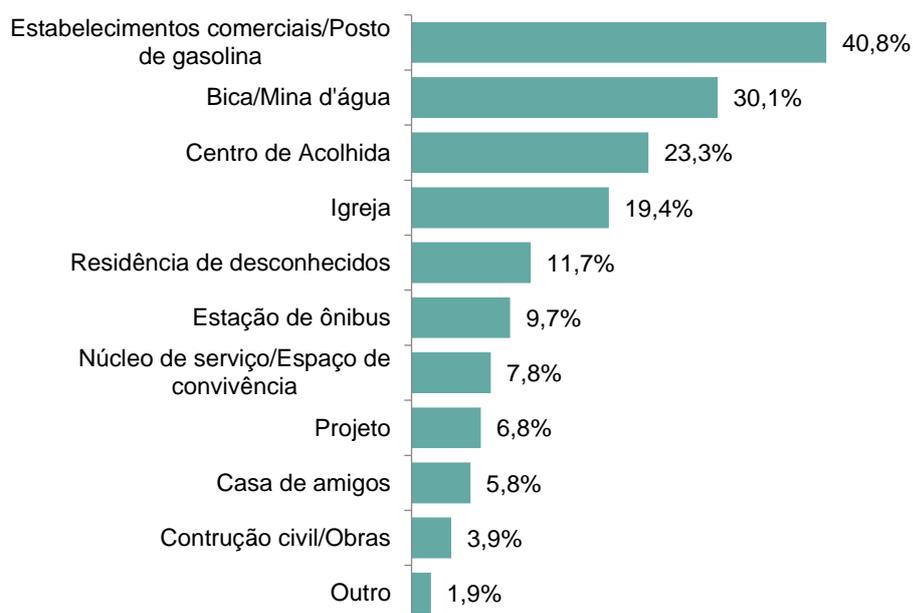


Gráfico 58 - Onde os entrevistados costumavam conseguir água para consumo geral: banho, lavar roupa e beber - Verão

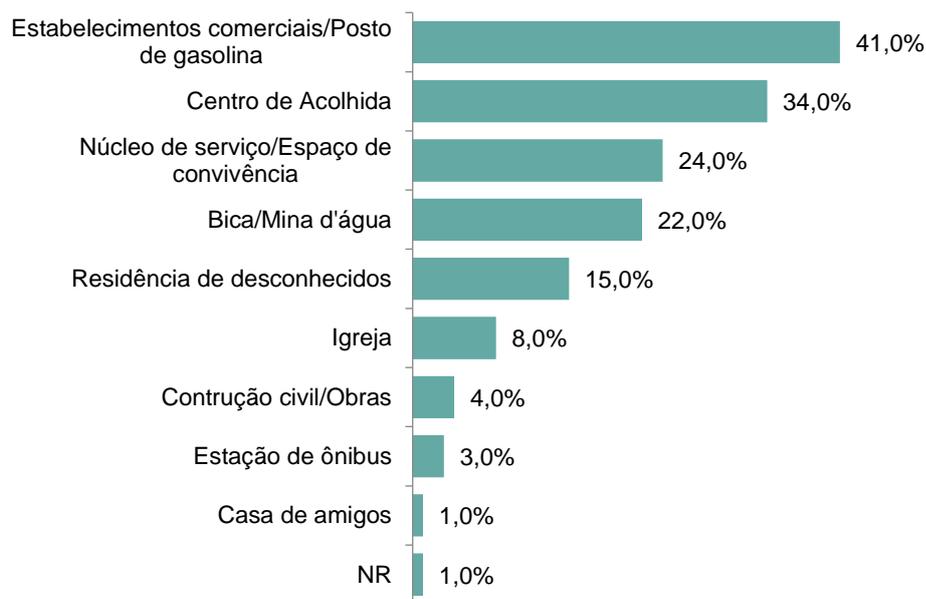


Gráfico 59 - Onde os entrevistados costumavam conseguir água para consumo geral: banho, lavar roupa e beber - Inverno

Os entrevistados foram questionados ainda sobre onde costumam tomar banho ou se higienizar. No verão, 36,9% declararam que costumavam tomar banho nas ruas com a água que pegavam, 30,1% tomavam banho em centros de acolhida e 20,4%, em estabelecimentos comerciais ou postos de gasolina. No inverno, 46% costumavam tomar banho nos centros de acolhida, 23% o faziam em outros serviços da prefeitura e 15%, nas ruas.

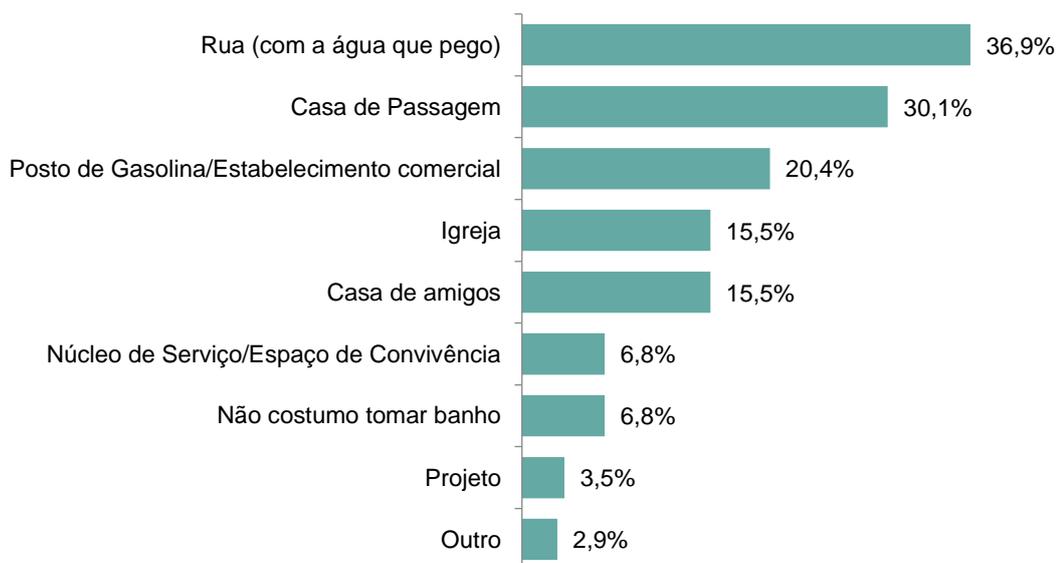


Gráfico 60 - Onde os entrevistados costumavam tomar banho ou se limpar - Verão

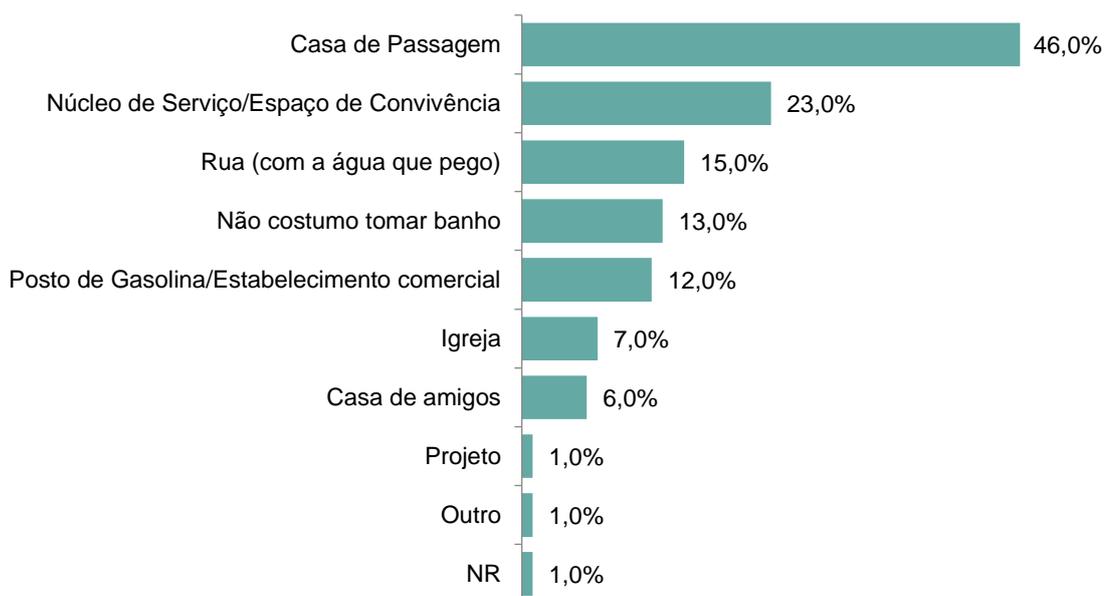


Gráfico 61 - Onde os entrevistados costumavam tomar banho ou se limpar - Inverno

Os entrevistados foram questionados também sobre onde costumavam ir para defecar. No verão, 58,3% faziam em estabelecimentos comerciais ou postos de gasolinas, 35,9% faziam em banheiros públicos, 24,3%, nos centros de acolhida e 14,6%, nas ruas. No inverno, 41% faziam em estabelecimentos comerciais ou postos de gasolina, 39% faziam em centros de acolhida, 23%, nas ruas e 18%, em banheiros públicos.

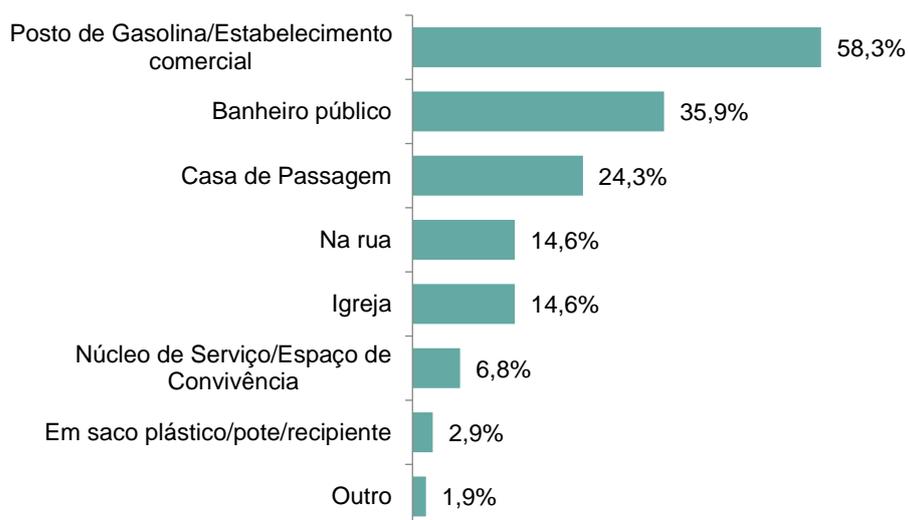


Gráfico 62 - Locais onde os entrevistados costumavam defecar - Verão

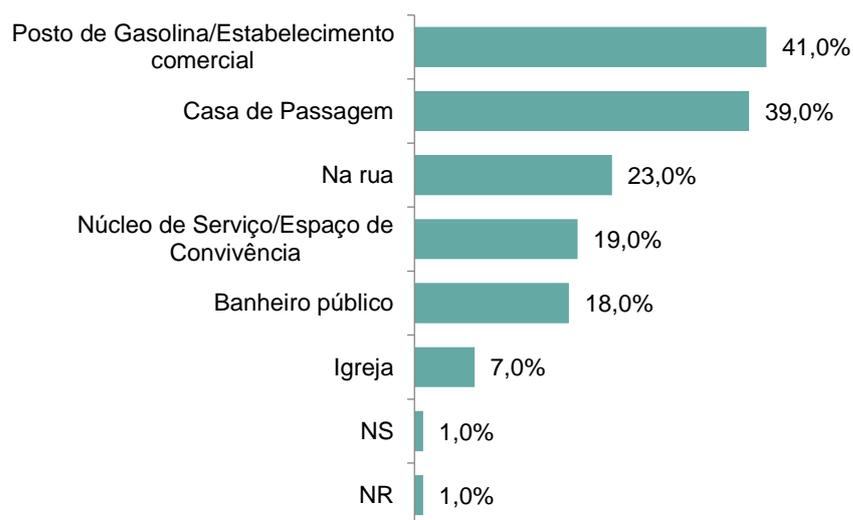


Gráfico 63 - Locais onde os entrevistados costumavam defecar - Inverno

A pesquisa buscou também conhecer como as pessoas em situação de rua faziam para satisfazer outras necessidades básicas, como vestir-se, calçar-se e ter acesso a absorventes íntimos. Para conseguir roupas limpas, no verão, 32% declararam que recebiam roupas de pessoas que fazem doações nas ruas, 20,4% lavavam suas próprias roupas em serviços da prefeitura e 19,4% recebiam de comércios ou amigos. No inverno, 29% lavavam em serviços da prefeitura, 24% recebiam de transeuntes, 19% recebiam de comércio ou amigos e 19% recebiam nos centros de acolhida.

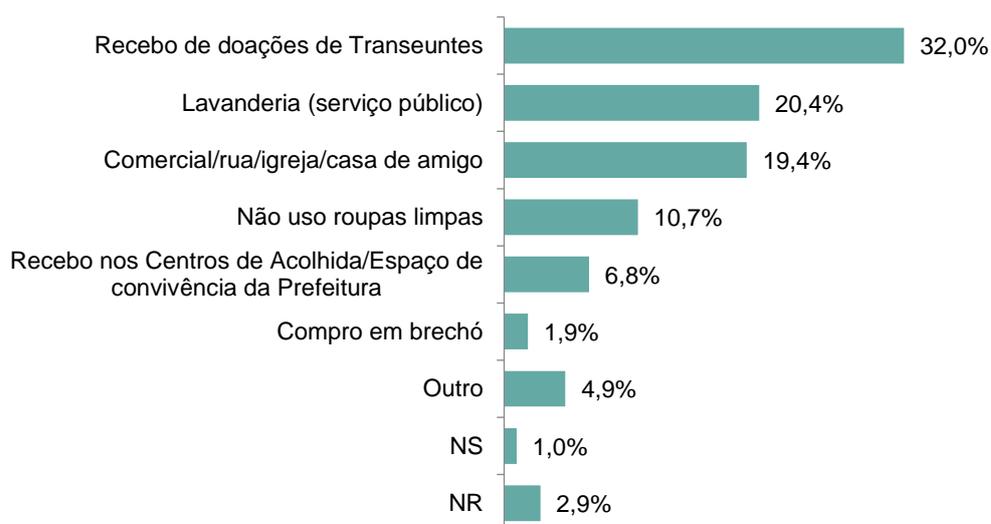


Gráfico 64 - Onde os entrevistados costumavam receber ou ter acesso a roupas limpas - Verão

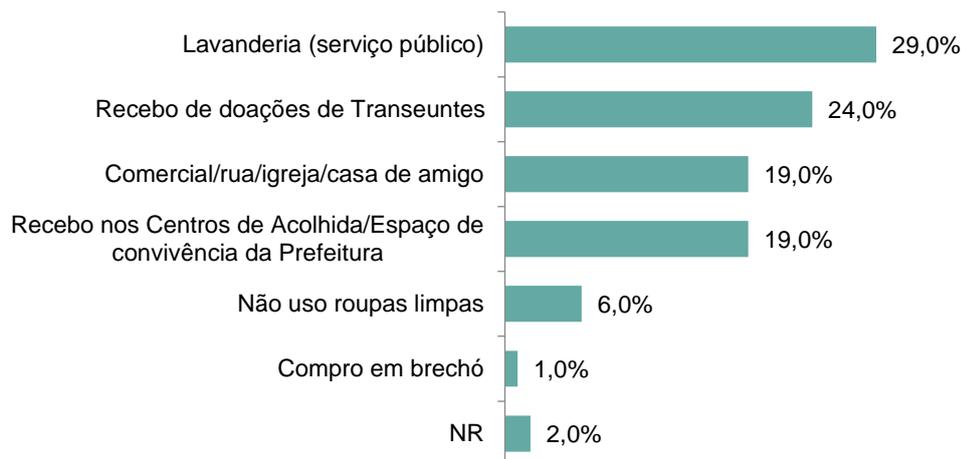


Gráfico 65 - Onde os entrevistados costumavam receber ou ter acesso a roupas limpas - Inverno

Já em relação aos calçados, no verão, 43,7% dos entrevistados recebiam calçados de transeuntes, 22,3% recebiam nos centros de acolhida e 21,4% compravam. No inverno, 41% recebiam de doações de transeuntes, 35% recebiam nos centros de acolhida e 12% compravam.

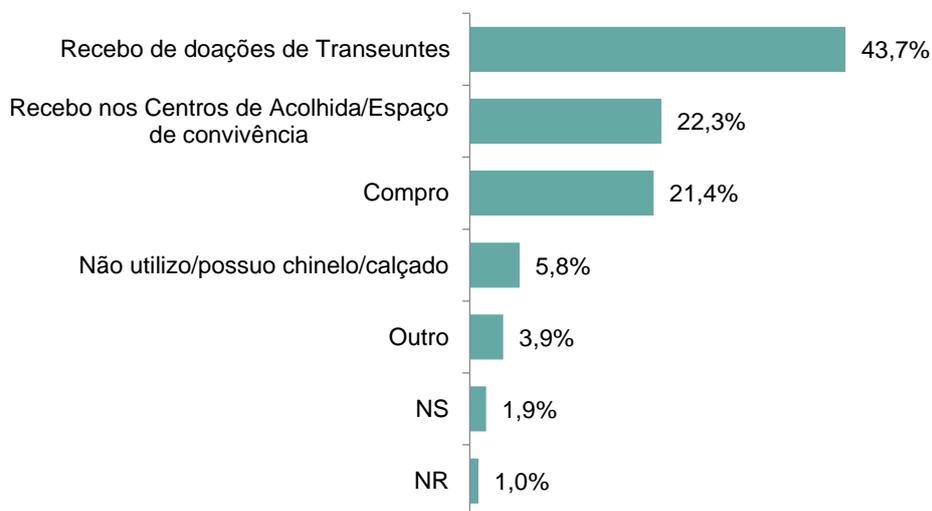


Gráfico 66 - Como os entrevistados conseguiam calçados - Verão

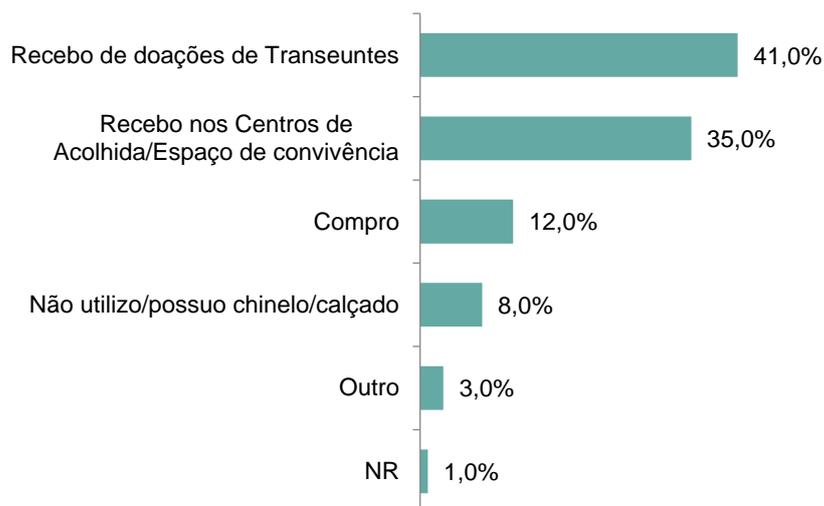


Gráfico 67 - Como os entrevistados conseguiam calçados - Inverno

No verão, das pessoas do sexo feminino entrevistadas, 80% menstruavam, e no inverno, 81,8%. Entre as pessoas entrevistadas que menstruavam, no verão, 66,7% sempre usavam absorventes, 25% utilizavam absorventes, mas também faziam uso de pedaços de pano ou papéis, e 8,3% não utilizavam nada. No inverno, 77,8% das entrevistadas que menstruavam sempre utilizavam absorventes, já 11,1% alternavam o uso de absorventes com pedaços de pano ou papéis.

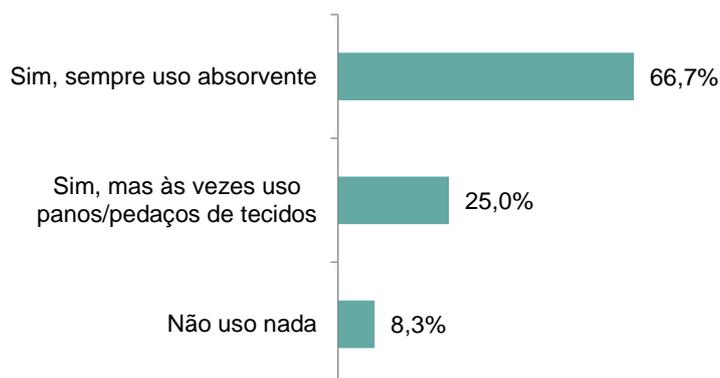


Gráfico 68 - Se as pessoas que menstruavam usavam absorventes - Verão

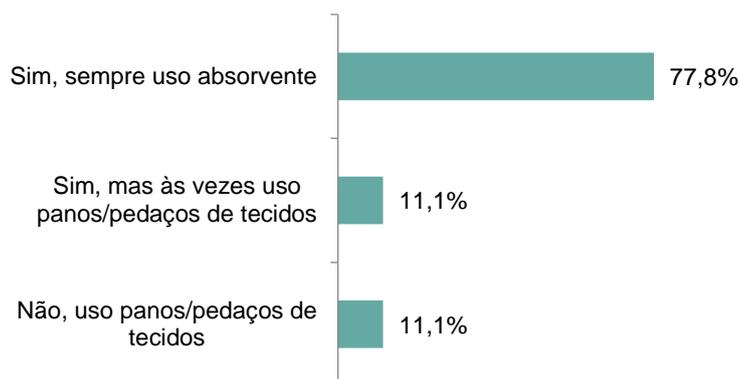


Gráfico 69 - Se as pessoas que menstruavam usavam absorventes – Inverno

Questionados ainda sobre o que costumavam fazer ou onde costumavam ir quando queriam se divertir, no verão, 28,2% dos entrevistados disseram que não se divertiam, 28,2% frequentavam parques públicos, 19,4% responderam que ficavam em rodas de amigos ou conhecidos nas ruas, 18,4% disseram que usavam drogas e 14,6% consumiam bebidas alcoólicas. No inverno, 27% disseram que não se divertiam, 24% frequentavam parques públicos, 20% consumiam bebidas alcoólicas e 16% ficavam em rodas de amigos.

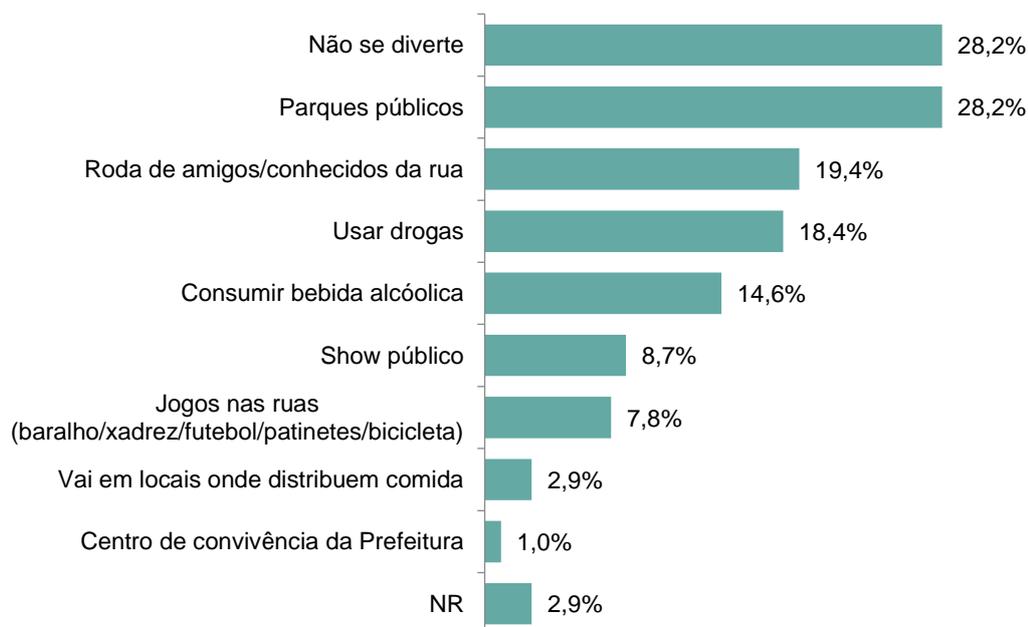


Gráfico 70 - O que os entrevistados faziam para se divertir - Verão



Gráfico 71 - O que os entrevistados faziam para se divertir – Inverno

### 3.8 Motivos para estar em situação de rua

A respeito dos motivos que levaram os entrevistados a estarem em situação de rua, na pesquisa realizada no verão, 52,4% dos entrevistados indicaram que estavam em situação de rua por causa de conflitos familiares, 19,4% por terem perdido o trabalho, 15,5% por causa de dependência de álcool, 15,5% por dependência de drogas e 13,6% por terem perdido a moradia. No inverno, 66% indicaram os conflitos familiares como principal motivo, 25%, a dependência de álcool, 15%, a perda do trabalho, 14%, a dependência de drogas ilícitas e 12%, a perda de moradia. Na pesquisa realizada no verão, os dois principais motivos que levaram à situação de rua foram os conflitos familiares e a perda de trabalho, já no inverno, os dois principais motivos foram os conflitos familiares e a dependência de álcool.

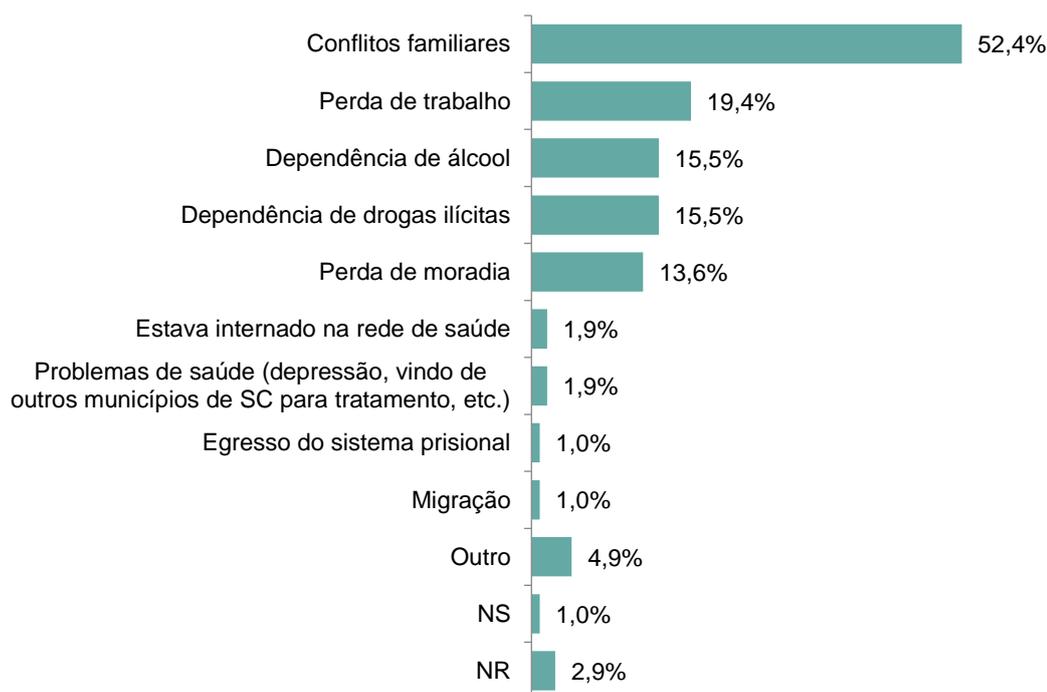


Gráfico 72 - Motivos que levaram à situação de rua - Verão



Gráfico 73 - Motivos que levaram à situação de rua - Inverno

Os entrevistados foram questionados também em relação ao tempo que deixaram de ter uma casa para morar. No verão, 28,2% dos entrevistados informaram que estavam em situação de rua há menos de 1 ano, 21,4% há mais de 10 anos, 18,4% entre 1 e 2 anos, e 14,6%, entre 5 e 10 anos. Na pesquisa realizada no inverno, 19% estavam em situação de rua há menos de 1 ano, 11% entre 1 e 2 anos, 21% há mais de 10 anos e 10%, entre 5 e 10 anos.

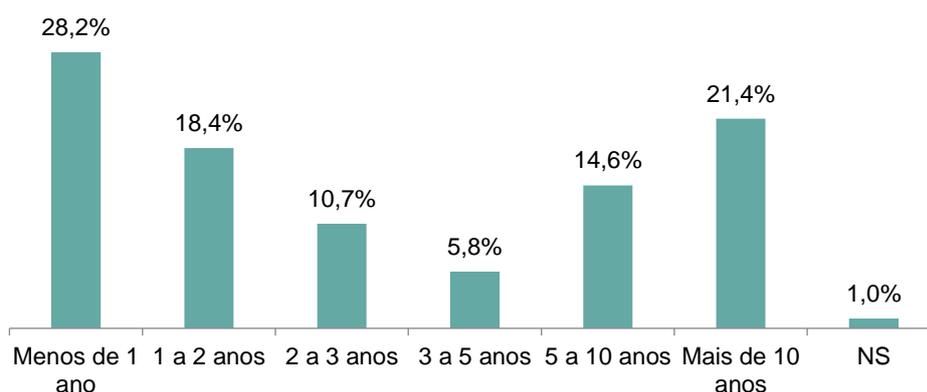


Gráfico 74 - Tempo em que os entrevistados deixaram de ter uma moradia convencional – Verão

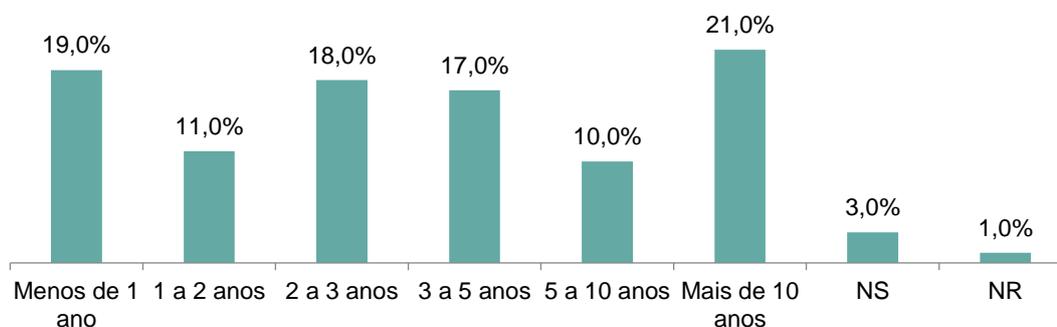


Gráfico 75 - Tempo em que os entrevistados deixaram de ter uma moradia convencional – Inverno

A pesquisa revelou informações importantes sobre a última residência dos entrevistados antes de perderem a condição de ter uma moradia própria convencional. Durante o verão, 55,3% dos entrevistados informaram que a casa em que viviam ficava na cidade de Joinville. Além disso, 55% informaram que foram direto para as ruas após perderem a condição de ter uma moradia. 42,7% foram para outros lugares quando perderam a condição de ter uma moradia. Entre esses, 7% foram para casa de amigos, 4,7% para casa de parentes, 3,5% para pensões ou hotéis e 2,3%, para sistema prisional. Na pesquisa realizada no inverno, 48% indicaram que a última casa em que viveram antes de perder a condição de ter uma moradia convencional ficava na cidade de Joinville, 48% foram direto para as ruas quando perderam a condição de ter uma moradia convencional. 51% foram para outros lugares. Entre esses, 14,9% informaram ter ido para casa de amigos quando perderam a condição de ter um lar, 5,4% foram para casa de familiares, 2,7% para pensões ou hotéis e 2,7% ficaram

morando nos locais de trabalho. Esses dados são essenciais para entender a dinâmica e os desafios enfrentados pelas pessoas em situação de rua, bem como as redes de apoio que podem ou não estar disponíveis para elas.

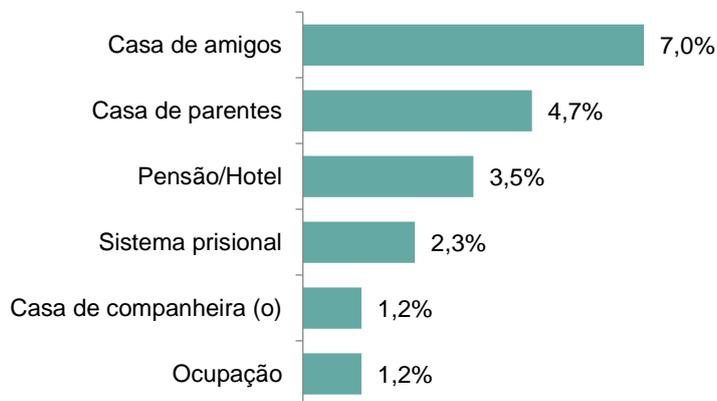


Gráfico 76 - Locais para onde os entrevistados foram quando perderam a condição de ter uma moradia própria convencional - Verão

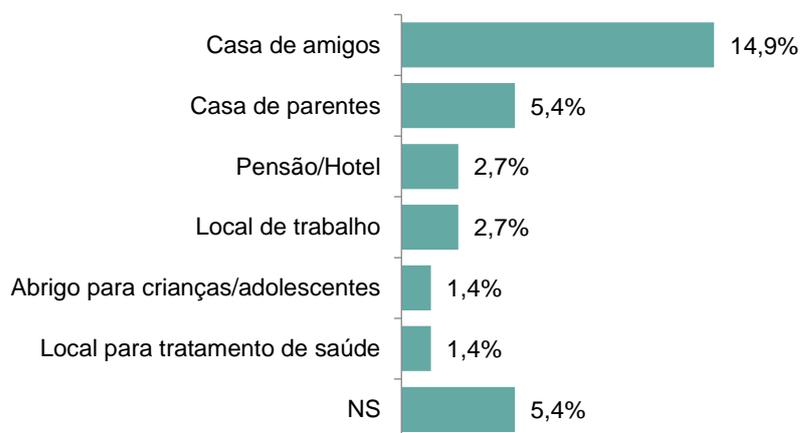


Gráfico 77 - Locais para onde os entrevistados foram quando perderam a condição de ter uma moradia própria convencional - Inverno

Questionados também em relação ao tempo de vivência nas ruas, no verão, 35,3% indicaram que foi entre 1 e 5 anos, e 35,3% disseram que teria sido há menos de 6 meses. 17,6% estavam em situação de rua há mais de 10 anos. Durante a pesquisa realizada no inverno, 40% indicaram que havia sido há menos de 6 meses, 20% entre 5 e 10 anos, e 24% entre 1 a 5 anos.

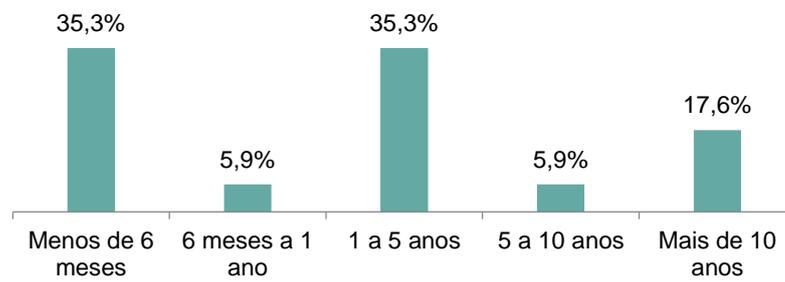


Gráfico 78 - Tempo em que os entrevistados passaram a viver nas ruas ou nos centros de acolhida – Verão

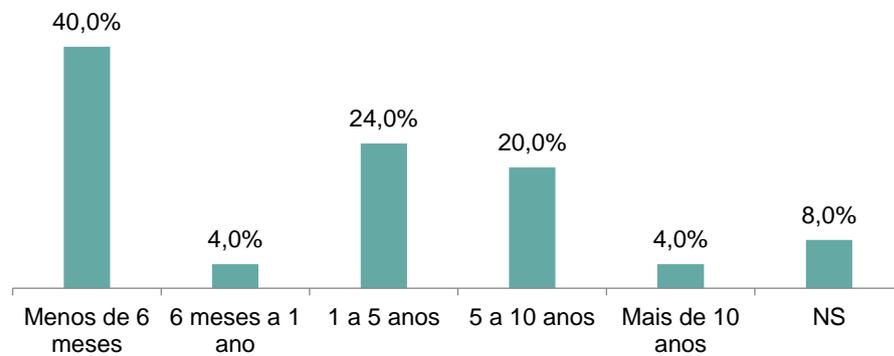


Gráfico 79 - Tempo em que os entrevistados passaram a viver nas ruas ou nos centros de acolhida - Inverno

### 3.9 Vínculos familiares

A pesquisa, buscou entender ainda, o contexto familiar das pessoas em situação de rua antes e depois de estarem nessa condição, além da manutenção de contato com parentes após a situação de rua, como um indicativo de algum tipo de vínculo familiar. Na pesquisa realizada no verão, antes de estarem em situação de rua, 37,9% dos entrevistados viviam com companheiro(a), marido ou mulher, 24,3% viviam sozinhos, 17,5% viviam com mãe ou madrasta e 15,5% viviam com filhos. Já na coleta de dados realizada no inverno, 44% moravam com companheiro(a), marido ou mulher, 25% moravam com os filhos, 24%, sozinhos e 17%, com mãe ou madrasta.

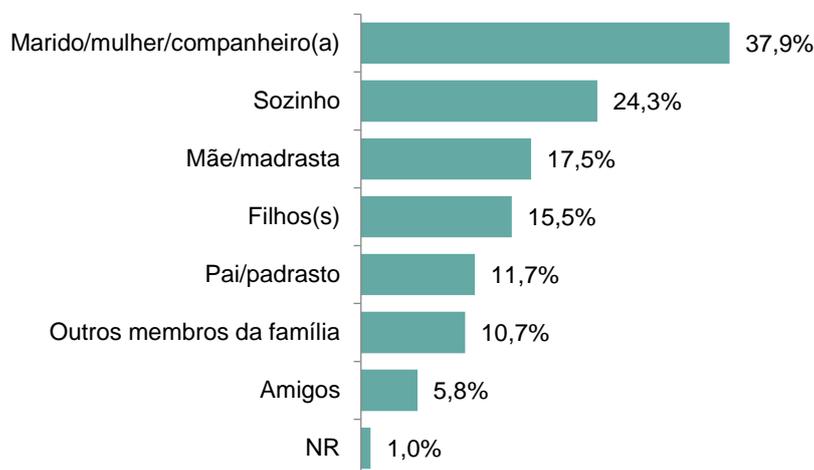


Gráfico 80 - Com quem os entrevistados viviam antes da situação de rua - Verão

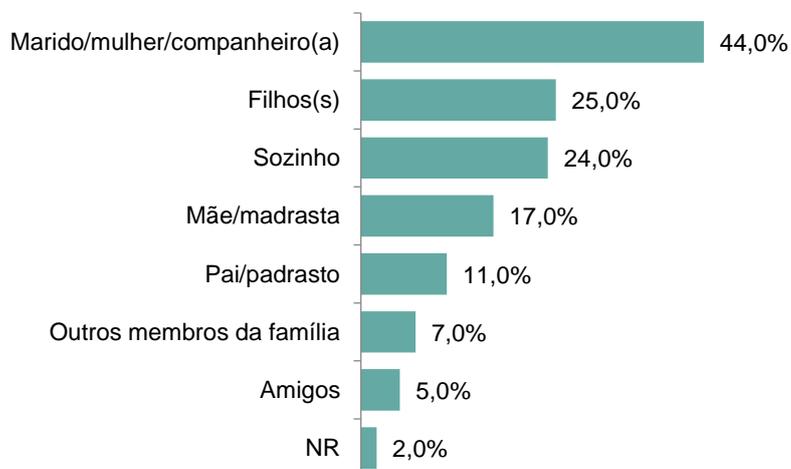


Gráfico 81 - Com quem os entrevistados viviam antes da situação de rua - Inverno

Após estarem em situação de rua, a maioria dos entrevistados declara viver sozinha. No verão, 75,7% dos entrevistados viviam sozinhos, já no inverno, 82%. Uma minoria das pessoas entrevistadas vivia com companheiro(a), marido ou mulher, correspondendo a 15,5% no verão e 11,8% no inverno. Esses dados refletem as condições de isolamento e as dificuldades de manter relações estáveis enquanto se está em situação de rua, além de mostrar as variações sazonais nas dinâmicas de convivência dessas pessoas.

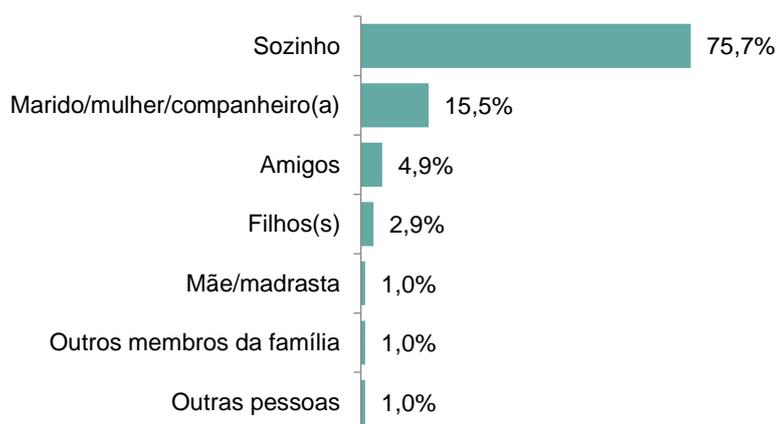


Gráfico 82 - - Com quem os entrevistados viviam após estarem em situação de rua – Verão

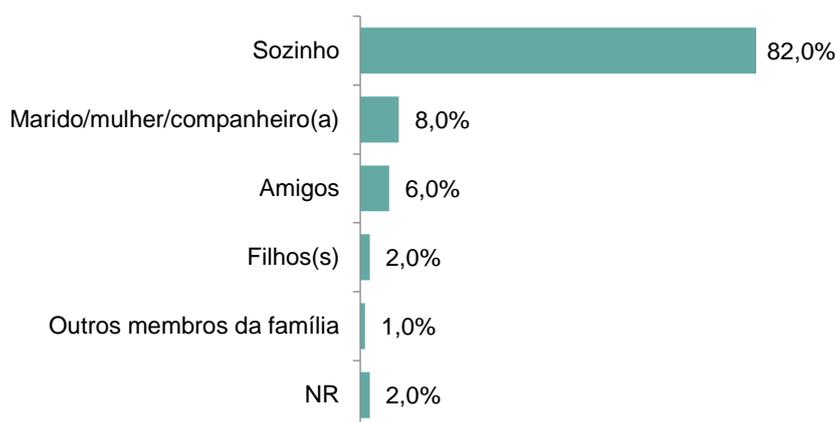


Gráfico 83 - Com quem os entrevistados viviam após estarem em situação de rua - Inverno

A respeito da manutenção de contato com familiares, a pesquisa revelou que, entre os entrevistados em situação de rua, 43,7%, no verão, não tinham mais contato com a família. No inverno, 43% não tinham mais contato com a família na ocasião da entrevista. Uma parcela importante, 32% no verão e 27% no inverno, mantinha contato

com a família com frequência semanal. Esses dados indicam que muitas pessoas em situação de rua enfrentam um distanciamento de seus familiares, o que pode impactar seu bem-estar emocional e social. Por outro lado, a manutenção de contato regular com a família por alguns pode representar um importante suporte emocional e, potencialmente, uma via para superar a situação de rua. O conhecimento sobre as interações familiares pode subsidiar a organização dos planos individuais de acompanhamento das pessoas nessas condições.

---

### 3.10 Acolhimento em Instituições

A passagem por instituições pode, de fato, marcar a trajetória das pessoas em situação de rua. A pesquisa buscou conhecer a experiência das pessoas em situação de rua na cidade sob essa dimensão. Durante o verão, 47,6% dos entrevistados afirmaram já ter passado por alguma instituição antes da situação de rua, e no inverno foram 42%. Dentre os que passaram por alguma instituição entre as listadas, no verão, 29,1% haviam passado por instituições do sistema prisional, 18,4% passaram por instituições para tratamento de dependência química e 3,9% por hospitais psiquiátricos ou clínicas. No inverno, 26% haviam passado por hospitais psiquiátricos, 20% passaram por instituições do sistema prisional, 5% por hospitais psiquiátricos, 3% por instituições do sistema socioeducativo e 3% por serviços de acolhimento institucional para crianças ou adolescentes.

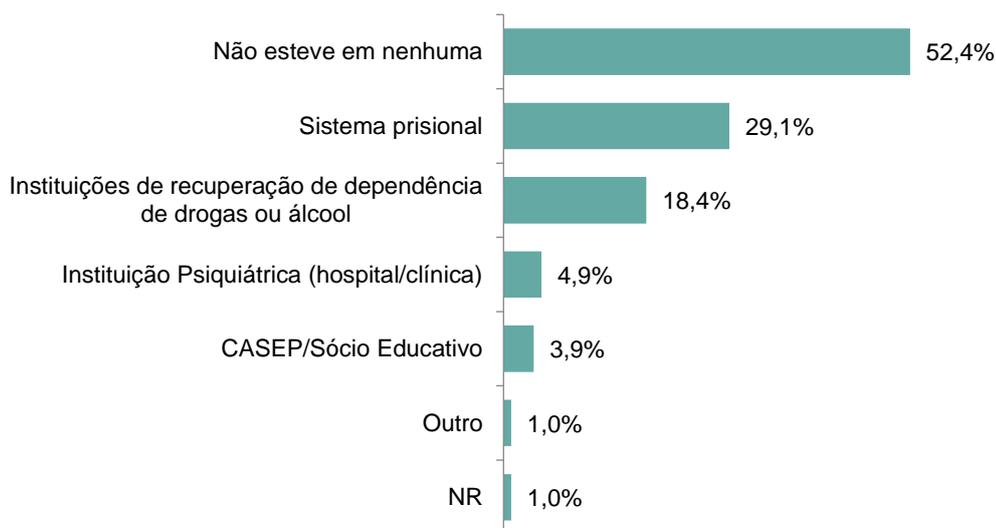


Gráfico 84 - Passagem por instituições ao longo da vida - Verão

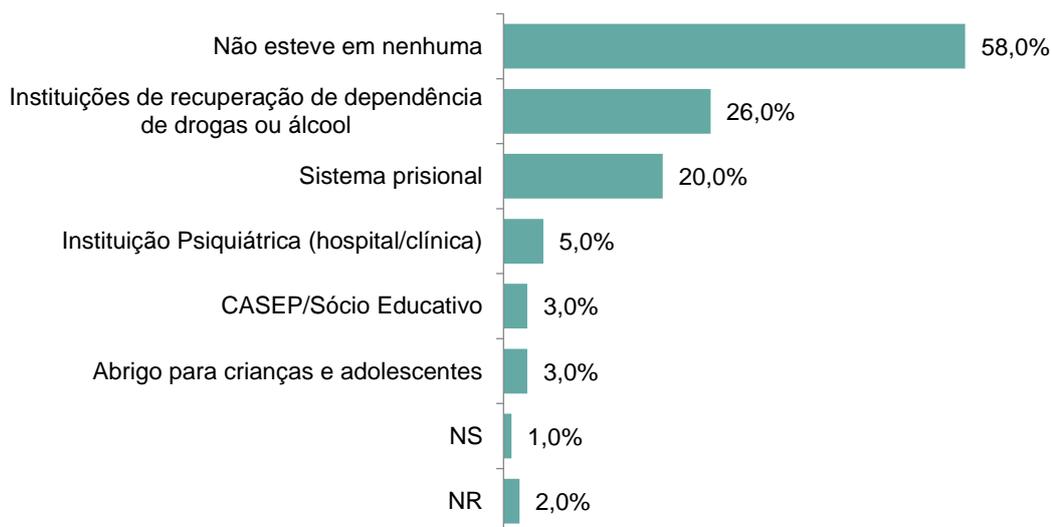


Gráfico 85 - Passagem por instituições ao longo da vida - Inverno

No verão, o percentual daqueles que haviam passado pelo sistema prisional foi maior, enquanto no inverno se destacou o número daqueles que haviam passado por instituições para tratamento de dependência química. Esses dados são importantes para entender as complexidades e os desafios enfrentados por essa população, bem como, para planejar intervenções e políticas públicas que possam atender às suas necessidades específicas.

Um aprofundamento a respeito das instituições foi a busca de informações sobre passagem pelo sistema socioeducativo ou prisional. No verão, 34% dos entrevistados disseram que já haviam passado pelo sistema prisional e 5,8%, pelo sistema socioeducativo. No inverno, eram 19% os que já haviam passado pelo sistema prisional e 7% os que já haviam passado pelo sistema socioeducativo.

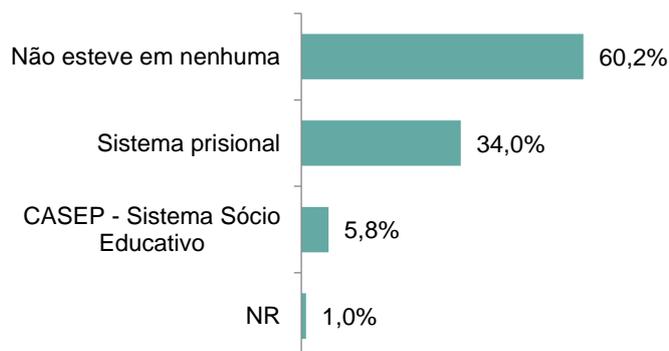


Gráfico 86 - Passagem pelo sistema socioeducativo ou prisional - Verão

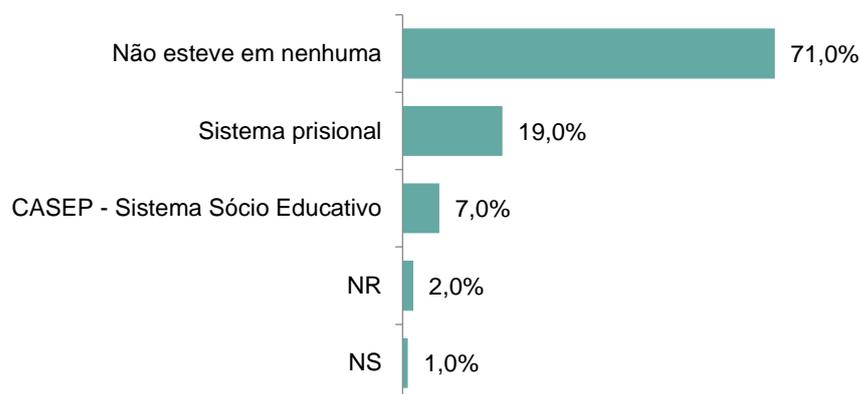


Gráfico 87 - Passagem pelo sistema socioeducativo ou prisional - Inverno

Entre os que já haviam passado pelo sistema socioeducativo, no verão, 33,3% haviam passado pelos centros de atendimento socioeducativo e 16,7%, pelos centros de atendimento provisório. No inverno, 57,1% haviam passado pela casa de semiliberdade, 28,6% tinham passado pelos centros de atendimento socioeducativo e 14,3%, pelos centros de atendimento socioeducativo provisório.

Já entre os que haviam passado pelo sistema prisional, no verão, 51,4% haviam passado por penitenciária, 25,7% tinham passado por cadeia pública e 14,3% por delegacia. No inverno, 68,4% haviam passado por penitenciária, 15,8% por delegacia e 10,5%, por cadeia pública.

Quando deixaram as instituições do sistema socioeducativo, no verão, 66,7% daqueles que estiveram nessas instituições foram para casa de seus familiares e 33,3% foram direto para as ruas. No inverno, 57,1% foram para casa de seus familiares e 28,6% foram direto para as ruas.

Já em relação àqueles que tiveram passagem por alguma instituição do sistema prisional, no verão, 51,4% foram para casa de seus familiares quando deixaram essas instituições e 37,1% foram direto para as ruas. No inverno, 57,9% foram direto para as ruas e 26,3% foram para casa de seus familiares.

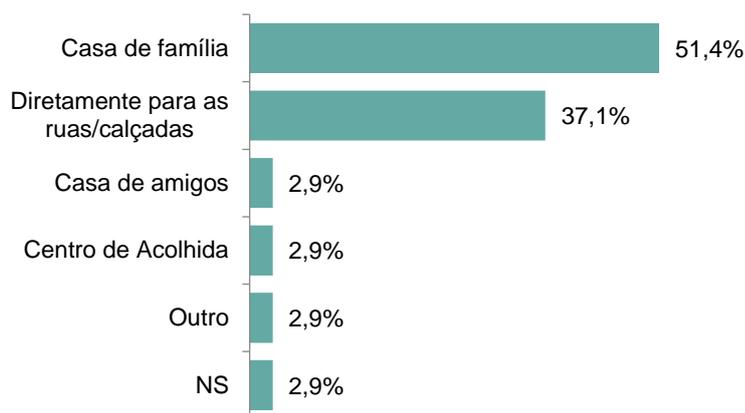


Gráfico 88 - Para onde os entrevistados foram quando deixaram o sistema prisional - Verão

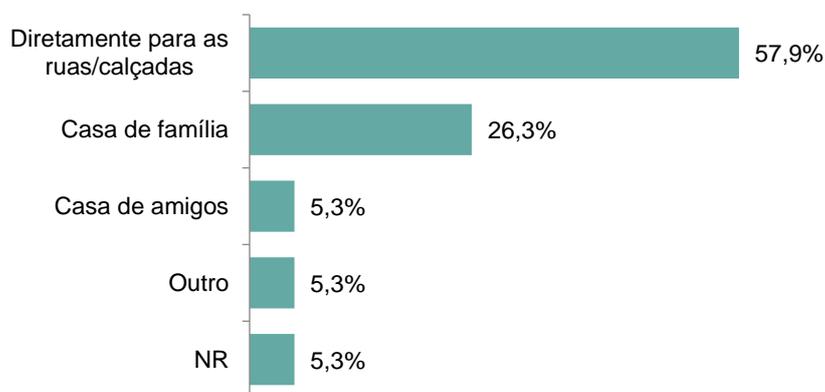


Gráfico 89 - Para onde os entrevistados foram quando deixaram o sistema prisional – Inverno

Certamente, explorar as razões pelas quais um maior número de pessoas acaba por ir para as ruas no inverno, apesar das condições climáticas adversas, pode fornecer insights valiosos. Essas informações podem ser úteis para os formuladores de políticas e prestadores de serviços que buscam maneiras de melhorar o apoio às pessoas em situação de rua, especialmente durante os meses de inverno.

### 3.11 Local de permanência nas ruas

Em relação à mobilidade das pessoas em situação de rua na cidade, os entrevistados foram questionados sobre o local em que permaneciam. No verão, 54,4% dos entrevistados disseram que estavam na mesma região desde que se encontravam em situação de rua na cidade, 29,1% já haviam permanecido em regiões diferentes e 16,5% mudavam de região com frequência. No inverno, 58% disseram que estavam na mesma região desde que se encontravam em situação de rua na cidade, 21% já haviam permanecido em regiões diferentes e 17% ficavam mudando de lugar com frequência.

Os principais motivos que levavam as pessoas em situação de rua a permanecerem no mesmo lugar, no verão, eram receber ajuda de muitas pessoas (46,4%), sentir mais liberdade (35,7%), ter oferta de serviços (21,4%) e encontrar facilidade para conseguir trabalho ou dinheiro (16,1%). No inverno, os motivos eram receber ajuda (39,7%), sentir mais liberdade (24,1%), facilidade para se conseguir dinheiro ou trabalho (19%) e a disponibilidade de serviço para as pessoas em situação de rua (13,8%).



Gráfico 90 - Motivos para permanecerem no mesmo lugar - Verão

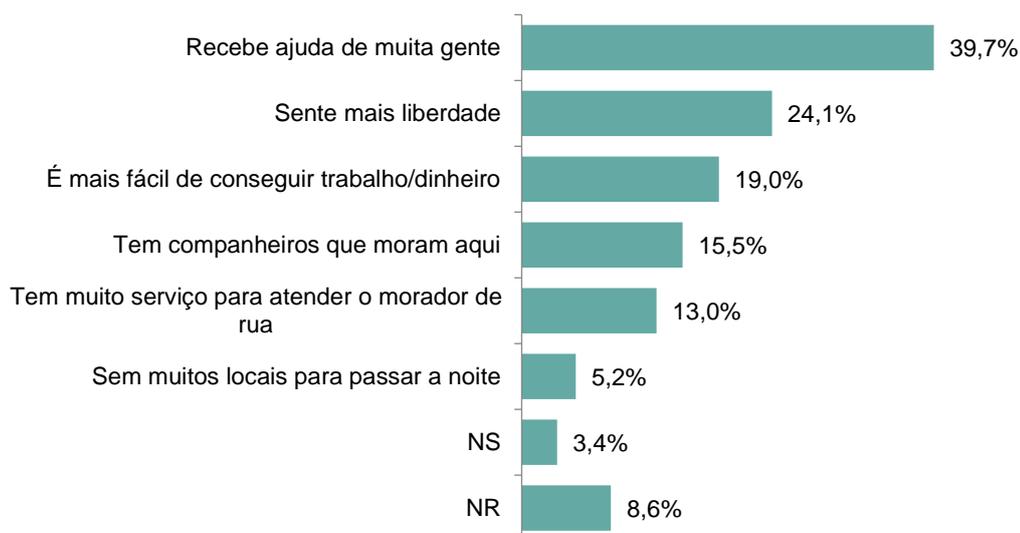


Gráfico 91 - Motivos para permanecerem no mesmo lugar – Inverno

Por outro lado, os principais motivos que levavam as pessoas em situação de rua a mudarem de lugar incluíam, no verão, a procura por trabalho (48,9%) e a falta de segurança e ameaças de morte (19,1%). No inverno, os motivos eram a procura por trabalho (52,4%) e brigas com outras pessoas em situação de rua (21,4%).

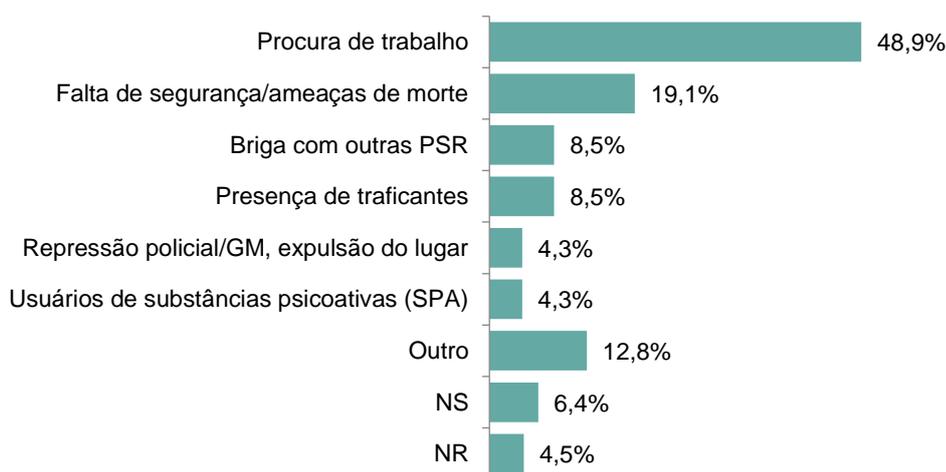


Gráfico 92 - Motivos que levam as pessoas em situação de rua a ficarem mudando de lugar - Verão

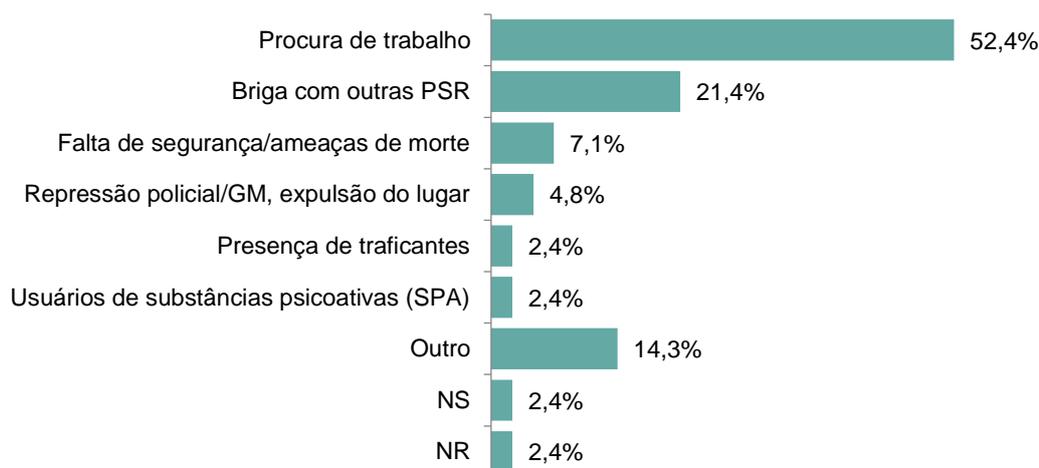


Gráfico 93 - Motivos que levam as pessoas em situação de rua a ficarem mudando de lugar – Inverno

Finalmente, os entrevistados responderam a uma questão sobre o que os ajudaria a deixar a situação de rua. No verão, 32% disseram que seria ter uma moradia permanente, 26,2% falaram que era ter emprego fixo, 14,8%, superar a dependência de álcool ou outras drogas, 5,8%, retornar à casa de familiares e 2,9%, era receber algum benefício de transferência de renda. No inverno, 35% indicaram que seria ter uma moradia permanente, 24% disseram que seria ter emprego fixo, 14%, retornar para a família, 11%, superar a dependência de álcool e drogas, e 11%, receber benefício de transferência de renda.

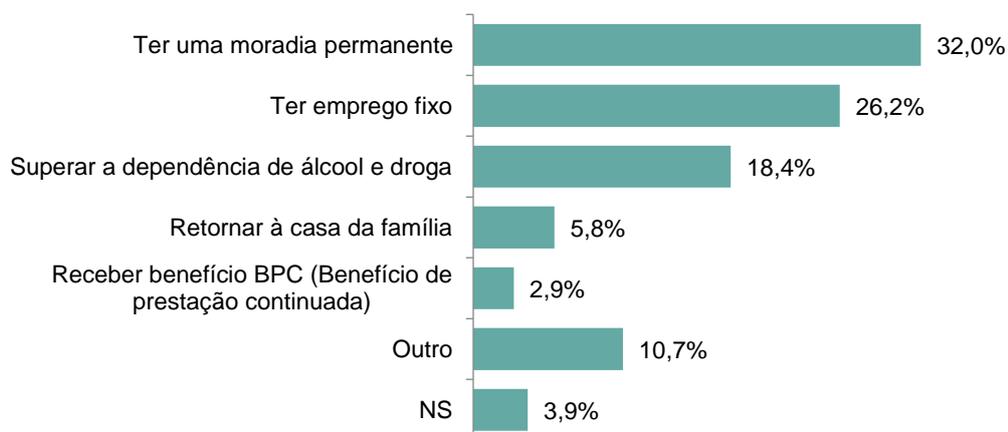


Gráfico 94 - O que mais ajudaria os entrevistados a superarem a situação de rua - Verão

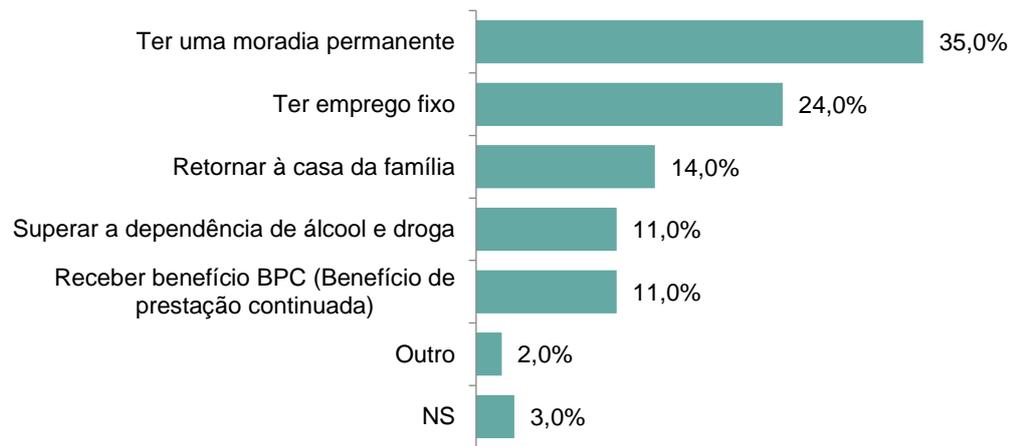


Gráfico 95 - O que mais ajudaria os entrevistados a superarem a situação de rua - Inverno

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa intitulada “Diagnóstico da População em Situação de Rua de Joinville” apresentou uma metodologia inovadora ao realizar duas contagens censitárias e duas pesquisas de perfil em períodos distintos: uma durante a estação mais quente, entre o final da primavera e o início do verão, e outra durante o inverno. Esta abordagem permite uma comparação entre as condições da população em situação de rua em diferentes estações do ano. A seguir, será apresentada uma síntese dos principais resultados encontrados na pesquisa.

A análise dos dados coletados nas pesquisas de verão e inverno revela informações valiosas sobre a população em situação de rua em Joinville. A quantidade de pessoas não apresentou grande variação entre as estações, indicando uma estabilidade numérica da população em situação de rua. No entanto, a distribuição dessas pessoas entre as ruas e os serviços de acolhimento institucional variou significativamente.

No verão, foram contabilizadas 436 pessoas em situação de rua, com 78,45% delas encontradas nas ruas e 21,6%, em serviços de acolhimento. Durante o inverno, o número foi ligeiramente menor, com 428 pessoas, mas a proporção nas ruas caiu para 60,3%, enquanto nos serviços de acolhimento aumentou para 39,7%. Isso representa um aumento de 183,80% no percentual de pessoas em serviços de acolhimento no inverno, em comparação com o verão.

Essa variação é provavelmente influenciada pelas condições climáticas adversas do inverno, que levam mais pessoas a buscar refúgio nos serviços de acolhimento. Esses dados sugerem a necessidade de políticas públicas que garantam a disponibilidade e o acesso a esses serviços, especialmente durante os meses mais frios, para proteger a população em situação de rua das condições climáticas extremas.

Além disso, é importante considerar estratégias de longo prazo que abordem as causas fundamentais da situação de rua, como a falta de moradia acessível e oportunidades de emprego, bem como o fornecimento de serviços de saúde mental e apoio social.

---

A contagem censitária incluiu uma análise demográfica detalhada da população em situação de rua em Joinville, com foco no critério raça/cor. Os resultados mostram que 42% das pessoas se identificaram como brancas, 40,8% como pardas e 14,5% como pretas. A soma dos indivíduos que se declararam pretos e pardos foi de 55,3%, um valor que é inferior ao registrado em outras cidades.

Esses dados são fundamentais para entender a composição racial da população em situação de rua e podem indicar a necessidade de políticas públicas que considerem as especificidades raciais e culturais. A comparação com outras cidades pode revelar diferenças regionais significativas que merecem atenção e estudo mais aprofundado.

A divisão sexual e de identidade de gênero da população em situação de rua em Joinville revela uma predominância masculina e heterossexual. Em média, 87,7% das pessoas eram do sexo masculino e 11,7%, do sexo feminino. Quanto à orientação sexual e identidade de gênero, 96,1% se identificaram como heterossexuais e 3,4%, como homossexuais. Além disso, 86,2% dos entrevistados se identificaram como homens cis, 12,3% como mulheres cis, 1% como travestis e 0,5% como mulheres trans.

Esses dados são essenciais para compreender a diversidade dentro da população em situação de rua, e ressaltam a necessidade de políticas públicas que sejam inclusivas e atentas às questões de gênero e sexualidade. É importante que as intervenções e serviços oferecidos levem em consideração essas identidades para garantir que todos as pessoas da população em situação de rua recebam o apoio adequado.

A composição etária da população em situação de rua em Joinville indica uma predominância de indivíduos jovens e de meia-idade. A faixa etária mais representativa é a de 31 a 49 anos, que abrange 41,6% dos entrevistados no censo. Os indivíduos entre 18 e 30 anos representam 18,9%, enquanto aqueles entre 50 e 59 anos constituem 16,4%. A soma dos entrevistados com menos de 50 anos corresponde a 61,1% da população em situação de rua na cidade.

Esses dados sugerem que a maior parte da população em situação de rua é composta por pessoas em idade produtiva, o que pode ter implicações significativas

---

para o desenvolvimento de políticas públicas. A concentração de indivíduos em faixas etárias mais jovens ressalta a necessidade de programas que ofereçam oportunidades de educação e emprego, além de suporte para superar os desafios que levam à situação de rua.

A origem das pessoas em situação de rua é um aspecto crucial para compreender a dinâmica dessa população em Joinville. A pesquisa censitária revelou que a grande maioria, 96,18%, é formada de brasileiros. Dentre os brasileiros, 48% são naturais do estado de Santa Catarina, e apenas 28,2% são de Joinville. O Paraná se destaca como o principal estado de origem para aqueles que não são naturais de Santa Catarina, representando 22,5% das pessoas em situação de rua na cidade.

Quanto à permanência em Joinville, 16,87% dos não-naturais da cidade estão em situação de rua há mais de 5 anos, 11,65% entre 1 e 3 anos, e 10,8% entre 1 semana e 1 mês. Os motivos para migrarem para Joinville são variados, com 51,4% buscando trabalho, 22,9% acompanhando familiares e 5,7% apenas de passagem pela cidade. Interessantemente, mais da metade dos não-naturais de Joinville, 54,6%, expressaram o desejo de permanecer na cidade.

Esses dados são fundamentais para o planejamento de políticas públicas que atendam às necessidades específicas dessa população. A busca por trabalho é o principal motivo para a migração, o que indica a necessidade de estratégias de empregabilidade e desenvolvimento econômico. Além disso, a intenção de muitos em permanecer na cidade sugere a importância de políticas de longo prazo para integração social e urbana.

A pesquisa amostral proporcionou uma visão mais detalhada sobre a vida das pessoas em situação de rua em Joinville, abordando temas importantes relacionados ao exercício de cidadania. Os dados coletados revelam que 28,6% das pessoas em situação de rua não possuem documentos pessoais, o que pode representar uma barreira significativa para o acesso a serviços básicos e direitos civis. Além disso, 77,8% relataram ter perdido documentos em algum momento da vida, o que pode agravar ainda mais essa situação de vulnerabilidade.

Por outro lado, é notável que uma grande maioria, 80,8%, afirmou ter votado nas últimas eleições. Esse dado sugere um nível de engajamento cívico que pode ser

---

surpreendente, considerando os desafios enfrentados por essa população. A participação eleitoral indica que, apesar das adversidades, muitas dessas pessoas ainda buscam exercer seus direitos políticos e ter uma voz ativa na sociedade.

Essas informações são cruciais para a formulação de políticas públicas inclusivas que facilitem o acesso a documentos e promovam a integração social e política das pessoas em situação de rua. A pesquisa destaca a importância de abordagens que não apenas reconheçam as dificuldades enfrentadas por essa população, mas também valorizem sua participação e contribuição para a comunidade.

A exclusão social e a discriminação enfrentadas pela população em situação de rua em Joinville são evidenciadas pelos dados da pesquisa amostral. Uma grande maioria, 83,7%, relatou não participar de nenhuma atividade social, o que destaca o isolamento e a marginalização dessa comunidade. Além disso, 25,7% dos entrevistados disseram ter sido impedidos de entrar em locais públicos devido à sua condição, com restaurantes, bares, lanchonetes, shoppings e bancos sendo os locais mais citados.

As experiências de violência e humilhação são alarmantes, com 40,4% dos entrevistados tendo sofrido xingamentos ou humilhações e 27,6% tendo sido vítimas de violência física grave. Furtos e roubos foram relatados por 18,2% e 8,9% foram forçados a deixar seus locais de permanência. Entre as mulheres, 26,9% declararam ter sofrido abuso sexual.

Quando se trata dos perpetradores dessas violências, as polícias foram indicadas por 46% dos entrevistados, seguidas por outras pessoas em situação de rua (39,5%), transeuntes (38,7%), a guarda municipal (11,3%), comerciantes (8,9%), e seguranças privados e traficantes (ambos 4%).

Esses dados são cruciais para a compreensão das adversidades enfrentadas pela população em situação de rua e ressaltam a urgência de políticas públicas que promovam a inclusão social, a proteção contra violências e a garantia de direitos fundamentais.

---

A saúde da população em situação de rua é um tema de grande relevância e complexidade. A pesquisa investigou aspectos como doenças prevalentes, acesso a serviços de saúde, deficiências, uso de preservativos e consumo de drogas. Entre as condições de saúde mais relatadas, a hipertensão arterial foi mencionada por 8,9% dos entrevistados, seguida por depressão ou doenças neurológicas (8,4%), doenças respiratórias (7,9%), sequelas de acidentes (6,9%), diabetes (5,4%) e problemas de saúde bucal (4,4%).

Quanto ao acesso aos serviços de saúde, 46,8% dos entrevistados procuram resolver seus problemas em postos de saúde, unidades básicas ou policlínicas, enquanto 35,5% recorrem a prontos-socorros ou hospitais. Notavelmente, 21,2% não tomam nenhuma atitude para tratar suas condições de saúde.

Esses dados apontam para a necessidade de políticas de saúde pública que garantam o acesso e a adequação dos serviços de saúde para as pessoas em situação de rua, considerando as barreiras que elas enfrentam para obter cuidados. Além disso, é importante desenvolver programas de prevenção e educação em saúde que abordem as condições mais comuns e promovam hábitos saudáveis, incluindo o uso de preservativos e a redução do consumo de drogas.

As deficiências físicas e sensoriais são aspectos importantes a serem considerados ao abordar as necessidades da população em situação de rua. Segundo a pesquisa, 15,2% dos entrevistados relataram dificuldades de locomoção mesmo com o uso de aparelhos auxiliares, enquanto 3,9% necessitam de cadeiras de rodas ou muletas. Além disso, 35% dos entrevistados têm dificuldades visuais mesmo usando óculos, e 16,9% têm dificuldades auditivas mesmo com aparelhos auditivos.

No que diz respeito ao uso de preservativos, 40,9% dos entrevistados afirmaram usar sempre, 22,7%, às vezes, 13,3% não utilizam por não gostarem, 9,4% não praticam sexo, 4,9% não usam porque o parceiro ou parceira não gosta, e 4,4% não souberam explicar o motivo da não-utilização.

Esses dados ressaltam a importância de políticas públicas que promovam a acessibilidade e a saúde sexual para as pessoas em situação de rua. Programas de saúde que forneçam aparelhos auxiliares, óculos e aparelhos auditivos, bem como

---

educação sobre saúde sexual e distribuição de preservativos são essenciais para garantir o bem-estar dessa população.

A pesquisa sobre o uso de drogas antes e após a situação de rua fornece insights sobre o perfil de consumo de substâncias psicoativas entre os entrevistados. Antes de estarem em situação de rua, 65% declararam fazer uso de cigarro, 62,2%, de bebidas alcoólicas, 35%, de maconha, 28,1%, de crack e 22,7%, de cocaína. Notavelmente, 12,8% não faziam uso de nenhuma substância.

Após a situação de rua, o perfil de consumo de substâncias psicoativas mudou pouco. O uso de cigarro aumentou ligeiramente para 66,5%, enquanto o consumo de bebidas alcoólicas diminuiu para 56,7%. O uso de crack permaneceu estável em 35%, enquanto o consumo de maconha e cocaína alterou para 31,5% e 12,8%, respectivamente.

Em relação à frequência de uso, 55,7% dos entrevistados consumiam bebidas alcoólicas todos os dias, 34,8% consumiam alguns dias por semana e 9,6%, menos de uma vez por semana. Para outras drogas, 63,3% faziam uso diário, 24,5%, alguns dias por semana e 11,2%, menos de uma vez por semana.

Esses dados indicam que a situação de rua pode não ser um fator determinante para o início do uso de substâncias, mas pode influenciar a frequência de consumo. É importante que políticas públicas e programas de intervenção considerem essas informações para desenvolver estratégias eficazes de prevenção e tratamento, focando tanto a redução do uso de substâncias quanto o apoio à recuperação e reintegração social dos indivíduos.

Os dados sobre trabalho e renda dos entrevistados em situação de rua são fundamentais para entender as dinâmicas socioeconômicas que influenciam essa condição. A pesquisa mostra que 76,8% dos entrevistados já trabalharam com registro em CTPS (Carteira de Trabalho e Previdência Social). No entanto, 24,4% deles estavam há mais de 10 anos sem registro em carteira, 17,9% de 1 a 3 anos, 17,3% de 3 a 5 anos e 16,7%, de 5 a 10 anos. Apenas 13,5% estavam sem registro em carteira há menos de 6 meses, e 22,5% há menos de 1 ano. Além disso, 58,4% dos entrevistados estavam sem registro em carteira há mais de 3 anos.

---

As atividades profissionais exercidas antes da situação de rua variam, com 33% dos entrevistados tendo trabalhado na construção civil, 15,3%, em atividades industriais, 12,3%, em serviços de limpeza e cozinha, 10,8%, como ajudantes gerais, 5,4%, no comércio formal, 4,9%, em serviços de portaria, zeladoria e vigia, 3,9%, em serviço de transporte e 3,4%, em comércio ambulante e trabalho rural.

Esses dados indicam que muitos dos entrevistados possuem experiência profissional, mas enfrentam dificuldades para se manterem empregados ou para encontrarem novas oportunidades de trabalho. Isso ressalta a importância de políticas de emprego e programas de capacitação que possam facilitar a reintegração dessa população no mercado de trabalho, considerando suas habilidades e experiências prévias.

A situação atual de trabalho dos entrevistados reflete a complexidade da condição de vida nas ruas. 48,3% não estavam trabalhando, enquanto 30,5% realizavam trabalhos esporádicos (“bicos”), 13,8% trabalhavam por conta própria, 3,9% eram empregados com registro em carteira e 3,4% eram empregados sem registro. As atividades para ganhar dinheiro variam, com 27,1% coletando materiais recicláveis, 18,2%, na construção civil, 14,3%, no comércio ambulante, 12,8%, como ajudantes gerais, 12,8% pedindo dinheiro e 8,4% realizando serviços de limpeza.

Além do trabalho, uma parcela dos entrevistados recebe algum tipo de assistência governamental, com 36% recebendo Auxílio Brasil ou Bolsa Família, 7,9%, Benefício de Prestação Continuada (BPC), 3,9%, aposentadoria ou pensão, 2%, auxílio-doença e 0,5%, seguro-desemprego.

Esses dados são essenciais para entender as fontes de renda da população em situação de rua e a necessidade de políticas públicas que ofereçam suporte financeiro e oportunidades de trabalho digno. A diversidade de atividades e a dependência de programas de assistência social destacam a importância de estratégias integradas que abordem tanto a geração de renda quanto o suporte social para essa população vulnerável.

Os dados sobre a renda dos entrevistados em situação de rua em Joinville mostram uma distribuição variada. 23,8% dos entrevistados possuíam uma renda mensal entre R\$ 606,00 e R\$ 1.211,00, enquanto 22,9% tinham uma renda entre R\$

---

303,00 e R\$ 605,00. Surpreendentemente, 20% tinham uma renda entre R\$ 1.212,00 e R\$ 2.423,00, e o mesmo percentual de 20% recebia menos de R\$ 302,00 por mês.

Quanto aos gastos no dia da entrevista, 40,9% dos entrevistados não haviam gastado dinheiro com nada, 33% haviam comprado comida, 21,2% gastaram com bebida alcoólica, 17,7% com drogas e 9,4%, com refrigerante, água ou suco.

Essas informações são importantes para entender as condições econômicas da população em situação de rua e suas prioridades de gastos. A variação na renda sugere diferentes níveis de vulnerabilidade e capacidade de acesso a recursos. Além disso, os padrões de gastos indicam as necessidades imediatas e as escolhas feitas por esses indivíduos no uso de seus recursos limitados.

Os dados sobre educação da população em situação de rua em Joinville mostram que a maioria tem acesso à alfabetização e à educação formal. 92,6% sabem ler e escrever e 94,1% frequentaram a escola em algum momento. Entre os entrevistados, 23,6% concluíram o ensino fundamental, mas 50,8% não o concluíram. Aqueles que finalizaram o ensino médio representam 14,1% e 4,2% possuem ensino superior completo.

Esses números indicam que, apesar dos desafios enfrentados, muitos indivíduos em situação de rua têm um certo nível de educação formal, o que pode ser um fator positivo para programas de reintegração social e profissional. No entanto, a alta taxa de não-conclusão do ensino fundamental sugere que há barreiras significativas que dificultam a continuidade da educação formal para essa população.

É importante que políticas públicas e programas educacionais sejam desenvolvidos para atender às necessidades específicas das pessoas em situação de rua, oferecendo oportunidades de educação continuada e capacitação profissional que possam ajudar na sua reintegração à sociedade.

Os dados sobre o acesso a serviços de assistência social nos últimos 6 meses revelam que uma parcela significativa da população em situação de rua em Joinville tem recorrido a esses recursos. 51,7% dos entrevistados foram atendidos no Centro Pop, que oferece serviços especializados para essa população. O Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) atendeu 36%, demonstrando seu papel

---

importante no suporte à população em situação de vulnerabilidade. Outros serviços, como as casas de passagem e as equipes de abordagem social, atenderam 6,4% cada, enquanto o Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) e o consultório na rua atenderam 3,4% e 3%, respectivamente.

Esses números indicam que os serviços de assistência social são fundamentais para o apoio à população em situação de rua, oferecendo desde acolhimento até atendimento especializado. No entanto, também sugerem que há espaço para ampliar o alcance desses serviços, garantindo que mais pessoas tenham acesso ao suporte necessário.

É essencial que políticas públicas continuem a fortalecer e expandir esses serviços, assegurando que as necessidades da população em situação de rua sejam atendidas de forma eficaz e humanizada.

A questão do acesso à alimentação é um aspecto crítico na vida das pessoas em situação de rua. É preocupante que 36% tenham relatado passar um dia inteiro sem comer por não conseguirem acesso à comida. A utilização de restaurantes populares por 36,9% dos entrevistados mostra a importância desses estabelecimentos como uma fonte de alimentação acessível. Além disso, 29,1% recebem comida de restaurantes, bares ou lanchonetes, e 23,6% são alimentados por pessoas que passam nas ruas, o que indica uma dependência da generosidade alheia.

Os serviços da prefeitura são uma fonte de alimentação para 20,2% dos entrevistados, enquanto 14,3% compram sua própria comida em restaurantes, bares ou lanchonetes. Uma minoria, 3,9%, recebe comida de pessoas que distribuem nas ruas, e 2,5% coletam ou fazem a própria comida. Esses dados refletem a diversidade de estratégias de sobrevivência adotadas por essa população para atender às suas necessidades básicas de alimentação.

É essencial que políticas públicas e iniciativas sociais continuem a se esforçar para garantir que ninguém fique sem acesso a alimentos nutritivos e que haja suporte suficiente para aqueles em situação de vulnerabilidade. A segurança alimentar é um direito humano básico e deve ser uma prioridade nas agendas de assistência social.

---

O acesso à água é um direito humano essencial, e os dados coletados mostram que as pessoas em situação de rua em Joinville utilizam uma variedade de fontes para obtê-la. 40,9% conseguem água em postos de gasolina ou outros estabelecimentos comerciais, o que indica uma dependência da boa vontade dos comerciantes locais. As casas de passagem são uma fonte para 28,6% dos entrevistados, enquanto 26,1% recorrem a fontes naturais, como bicas ou minas. O Centro Pop fornece água para 15,8%, igrejas fornecem para 13,8% e residências de desconhecidos, para 13,3%.

Para higiene pessoal, 37,9% utilizam as casas de passagem para tomar banho ou se limpar, o que ressalta a importância desses serviços. Outros 26,1% se limpam nas ruas com água obtida de diferentes lugares e 16,3% usam postos de gasolina. A higiene no Centro Pop é uma opção para 14,8%, em igrejas, para 11,3%, e em casa de amigos, para 10,8%. É preocupante que 9,9% informaram que não costumam tomar banho, o que destaca a necessidade de mais recursos de higiene acessíveis.

Quanto às necessidades sanitárias, 49,8% usam postos de gasolina, 31,5% usam serviços de acolhimento institucional e 27,1% usam banheiros públicos para defecar. Infelizmente, 18,7% recorrem às ruas, o que indica uma falta de acesso a instalações sanitárias adequadas. Casas de passagem e igrejas são utilizados por 12,8% e 10,8%, respectivamente.

Esses dados sublinham a necessidade de políticas públicas que garantam o acesso universal a água potável, bem como instalações de higiene e sanitárias adequadas para todas as pessoas, independentemente de sua situação habitacional. A dignidade humana e a saúde pública dependem da disponibilidade desses recursos básicos.

As necessidades básicas de vestuário e higiene são fundamentais para a dignidade e o bem-estar das pessoas em situação de rua. Os dados coletados mostram que 28,1% das pessoas recebem roupas de doações nas ruas, enquanto 24,6% lavam suas próprias roupas em serviços oferecidos pela prefeitura. Outros 19,2% recebem roupas de comércio ou amigos, e 12,8% recebem em serviços de

---

acolhimento institucional. No entanto, é preocupante que 8,4% não utilizem roupas limpas.

Quanto ao acesso a calçados, 42,4% recebem de transeuntes, 28,6% recebem nas casas de passagem, 16,7% compram seus próprios calçados e 6,9% não utilizam calçados. Isso destaca a importância de doações e serviços de assistência para atender a essas necessidades básicas.

Entre as pessoas que menstruam, 71,4% sempre utilizam absorventes, o que é positivo. No entanto, 19% recorrem a pedaços de pano ou papéis como alternativa, e 4,8% não utilizam nada — ou apenas usam pedaços de pano ou papéis —, o que indica uma necessidade de maior acesso a produtos de higiene menstrual.

Esses dados ressaltam a importância de políticas públicas e iniciativas de apoio que forneçam vestuário, calçados e produtos de higiene, de forma acessível e regular para as pessoas em situação de rua, garantindo que suas necessidades básicas sejam atendidas e sua dignidade seja preservada.

Os resultados da pesquisa mostram que as atividades de lazer e diversão para a população em situação de rua em Joinville são limitadas. Nota-se que, 27,6% dos entrevistados disseram que não se divertiam, o que destaca a dura realidade enfrentada por essas pessoas. No entanto, 26,1% encontram algum alívio frequentando parques públicos e 17,7%, desfrutam da companhia de amigos ou conhecidos nas ruas. O consumo de bebidas alcoólicas é uma forma de lazer para 17,2%, enquanto 13,8% usam drogas.

Esses dados indicam a necessidade de mais espaços e atividades de lazer inclusivos que sejam acessíveis à população em situação de rua, proporcionando alternativas saudáveis e seguras para o entretenimento e a socialização. A criação de programas de lazer e a inclusão social podem desempenhar um papel significativo na melhoria da qualidade de vida desses indivíduos.

Os motivos que levaram os entrevistados a estarem em situação de rua são complexos e multifacetados. 59,1% indicaram conflitos familiares como a principal razão, o que destaca a importância das relações familiares na estabilidade habitacional. A dependência de álcool foi citada por 20,2% e a perda de trabalho, por

---

17,2%, mostrando que questões de saúde e emprego são fatores críticos. A dependência de drogas foi mencionada por 14,8% e a perda da moradia, por 12,8%. A soma dos percentuais de pessoas com problemas com álcool ou outras drogas é de 35%, indicando que o abuso de substâncias é um problema significativo entre essa população.

Quanto ao tempo sem uma casa para morar, 23,6% estão nessa situação há menos de 1 ano e 21,2%, há mais de 10 anos. Isso mostra uma variação no tempo que as pessoas estão em situação de rua, com 14,8% entre 1 e 2 anos, e 12,3% entre 5 e 10 anos. Interessantemente, 48% dos entrevistados viviam em Joinville quando perderam a condição de ter uma moradia, e o mesmo percentual foi direto para as ruas ou para um serviço de acolhimento institucional. Outros 51% foram para outros lugares, com 23,1% indo para pensões ou hotéis, 10,6% indo para casa de amigos e 5%, para casa de parentes.

Em relação ao tempo vivendo nas ruas, 38,1% dos entrevistados disseram que foi há menos de 6 meses, 28,6% entre 1 e 3 anos, 14,3% de 5 a 10 anos e 9,5%, há mais de 10 anos. Esses dados refletem a diversidade de trajetórias e a urgência de abordagens personalizadas para atender às necessidades dessa população, incluindo suporte para resolver conflitos familiares, tratamento para dependência de substâncias e assistência para encontrar emprego e moradia.

Os vínculos familiares das pessoas em situação de rua em Joinville, antes e depois de estarem nessa condição, revelam mudanças significativas em suas vidas. Antes de estarem em situação de rua, 40,9% viviam com companheiro(a), marido ou mulher, 24,1% viviam sozinhos, 20,3% viviam com filhos, 17,2% com mãe ou madrasta e 11,3%, com pai ou padrasto. Após estarem em situação de rua, a maioria, 78,8%, declara viver sozinha, 11,8% continuam vivendo com companheiro(a), marido ou mulher, e 5,4% com amigos.

É notável que 43,3% dos entrevistados perderam o contato com suas famílias após estarem em situação de rua, o que pode contribuir para o isolamento e a dificuldade em superar essa condição. No entanto, 29,6% ainda mantêm contato com a família pelo menos uma vez por mês, o que pode oferecer algum suporte emocional e potencialmente ajudar na superação da situação de rua.

---

Essas informações são cruciais para entender as redes de apoio social das pessoas em situação de rua e a importância de políticas públicas que promovam a reconexão familiar e o fortalecimento de laços sociais. A assistência social pode desempenhar um papel vital em facilitar esses contatos e oferecer suporte para a reconstrução de relações familiares saudáveis.

A trajetória das pessoas em situação de rua muitas vezes inclui a passagem por diversas instituições, e em Joinville, essa realidade não é diferente. 57,1% dos entrevistados já haviam passado por alguma instituição, seja clínicas ou hospitais psiquiátricos, unidades prisionais ou serviços de acolhimento institucional durante a infância ou adolescência. Entre esses, 24,6% passaram por instituições do sistema prisional, 22,2% passaram por instituições para tratamento de dependência química, 4,9% por hospitais psiquiátricos, 3,4% por instituições do sistema socioeducativo e 1,5%, por serviços de acolhimento institucional para crianças e adolescentes.

Esses dados indicam que muitas pessoas em situação de rua têm históricos complexos, que incluem interações com o sistema de justiça e saúde mental. Isso ressalta a importância de abordagens integradas e multidisciplinares nos serviços de assistência social, que considerem as experiências passadas e ofereçam suporte adequado para superar os desafios enfrentados por essa população.

A passagem pelo sistema prisional e socioeducativo é uma realidade para muitos que se encontram em situação de rua. Entre aqueles que estiveram no sistema prisional, 57,4% passaram por penitenciárias, 20,4% passaram por cadeias públicas, 14,8% por cadeias de delegacias e 5,6%, por Centros de Detenções Provisórias. Após a saída do sistema prisional, 44,4% foram direto para as ruas, enquanto 42,6% foram para casa de algum familiar, 3,7% foram para casa de amigos e 1,9%, para algum serviço de acolhimento institucional.

No que diz respeito ao sistema socioeducativo, 30,8% dos entrevistados passaram por casas de semiliberdade e centros de atendimento socioeducativo, 15,4% passaram por centros de atendimento socioeducativo provisório, e 23,1% não souberam indicar o nome da instituição. Ao saírem dessas instituições, 61,5% foram para casa de familiares e 30,8% foram direto para as ruas, com 7,7% indo para casa de amigos.

---

Esses dados mostram a importância de um suporte contínuo e eficaz para a reintegração social após a saída de instituições prisionais e socioeducativas, a fim de evitar que as pessoas acabem em situação de rua. Políticas públicas e programas de assistência devem focar a criação de oportunidades de moradia, emprego e apoio social para esses indivíduos, contribuindo para uma transição mais suave para a vida comunitária.

A mobilidade das pessoas em situação de rua em Joinville é um aspecto importante para entender suas experiências e necessidades. A maioria dos entrevistados, 56,2%, permanece na mesma região da cidade desde que se encontram em situação de rua, o que pode indicar a formação de uma comunidade ou a existência de recursos locais que atendem às suas necessidades. Por outro lado, 25,1% já permaneceram em regiões diferentes, e 16,7% mudam de região com frequência, o que pode refletir a busca por melhores oportunidades ou condições de vida.

Os motivos para permanecer no mesmo lugar incluem receber ajuda de muitas pessoas (43%), sentir mais liberdade (29,8%), encontrar facilidade para conseguir trabalho ou dinheiro (17,5%), ter oferta de serviços (17,5%), ficar perto do(a) companheiro(a) e ter muitos locais para passar a noite (6,1%). Esses fatores destacam a importância do suporte comunitário e da acessibilidade a serviços essenciais.

Em contraste, aqueles que mudam de lugar frequentemente o fazem em busca de trabalho (50,6%), devido a conflitos com outras pessoas em situação de rua (14,6%), falta de segurança ou ameaças de morte (13,5%), presença de traficantes (5,6%), repressão policial ou da guarda (4,5%) e presença de usuários de drogas (3,4%). Estes motivos refletem os desafios enfrentados e a necessidade de ambientes seguros e acolhedores.

Essas informações são valiosas para a criação de políticas públicas e intervenções sociais que considerem a mobilidade e as razões que influenciam as decisões das pessoas em situação de rua, visando oferecer suporte adequado e melhorar suas condições de vida.

Os resultados da pesquisa amostral destacam os principais fatores que as pessoas em situação de rua em Joinville acreditam que as ajudariam a mudar sua

---

situação. 33,5% apontaram a necessidade de ter uma moradia permanente como o principal meio para deixar a situação de rua. Isso ressalta a importância de programas habitacionais acessíveis e sustentáveis, que possam fornecer um lar estável para essa população vulnerável.

Ter um emprego fixo foi mencionado por 25,1% dos entrevistados, indicando a necessidade de oportunidades de trabalho digno e inclusivo que possam oferecer segurança financeira e um sentido de propósito. Superar a dependência de álcool ou outras drogas foi citado por 14,8%, o que destaca a importância de serviços de saúde mental e tratamento de dependências eficazes e acessíveis.

Retornar à casa de familiares foi uma opção para 9,9%, sugerindo que a reconexão e o apoio familiar podem ser caminhos viáveis para alguns. Além disso, 6,9% acreditam que receber algum benefício de renda os ajudaria, o que aponta para a necessidade de suporte financeiro para aqueles que estão lutando para atender às suas necessidades básicas.

Essas informações são cruciais para o desenvolvimento de políticas públicas e programas de assistência social que abordem as causas e as soluções para a situação de rua, de maneira holística e integrada, garantindo que as necessidades e desejos das pessoas afetadas sejam atendidos de forma eficaz.

---

## 5. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARAUJO, CLR de. **Gestão Social da População em Situação de Rua na Cidade de Vitória/ES**. 2014. 185 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Programa de Pós-graduação em Política Social, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Pesquisa nacional sobre a população em situação de rua**. Brasília, 2008.

GREGORI, M. F. **Viração: experiências de meninos nas ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea. Nota Técnica N° 103: ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL (2012-2022). Disoc - Diretoria de Estudos e Políticas Sociais. 2023. Disponível em: **NT\_103\_Disoc\_Estimativa\_da\_Populacao.pdf (ipea.gov.br)**. Acesso em 17 de setembro de 2023.

KASPER, C. P. **Habitar a rua**. 2006. 226 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2006.

MACHADO, S. A. **O processo de rualização e o Sistema Único de Assistência Social (SUAS): uma interlocução necessária entre proteção social básica e proteção social especial**. 2012. 129 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MARCOLINO, S. C. **Saída das ruas ou reconstrução de vida: a trajetória de estudantes universitários ex-moradores de rua em São Paulo**. 2012. 82 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MEDEIROS, A. **Pessoas em situação de rua - a saída para a saída: um estudo sobre pessoas que saíram da rua**. 2010. 187 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

PEREIRA, Potyara A. P., **Necessidades Humanas**: subsídios a crítica dos mínimos sociais – 6.ed.– São Paulo: Cortez, 2011.

PEREIRA, Potyara Amazoneida. P. **Política Social**: temas e questões. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 214 p.

PRATES, J. C.; PRATES, C.; MACHADO, S. Populações em situação de rua: os processos de exclusão e inclusão precária vivenciados por este segmento. **Temporalis**, Brasília, v. 11, n. 22, p. 191-215, jul./dez. 2011.

RIZZINI, I. **Vida nas ruas** - crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis? Rio de Janeiro: Loyola, 2003.

ROSA, C. M. M. **População de rua: Brasil e Canadá**. São Paulo: Hucitec, 1995.

SILVA, M. L. L. **Trabalho e população em situação de rua no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

STOFFELS, M. G. **Os mendigos na cidade de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

## ANEXO I

**QUADRO - DESCRIÇÃO DOS DISTRITOS  
CENSITÁRIOS E BAIRROS**

DISTRITO	BAIRRO	Total ou Parte
1	ATIRADORES	PARTE
	ANITA GARIBALDI	PARTE
	BUCAREIN	PARTE
	AMÉRICA	PARTE
	CENTRO	TOTAL
2	SANTO ANTÔNIO	TOTAL
	ZONA INDUSTRIAL NORTE	PARTE
	BOM RETIRO	TOTAL
	IRIRIÚ	TOTAL
	SAGUAÇU	TOTAL
	RIO BONITO	TOTAL
	JARDIM SOFIA	TOTAL
	JARDIM PARAÍSO	TOTAL
	VILA CUBATÃO	TOTAL
	PIRABEIRABA	TOTAL
	ESPINHEIROS	TOTAL
	DONA FRANCISCA	TOTAL
	BOA VISTA	TOTAL
	ZONA INDUSTRIAL TUPY	TOTAL
	COMASA	TOTAL
JARDIM IRIRIÚ	TOTAL	
AVENTUREIRO	TOTAL	
3	ATIRADORES	PARTE
	ANITA GARIBALDI	PARTE
	AMÉRICA	PARTE
	ZONA INDUSTRIAL NORTE	PARTE
	MORRO DO MEIO	TOTAL
	VILA NOVA	TOTAL
	SAO MARCOS	TOTAL
	NOVA BRASÍLIA	TOTAL
	COSTA E SILVA	TOTAL
	GLÓRIA	TOTAL

4	ANITA GARIBALDI	PARTE
	BUCAREIN	PARTE
	FLORESTA	TOTAL
	PROFIPO	TOTAL
	BOEHMERWALD	TOTAL
	PETRÓPOLIS	TOTAL
	JOÃO COSTA	TOTAL
	JARIVATUBA	TOTAL
	ITAUM	TOTAL
	ITINGA	TOTAL
	PARQUE GUARANI	TOTAL
	PARANAGUAMIRIM	TOTAL
	SANTA CATARINA	TOTAL
	ULYSSES GUIMARÃES	TOTAL
	ADHEMAR GARCIA	TOTAL
	FÁTIMA	TOTAL
GUANABARA	TOTAL	

